

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Camila Machado Garcia de Lima

**SONÁRIO DO SERTÃO:
ACERVO E MEMÓRIA DE EXPERIÊNCIAS SONORAS**

Brasília, 2019

CAMILA MACHADO GARCIA DE LIMA

**SONÁRIO DO SERTÃO:
ACERVO E MEMÓRIA DE EXPERIÊNCIAS SONORAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestra em comunicação social pela linha de pesquisa Imagem, Som e Escrita.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva

Brasília

2019

2

CAMILA MACHADO GARCIA DE LIMA

**SONÁRIO DO SERTÃO:
ACERVO E MEMÓRIA DE EXPERIÊNCIAS SONORAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de mestra. Linha de Pesquisa: Imagem, Som e Escrita.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva

Presidente e Orientador – Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Prof.^a. Dr.^a. Gabriela Freitas

Membro - Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Prof.^a. Dr.^a. Luiza Spindola

Membro externo

Prof.^a. Dr.^a. Susana Dobal

Suplente – Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Brasília, 2019

DEDICATÓRIA

Para as camponesas e camponeses do Sertão
que alimentam de comida e de sons o Brasil.

AGRADECIMENTOS

Aos narradores do sertão que contaram os sons durante a pesquisa: Dona Cici e Seu Zé de Citonho, Dona Alaíde, Dona Joanhina, Dona Isabel, Seu Hermes, Xaxá, Dona Firmina e Seu Zé Ernesto, Tia Creuza, Dona Socorro, Dona Lindalva, Seu Nor, Zeca, Seu Betinho, Lene e Dado, Albeir e Carlito, Seu Joaquim e Dona Luiza, Nel, Dona Maria e Seu Antônio, Dona Bidu e Dona Ester.

Aos sambadores Dona Mira, Seu Zeca, Dona Nair, Lena e família.

Ao Digitório de Raul e todos seus participantes, ao Cariru de Dona Raimunda e de Dona Maria, à Novena de Santo Antônio na casa de Dona Maria e Seu Antônio, de Nossa Senhora Aparecida na casa de Brás e Antônia, ao Bar do Trecho de Carlinhos, à Renovação de Dona Neta, à Visita na casa de Dona Francisca, ao Samba na casa de Raul, ao Aboio de Manuelito, à banda de pífanos de Várzea Queimada (BA).

Ao Movimento dos Pequenos Agricultores e à luta pela democratização e pela vida na terra.

Aos co-realizadores da pesquisa de sons: Érica Anne dos Santos, Eulália dos Santos, Vani e Rigoberto Alves

Aos participantes das oficinas e co-autores na gravação dos sons: Ana Cleide da Silva Carmo, Ana Luiza Carmo de Souza, Andréia Lins, Ariane dos Santos Batista, Eliana Batista de Lima, Girleane de Siqueira, Leidiane de Siqueira Carmo, Rayanne de Souza Lins, Vanessa da Silva Carmo, Aelson Silva dos Santos, Denise da Silva Santos, Emerson Silva dos Santos, Gilberto da Conceição Borges, Gilberto da Conceição Borges, Valdilei Santos da Silva, Valdinei Santos da Silva, Valdione Santos da Silva, Welington Pinheiro de Sousa, Adilson Neves dos Santos, Alessandra Jesus dos Santos, Aneicia Jesus dos Santos, Cleidiane dos Santos Pereira, Crispiniano Pereira, Daniel Santos, Edivan Souza de Jesus, Elenilda Jesus dos Santos, Genilson Jesus de Sena, Gilmara Santos de Jesus, Jaciane Jesus Santos, Jaciene Jesus dos Santos, Jaiane dos Santos, Jailton Jesus Santos, Jandeilson Jesus dos Santos, Jaridison Neves dos Santos, Joclecia Jesus dos Santos, Josielma Jesus Santos, Laelson Cruz de Jesus, Leilde Jesus dos Santos, Lenildo Santos, Luana Cruz de Jesus, Romilson Santos de Jesus, Sirlane Jesus de Sena e Vandeilson Jesus dos Santos.

À acolhida de Eminha, Dona Cici, Dona Lindalva, Aline, Janete, Janilde, Josineide, Leidy, Rosângela e Vanilde. Ao apoio no deslocamento de Carlos Souza, Ebson Danilo Oliveira, Erasmo Marques de Oliveira, Mitô e Valdilei Nem.

Às Famílias de Bodocó (PE), Várzea Nova (BA), Várzea Queimada (BA), Pau d'arquinho (BA), Junco (BA) e Ponto Novo (BA).

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos concedida durante os dois anos do mestrado. Ao edital Rumos pelo apoio financeiro ao projeto artístico da Biblioteca de Sons do Sertão.

Ao Gustavo Castro, pela orientação sensível e afetiva, por apertar e afrouxar, sossegar e desinquietar, pela alegria e coragem. À Lívia, pela troca e mesa dividida na BCE até o último dia de escritura da dissertação. Mark, Andréa, pelos encontros, onde recriávamos o que aprendíamos. Ao grupo de estudantes do mestrado, pelo espaço de apoio, informação e angústias. Ao professor Pedro Russi pelas aulas e ânimo desde o ingresso ao mestrado. Ao Leno Veras, por me dar o Sonário ou fazer ele florescer dentro de mim. Aos leitores do texto da qualificação, Juliana Izete, Luís Magno e Vinícius Fernandes. Pablo Gonçalo e Ciro Inácio, pelos comentários atentos na banca de qualificação. Ao grupo de pesquisa Siruiz, aos colegas Leandro, Ana e Alan pelo apoio e brilho nos olhos. Ao Victor Cruzeiro, pela presença e afeto, dentro e fora da academia. Ao auxílio carinhoso de Ítalo Hauer no tratamento final das imagens. À turma de audiovisual da UnB, por despertarmos juntos os ouvidos.

À Roberta Garotti, irmã, amiga e escuta, por segurar a barra em casa durante todo o processo. Ao Flavio Franco por compartilhar os caminhos com trocas e apoios desde os primórdios dos nossos cinemas. À Jocelina, irmã que ganhei, um acalanto e abraço nas suas leituras acadêmicas e da vida. À minha mãe Maria Alice e minha Tia Lena, pelo cuidado incondicional e por sempre acreditarem. À minha irmã Marília e sobrinhos Amaru e Kamini, por me tirarem do mundo sentado para aproveitar a vida por toda a pele. Ao Agê, sempre.

Ao meu filho, Martin, que cresceu no meu ventre junto com esta dissertação e me ajudou a maravilhar e criar. Ao Cássio Oliveira, um amor que, como os ventos e sons invisíveis, veio derepente e se constrói a cada carinho no mais profundo da pele.

*O senhor vê:
o remôo do vento nas palmas dos buritis todos,
quando é ameaço de tempestade.
Alguém esquece isso?
O vento é verde.
Aí, no intervalo,
o senhor pega o silêncio põe no colo.
Eu sou donde eu nasci.*

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

RESUMO

Esta pesquisa investiga um acervo de sons captados nos sertões de Pernambuco e da Bahia. Estes sons são um caminho epistêmico para os estudos na comunicação e o alicerce da pesquisa são as noções da cultura do ouvir (Norval Baitello Jr.), paisagem sonora (Murray Schafer) e sonosfera (Peter Sloterdijk). O objetivo é realizar um inventário de sons da região, a partir da importância afetiva, cultural e social do imaginário sonoro ou, como propomos, o Sonário. Optamos pelo caminho da razão poética, que forneceu os procedimentos para poder decifrar e perceber o universo sonoro do sertão, a partir dos elementos trazidos pelo cotidiano, pela memória, nas práticas e evocações religiosas, ritualísticas e nas músicas. A partir da imersão em campo, de oficinas e residências, além da análise dos mais de mil arquivos, foi possível esboçar um painel deste imaginário, que se encontra no banco de dados formado e disponível para o acesso, pesquisa e fruição. Dos sons captados durante as viagens etnográficas pelo sertão, pudemos classificá-los em Memórias e Narrativas, Festas e Tradição, Cotidiano e Paisagens. No decorrer desta pesquisa pretendemos demonstrar, com a argumentação teórica e a experiência trazida da coleta dos sons, que a formação cultural, artística e individual das comunidades envolvidas se ancora na produção e escuta dos sons, tendo estes como sua principal aliança com o mundo presente e também com o mundo virtual e invisível.

Palavras-chave: imaginário, som, sertão, acervo, sonário, comunicação

ABSTRACT

This research investigates a collection of sounds recorded in Pernambuco and Bahia. These sounds are an epistemic path for studies in communication and the foundation of research are the culture of listening (Norval Baitello Jr.), soundscape (Murray Schafer) and sonosphere (Peter Sloterdijk). The objective is to inventory sounds from the region, based on the affective, cultural and social importance of the sound imagery, or, as we propose, the Sonario. We opted for the poetic reason, which provided us the procedures to be able to decipher and perceive the sound universe, from the elements brought by daily life, memory, ritual and religious practices and music. From the field immersion, experienced in workshops and artistic residency, and from the analysis of more than a thousand archives, it was possible to sketch a panel of this imaginary, located at a sound database and available for access, research and enjoyment. From the sounds captured during the ethnographic journeys, we could classify them in Memories and Narratives, Festivities and Tradition, Daily life and Landscapes. In the course of this research we intend to demonstrate, with the theoretical argument and the experience, that the cultural, artistic and individual formation of the involved communities anchors in the production and listening of sounds, having these as their main alliance with the present world and also with the virtual and invisible world.

Keywords: imaginary, sound, sertão, collection, sonário, communication

Lista de Figuras

Figura 1 - QR code 1 para link de sons referentes à Introdução	13
Figura 2 - QR code 2 para link de sons referentes ao capítulo “Os sons dos grilos chegavam em nós feito flecha”	27
Figura 3 - QR code 3 para link de sons referentes ao capítulo “Experiências e imaginários sonoros”	86
Figura 4 - QR code 4 para link de sons referentes ao capítulo “Conclusões”	105

SUMÁRIO

1. Introdução	13
1.1 Interesses, objetivos, capítulos e metodologias	13
1.2 Oficinas, registros e comunidades	19
2. Os sons dos grilos chegavam em nós feito uma flecha	27
2.1 Escrever sons – neologismos de Guimarães Rosa e a metáfora sertaneja	28
2.2 Silêncio, quietude e “domingozinho de tranquilidade”	31
2.3 Sertão – “dentro da gente, de noite, sozinho”	33
3. Acervo do Sonário do Sertão	42
3.1 Cotidiano	43
3.1.1 Bodocó (PE)	43
3.1.2 Várzea Nova/Ponto Novo/Junco (BA)	48
3.2 Festas e Tradição	55
3.2.1 Bodocó (PE)	56
3.2.2 Várzea Nova/Junco (BA)	59
3.2.3 Várzea Queimada (Bahia)	62
3.3 Memória e Narrativas	68
3.3.1 Bodocó (PE)	69
3.3.2 Várzea Nova e Junco (BA)	74
3.4 Paisagem	80
3.4.1 Bodocó (PE)	81
3.4.2 Várzea Nova (BA)	83
3.4.3 Várzea Queimada	84
4. Experiências e imaginários sonoros	85
4.1 O vento e os diálogos com o invisível	85
4.2 Os pássaros, uma conversa cotidiana e mágica	92
4.3 “Tudo nesta vida é bem cantável”	97
4.4 Zoadas: radio, moto e panela de pressão	100
5. Conclusões	104
REFERÊNCIAS	109
FONTES CONSULTADAS	111
ANEXOS	112
ANEXO I	113
ANEXO II	114
ANEXO III	115
ANEXO IV	116

APÊNDICES	117
Apêndice 1.1- Cotidiano	118
Apêndice 1.2 – Festas e Tradição.....	140
Apêndice 1.3 – Memória e Narrativas.....	154
Apêndice 1.4 – Paisagem	163

1. Introdução

QR Code 1¹



Fonte: autoria própria (2019)

1.1 Interesses, objetivos, capítulos e metodologias

Esta pesquisa surge do projeto artístico de formação de acervo de arquivos sonoros, inicialmente chamado de Biblioteca de Sons do Sertão e posteriormente batizado de Sonário do Sertão². Desenvolvido e apoiado pelo edital Rumos do Itaú Cultural³ na área de música e som, foi realizado a partir de 2016, em paralelo e em diálogo com o mestrado na linha de Imagem, Som e Escrita do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG-FAC/UnB). O projeto Biblioteca de Sons do Sertão tem um vínculo direto com a pesquisa Sonário do Sertão e possibilitou um apoio institucional e financeiro para a realização de diversas viagens ao sertão, permitindo a experiência de campo e coleta, ou colheita⁴, de sons durante o primeiro ano da pesquisa do mestrado. As experiências de ambas, campo e academia, entraram em ressonância, uma retroalimentando a outra, trazendo, a seu modo, respiros e compreensões, que talvez, se seus caminhos fossem separados, não haveria como pensar e melhor explorar o que a pesquisa se propõe a investigar. Portanto, ela se baseia em um projeto experimental de imersão auditiva e também analítico dos sons capturados em três

¹ Sugerimos a escuta de alguns sons durante a leitura deste capítulo. Para acesso à lista de sons, baixe o aplicativo QR Code Reader disponível para celulares IOS e Android e capte a imagem acima.

² O projeto artístico combina memória, patrimônio imaterial com tecnologias de registro e gravação. Possui várias etapas que incluem oficinas, residências artísticas e instalações sonoras. No final de 2018, o projeto foi agraciado com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade que reconhece projetos que incentivam, valorizam e divulgam o patrimônio cultural brasileiro. Um dos resultados do projeto é o *site* Sonário do Sertão e pode ser acessado em <http://sonariodosertao.com/>.

³ O Itaú Cultural é um instituto voltado para a pesquisa, produção de conteúdo e para o mapeamento, o incentivo e a difusão de manifestações artístico-intelectuais. Pode ser acessado no link <http://www.itaucultural.org.br/>. O Sonário do Sertão participou da edição 2015-2016.

⁴ A palavra “colheita” vai nos servir como metáfora da gravação de sons, nos aproximando assim de termos utilizados no campo para a relação com a roça e o ambiente sonoro.

meses de pesquisa de campo em Bodocó (PE), Várzea Nova (BA) e Várzea Queimada (BA), regiões do semiárido brasileiro.

O interesse inicial da pesquisa versa entorno da palavra “Sonário”, um neologismo que foi elaborado durante o processo de criação artística. Ela se tornou uma noção que nos guiará e que abarca tanto a palavra imaginário, quanto inventário. Na primeira possibilidade de leitura de “Sonário” há numa troca de sua raiz de “imagin” para “son”, tensionando uma mudança de perspectiva, não numa intenção totalizante, mas sim instigadora de refletir o quanto a percepção de sons pode fazer parte do imaginário coletivo e individual. A segunda se aproxima à noção de inventário e nos leva a refletir sobre a formação de um acervo que compõe um arcabouço cultural, nos aproximando ao patrimônio imaterial possível de ser inventariado quando nos debruçarmos pelos sons do sertão. A formação de um acervo sonoro sertanejo nos remete a uma série de projetos que tinham como objetivo conhecer e divulgar a realidade cultural nacional, tais como as Missões Folclóricas de Mário de Andrade⁵, as pesquisas de Câmara Cascudo⁶, as coletâneas de Marcus Pereira⁷. Entendemos esses projetos como parte da tradição brasileira de registro sonoro da qual podemos partir. Eles nos inspiram, são nossos antepassados, às vezes com mais afinidade, às vezes em caminhos opostos.

O principal objetivo da pesquisa é inventariar esse acervo de sons colhidos em locais e períodos específicos para delinear e compor uma partitura do imaginário sonoro do sertão, que faz parte do patrimônio cultural brasileiro, pois esse imaginário abarca expressões culturais e tradições ancestrais preservadas por um grupo de indivíduos, para preservação e divulgação para gerações futuras. Nesse nosso inventário sonoro, os saberes, as formas de expressão, as celebrações e as festas, lendas, músicas e costumes, estão apresentadas através de ondas sonoras captadas. Para nós, a importância de delinear um acervo que reflète o imaginário sonoro do sertão se dá pois entendemos que a

⁵ Mário de Andrade, quando dirigiu a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, em 138, organizou uma Missão de Pesquisas Folclóricas que percorreu o Norte e o Nordeste documentando a cultura popular. Trata-se da primeira documentação sobre folclore realizada em mais de trinta localidades em seis estados brasileiros, registrada em vídeo, áudio, imagens, anotações musicais. Damos especial atenção para a “Discoteca Oneyda Alvarenga”, concebida por Mário de Andrade, que conta com um acervo especializado em música. Acesso no <http://centrocultural.sp.gov.br/discoteca/>.

⁶ Etnólogo e antropólogo que pesquisou o folclore brasileiro, realizando estudos etnográficos, que incluem cultura popular e música. Conheceu e se correspondeu com Mário de Andrade à época das Missões Folclóricas do último.

⁷ As coletâneas de música regional e popular fazem parte de um selo independente fundado em 1973. Indo contra a dominação do mercado fonográfico brasileiro pelas multinacionais, Marcus Pereira faz pesquisas e gravações em todas regiões brasileiras e lança quatro volumes para cada região com as músicas tradicionais de cada uma.

formação dos seres humanos, como seres culturais e comunitários, tem uma de suas origens na experiência sonora, sendo o sentido de audição um dos seus principais aliados. A imersão do indivíduo na comunidade sonora a qual ele faz parte é moldador da cultura, individualidade e percepção de mundo. Para nos ajudar a refletir sobre isso, dialogaremos com Norval Baitello Jr. (2005), Murray Schafer (1991, 1997, 2006), Peter Sloterdijk (2016) e Steven Feld (2012), que propõem a “Cultura do Ouvir” e o vínculo entre a “Paisagem Sonora” e a formação de comunidades sonoras. De Baitello Jr. vamos entender a “Cultura do Ouvir” como proposta para adentrar no sertão e aguçar a percepção auditiva; Schafer cunha o conceito de “Paisagem Sonora” que nos guia na identificação do ambiente em que nos encontramos; Peter Sloterdijk adentra na construção do indivíduo para vinculá-lo a “Comunidades Sonosféricas” que são as responsáveis pelo primeiro acolhimento no mundo e desenvolvimento do pertencimento a um grupo; finalmente, Steven Feld cria o estudo chamado “Acustemologia”, que se refere à acústica como epistemologia, sendo nesta a estrutura sonora fundamental para pensar as estruturas sociais. No capítulo “Os sons dos grilos chegavam em nós feito uma flecha”, aprofundaremos nesse referencial teórico que o Sonário do Sertão se relaciona.

A partir da imersão auditiva e com diversas metodologias envolvidas no encontro com os sons, somado à leitura e aprofundamento no referencial teórico, os interesses da pesquisa foram se delineando e se aprimorando: as experiências partilhadas que tenham o som como um dos seus principais disparadores; a escuta como modo de presença e compreensão do mundo; o território sonoro partilhado; o som como potencial de interligação entre diversos mundos, unindo presente e passado, realidade e sonho, corpo e espírito, o visível e o invisível. Estes interesses serão abordados no decorrer desta dissertação, tendo como principal matéria a experiência etnográfica das idas a campo, as memórias e o material sonoro gravado. Nossa intenção com a pesquisa do Sonário do Sertão é delinear a música, a partitura e poder, a partir dela, nos aproximar da paisagem sonora, atentos aos diversos sons que a compõe. Essa paisagem pode ser qualquer “porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos” (SCHAFER, 1997, p.366) e pode ser referir a “ambientes reais ou a construções abstratas” (idem). Nos interessa uma noção de paisagem mais próxima à experiência. Acreditamos que há assim uma relação ativa com a experiência, a percepção e a concepção dessa paisagem sonora. O que faria da paisagem sonora essa porção de ambiente em relação direta com a experiência de uma comunidade, que vamos neste caso chamar de comunidade sonosférica.

A presença no espaço e tempo, a vivência de escuta e experiência etnográfica e acústica são os principais alicerces da metodologia da pesquisa, junto com outras inspirações metodológicas que se somaram ao processo. Apostar na intuição, assim como na memória, ambas tão fluidas e intensas como as ondas sonoras, foram norteadoras do processo. Optamos pelo caminho da razão poética (CASTRO, 2014) que forneceu os procedimentos para poder decifrar, ou perceber, o universo sonoro do sertão, não descartando sua realidade mágica, suas lendas, sonhos, espiritualidade, pensando assim criativamente a partir dos elementos sonoros trazidos pelo cotidiano, pela memória, nas práticas e evocações religiosas e ritualísticas, nas músicas. O deslocamento corporal no sertão faz parte do primeiro movimento metodológico: esta pesquisa não faria sentido se não houvesse esse deslocamento. Os sons são o encontro do ouvido e da percepção corporal com as ondas sonoras que só existem em um espaço-tempo específico, seja pela acústica do local, seja pela existência cultural desses sons. Existe uma adaptação que o ouvido realiza, um treinamento do ouvido de alguém que sai de uma determinada região e se dirige para outra, no caso, o sertão. Esse ouvido pode não escutar nada no início e ir aos poucos se acostumando com o tom, as sonoridades, os eventos acústicos, tornando assim a pesquisa uma relação corpórea, sensível. Segundo Schaeffer (1993), só a escuta frequente aprimora o ouvido, não podemos avaliar a primeira escuta e querer dizer que essa é científica; ela reflete o funcionamento do aparelho auditivo, que é psicoacústico.

O processo de inventário, além de ser atravessado pela experiência, passou por uma seleção, recorte e catalogação. A pesquisa se deparou com uma totalidade de 1242 registros sonoros, gravados pela pesquisadora e por participantes do projeto, sendo que destes, 646 foram selecionados e catalogados para formar o acervo do Sonário do Sertão⁸. No capítulo “Acervo do Sonário do Sertão” serão descritas 123 passagens sonoras, um recorte exemplar do agrupamento dos arquivos sonoros em temáticas que chamaremos de categorias e subcategorias, para facilitar e organizar o material, permitindo também expor o acervo dos arquivos estudados. Essa categorização é formada por “Cotidiano”, “Memória e Narrativas”, “Festas e Tradição” e “Paisagem”.

A categoria “Cotidiano” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Junco, Várzea Queimada, Ponto Novo, na Bahia; e também em Sipaúba e

⁸ Essa estrutura é particular da pesquisa de dissertação. O *site* Sonário do Sertão conta com um acervo reduzido, apesar de manter as mesmas categorias e subcategorias. A forma de acesso e navegação no espaço virtual apresenta características próprias, como por exemplo uma aba chamada de “seleções” que propõe escutas de sons que se encontram em categorias diversas mas que dialogam pela sua temática ou memória. O número de arquivos presentes no *site* está ainda em definição, sendo constantemente modificado.

Bodocó, em Pernambuco. São 266 arquivos gravados nos meses de maio, junho, julho, agosto e outubro de 2017. Nesta categoria encontramos sons que envolvem a lida com a roça, da preparação do solo até a casa de farinha ou outro beneficiamento da região; a criação dos animais; os sons domésticos de convívio, trabalho e descanso; os sons de transporte, tanto humano quanto de carga, a caminho da feira ou da roça ao depósito; os sons de lazer; e, especialmente nas comunidades da Bahia, sons de construção coletiva de moradias populares⁹.

A categoria “Festas e Tradição” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Junco, Várzea Queimada, na Bahia; e também em Salviano, Pedra do Claranã e Bodocó, em Pernambuco. São 180 arquivos gravados entre os meses de maio e outubro de 2017. São sons que envolvem a tradição cultural, seja ela popular, religiosa, artística ou ancestral. São sons de festas religiosas católicas como a Novena¹⁰, a Renovação¹¹, o São Gonçalo¹² e a Visita¹³; também sons de festas religiosas afro-brasileiras como o Cariru¹⁴ e as rezas de cura; os cantos de trabalho na lida com o boi e com a roça; as músicas tocadas no pífano e os diversos tipos de samba¹⁵.

A categoria “Memória e Narrativas” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Junco, Várzea Queimada, os três na Bahia; e Bodocó, no Sítio Bom Lugar, Sítio Bom Retiro, Sítio Serra Nova, Sítio Croatá, todos em Pernambuco. São 108 arquivos gravados entre os meses de maio e outubro de 2017. São sons de conversas, algumas em um formato parecido ao de entrevistas e outras como conversa

⁹ Durante a realização do projeto, estavam em construção, por meio de mutirão, as casas populares conquistadas pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

¹⁰ Reza em grupo de uma série de orações realizadas no período de nove dias. No sertão, o grupo de pessoas se encontra na capela ou num cômodo da casa, geralmente, de quem faz a Novena como pagamento de promessa.

¹¹ Oração realizada na casa da pessoa que quer renovar os votos ao Sagrado Coração de Jesus. Incentivada por Padre Cícero, tem sua maior ocorrência no interior do Nordeste e, principalmente, nas proximidades de Juazeiro do Norte.

¹² Festa popular no interior do Nordeste em homenagem ao santo cantador. É realizada quando a pessoa alcança uma graça cujo crédito é de São Gonçalo.

¹³ A Visita é uma cerimônia de celebração da memória de um parente falecido. Ela não tem a alegria da Renovação, com palmas e coros mais animados, é uma cerimônia fúnebre realizada na capela ou num cômodo de casa. Comum no interior do Nordeste.

¹⁴ Mais popularmente conhecida como Caruru, é a festa para os santos Cosme e Damião, da religião católica, e também para os Ibêjis (orixá criança, também gêmeos) do candomblé. Ocorre durante todo o mês de setembro no estado da Bahia. Essa variação do nome é falada no sertão baiano.

¹⁵ No sertão baiano, encontramos dois tipos de samba: o samba brasileiro ou de chula e o samba do candomblé. O primeiro é uma variação do samba de roda e tem seu canto apresentado em forma de quadra, composto por dois ou quatro versos cantados pelo puxador principal seguido de uma resposta do coro. De tradição negra, é tocado também em festas de santos católicos, como de Santo Reis. O samba do candomblé é tocado acompanhando a cerimônia do Cariru, tem sua composição mais livre e também é uma variação do samba de roda.

“jogada fora”, no encontro de quem conta com quem grava ou numa roda de conversa. Nesses encontros, os temas vêm surgindo como a lembrança surge na mente: de maneira inexplicável e fazendo suas conexões de forma fluida de uma memória à outra. Não pretendemos que a memória caminhe de uma forma linear, portanto vamos apresentar aqui da mesma maneira livre que elas apareceram nas conversas, tampouco é nossa intenção fazer uma transcrição¹⁶ das conversas, mas apresentar de que maneira foram os registros das histórias do sertão. As narrativas versam sobre as histórias de antes, da vida e de algumas tradições que não existem mais ou que mudaram, sobre a roça, a escola, as brincadeiras, superstições, piadas, histórias de trancoso¹⁷, histórias da formação das comunidades e das lutas do campesinato; contam histórias sobre o Samba, a Banda de Pífanos, o Cariru, a Renovação e a Visita, Novena, o São Gonçalo e o Batalhão¹⁸. Algumas destas festas somente temos os relatos, pois não coincidiram com o período da realização das gravações. De qualquer maneira, a menção a elas já nos aproxima, principalmente quando temos além das histórias, outros sons e cantos que ocorrem nessas festas.

A categoria “Paisagem” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Várzea Queimada, ambos na Bahia, e em Bodocó no sítio Bom Lugar e na Pedra do Claranã, em Pernambuco. São 92 arquivos gravados nos meses de maio, junho, julho e outubro de 2017. São sons que envolvem o ambiente sertanejo sem a presença do ser humano no momento das gravações. A paisagem é formada por diversos elementos que atuam no espaço durante o passar do tempo, porém optamos por excluir, durante as gravações, a presença direta de sons produzidos por seres humanos. Aqui estão sons de campos abertos ou também mais fechados, mais detalhados, o que chamamos de primeiro plano sonoro¹⁹. A paisagem na sua maioria das vezes é externa. Porém, podemos também encontrar sons que registram um espaço interno. São principalmente sons da presença de

¹⁶ Um detalhamento do conteúdo de cada arquivo se encontra no apêndice I desta dissertação.

¹⁷ Histórias fantásticas de tradição popular contadas de maneira intimista, como se tivessem acontecido com algum parente próximo ou conhecido.

¹⁸ Batalhão, também conhecido como Boi Roubado, é o nome dado à tradição de trabalho comunitário feito na roça de vizinhos sem o conhecimento deles. Quando a roça está alta e precisa de ajuda para ser capinada e preparar a terra para plantar, os moradores do sertão da Bahia se organizam, sem avisar aos donos da roça, por isso “roubado”, e numa madrugada entram nas terras soltando fogos, cantando o “Aboio de Chegada” enquanto capinam. Os donos devem se preparar para dar alimentação e bebida aos trabalhadores e depois do trabalho começa uma grande festa com samba até o outro amanhecer.

¹⁹ Expressão emprestada do léxico da linguagem do cinema, temos “primeiro plano” se referindo à distância próxima entre a câmera e o objeto filmado. No caso de sons, utilizaremos para pensar em som cuja fonte sonora se encontra próxima ao microfone e também isolado do fundo para apreciação de um som destacado. “Plano geral” utilizaremos quando as fontes estão distantes e temos a percepção de muitos elementos sonoros em um só plano.

animais, objetos naturais, como árvores, vento em folhas e água, mas também de objetos inanimados que soam ao entrar em contato com estes, como o chocalho pendurado em algum bicho de criação. Esses sons são marcados por características sazonais, portanto, como fomos em época de seca, não pudemos gravar o mesmo sertão com os sons que variam na época das chuvas, ou de inverno, como chamam por lá.

Dentro de cada uma das categorias acima comentadas, fizemos uma outra divisão em subcategorias referentes às localidades onde esses sons foram registrados, a saber, Bodocó (PE), Várzea Nova (BA) e Várzea Queimada (BA). A importância desse tipo de divisão existe por conta do pertencimento dos sons a essas localidades, sendo então fundamental para aprofundarmos no imaginário sonoro de cada lugar e para poder localizar no mapa, no espaço e no tempo as diversas sonoridades.

O derradeiro capítulo “Experiências e imaginários sonoros” nos apresentará o encontro entre as teorias que nos orientam nesta pesquisa e o acervo catalogado, adentrando nos sons a partir de experiências vividas em campo. Buscamos, a partir da experiência, ampliar nossos sentidos e perceber as conexões possíveis dos sons com as atividades cotidianas, as relações mágicas, as intersecções entre vida, arte e cultura, os encontros de mundos visíveis e invisíveis. No sertão, os sons são como espíritos que vem nos orientar, avisar e ajudar a comunicar com outros mundos, que não vemos, mas que estão justamente conectados por intermédios dos sons e da escuta. Desta maneira, nesse capítulo trataremos dos sons e das relações em um formato mais ensaístico, para poder dar conta do que somente a poética consegue tatear. Segundo Manoel de Barros, o poeta transvê o mundo (BARROS, 1996) e não é com os olhos que ele o faz, e sim com a percepção e sensibilidade para enxergar o invisível. Aqui com essa proposta de escutar os sons do invisível, também queremos ir além e pode transver com os ouvidos e com toda a percepção corporal, para alcançar com os sons o que os olhos não percebem.

1.2 Oficinas, registros e comunidades

As atividades de campo desta pesquisa tiveram um caráter de imersão nas localidades já mencionadas para a realização de oficinas de linguagem sonora e captação com jovens camponeses. Além das oficinas de som, realizamos uma residência em que também captamos sons nas comunidades e proximidades. Por fim, houve uma última ida a campo em que realizamos uma oficina de edição dos sons e elaboramos a apresentação dos mesmos nas comunidades, em formato de instalações. O acervo analisado nesta

pesquisa é fruto dessas incursões. Em Pernambuco, a pesquisa se deu no município de Bodocó. Sua parte rural é composta por sítios e nos instalamos no Sítio Bom Lugar. Sendo os sítios todos próximos, estivemos também nos Sítios Bom Retiro, Caiçara, Meleiro e vários outros. Essa é uma região do semiárido brasileiro que faz fronteira ao norte com o Cariri cearense e fica nos pés da Chapada do Araripe, divisa dos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco²⁰. Na Bahia, dois territórios fizeram parte da pesquisa: Várzea Nova, no município de Jacobina, e Várzea Queimada, comunidade quilombola no município de Caém. Os municípios são vizinhos e também fazem parte da região do semiárido, porém já próximos da Chapada Diamantina²¹. Toda a extensão do campo da pesquisa é parte da bacia do São Francisco²². Estes locais foram selecionados por atuarem junto ao Movimento dos Pequenos Agricultores²³, parceiro direto na realização do projeto Biblioteca de Sons do Sertão. Com o interesse de desenvolver e refletir sobre a permanência camponesa na terra e a comunicação popular, o movimento se uniu ao projeto com o objetivo de pensar a partir da escuta, se reconhecer na paisagem sonora e produzir seus próprios sons, além da formação técnica de registro de áudio.

Em Bodocó (PE), a base de acomodação da pesquisa foi a casa de Dona Cici, camponesa, merendeira da escola rural, militante do MPA e mãe de Vani, coordenadora do projeto em Bodocó. Dona Cici é casada com Seu Zé de Citonho, camponês, militante do MPA e pai de Vani. Ambos serão constantemente citados por seus conhecimentos e contribuições sobre os sons da região. Rigoberto, outro militante que mora no Sítio Caiçara, foi o responsável por organizar as oficinas. Dez mulheres, entre 13 e 29 anos, também fizeram parte das oficinas, sendo autoras de parte do registro sonoro do acervo. A proximidade dos locais de realização do projeto, e por consequência a gravação dos sons, com outros sítios, onde moram familiares e amigos, permitiu a participação de um número variado de pessoas, porém de maneira menos regular. Em Várzea Nova (BA), duas casas de militantes do MPA eram as referências, a de Eminha e a de Dona Lindalva. Eminha é professora da escola rural e mãe de Érica Anne e Eulália, ambas militantes e coordenadoras do projeto na Bahia. Dona Lindalva é militante e cozinheira e participou diretamente da oficina, trazendo histórias sobre os sons da região, as atividades religiosas,

²⁰ Mapa no anexo 1.

²¹ Mapa no anexo 2.

²² Mapa no anexo 3.

²³ O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) é um movimento camponês, de caráter nacional e popular, de massa, autônomo e de luta permanente, constituído por grupos de famílias camponesas. Seu principal objetivo é a produção de comida saudável, garantindo assim, a soberania alimentar do país. Além disso, busca o resgate da identidade e da cultura camponesa, respeitando as diversidades regionais.

políticas e culturais, e também foi gravada nas suas atividades diárias. Da sua cozinha saem sons e cheiros importantes para a pesquisa. A oficina de Várzea Nova teve a participação constante de sete jovens, mas, por ser aberta, houve a participação de várias outras pessoas da comunidade em momentos variados. Já em Várzea Queimada (BA), comunidade quilombola de grande concentração de pessoas e centrada na figura de Seu Joaquim, a oficina teve de vinte a trinta jovens. A base de acomodação foi na Escola Municipal Domingos Pereira dos Santos e as oficinas aconteceram no Centro Cultural do Grupo Jovem de Várzea Queimada. Seu Joaquim é a pessoa de mais idade da comunidade, sendo considerado um mestre e ancião cuja memória foi a responsável para, entre outras, contribuir com dados para o registro como comunidade quilombola.

Em 2017, a pesquisa de campo foi realizada em quatro incursões de durações variadas nestes três territórios. A primeira foi em Bodocó (PE) durante o mês de maio; a segunda foi na Bahia em junho deste mesmo ano, realizando as oficinas nas duas comunidades; a terceira incursão a campo foi durante o mês de julho, fazendo o trajeto entre as três comunidades: de Pernambuco em um traslado por terra de Bodocó até Capim Grosso (BA), entre a Chapada do Araripe até a Chapada Diamantina – cruzando o rio São Francisco; a última incursão foi entre Bahia e Pernambuco, fazendo o caminho inverso, de Salvador até Capim Grosso, passando por Petrolina/Juazeiro e chegando a Bodocó (PE), de lá subindo a serra do Araripe para o retorno por Juazeiro do Norte (CE), em outubro de 2017²⁴.

A gravação dos arquivos sonoros foi feita no decorrer dessas incursões, durante as oficinas, residência e instalação, a partir da noção de “aprender fazendo”, em que o aprendizado acontece a partir da prática, da experiência da gravação, de estar em contato com os equipamentos mediando a percepção do mundo. Foram utilizados *kits* de equipamento de gravação compostos de gravadores estéreo portátil²⁵, microfones de lapela, direcional, dinâmico e estéreo²⁶ e acessórios²⁷. Todos são equipamentos

²⁴ Mapa no anexo 4.

²⁵ Foram utilizados gravadores da marca Tascam, modelo DR-44WL. Ele possui duas entradas de microfones assim como um par de microfones internos de formato de captação estéreo. Além deste gravador, também foi utilizado, em ocasiões pontuais, o gravador da marca Sound Devices, modelo 744T que possui 4 entradas de microfones.

²⁶ O microfone de lapela utilizado foi da marca Sennheiser e modelo AVX-ME2. O microfone dinâmico foi o Shure modelo SM57. O microfone estéreo foi da marca Rode e modelo NT4. O microfone direcional utilizado foi o Sennheiser MKH 416.

²⁷ Os principais acessórios foram um para-vento e uma suspensão. O primeiro é uma proteção contra as rajadas de vento diretamente na membrana do microfone. Os microfones internos do gravador utilizado podem fazer ruído indesejado com o simples mover do microfone em contato com o ar. Já a suspensão protege a gravação do ruído de manuseio no corpo do gravador.

semiprofissionais e profissionais que gravam em qualidade alta²⁸ e possuem um manuseio simples. Existiram diferentes tipos de situações de gravação e de fonte sonora, por isso a necessidade de ter uma gama também variada de microfones. Existiu um forte apreço pelo registro do som favorecendo a percepção da sua espacialidade, por isso os microfones estéreos eram necessários. Esses microfones permitem a simulação da escuta humana, com seus dois microfones imitando eletronicamente a posição das duas orelhas²⁹. Já o microfone de lapela e o dinâmico foram utilizados em situações específicas no registro de música. O microfone lapela ficava próximo à voz, se esse fosse o caso, e trazia sons que muitas vezes ficavam encobertos por outros instrumentos nas gravações. O microfone dinâmico registrava os instrumentos percussivos, pois consegue receber ondas sonoras de alto nível de intensidade sem que sua membrana distorça³⁰.

Tendo essa gama de equipamentos como aliados no registro e também mediando essa relação, partimos para gravar esse universo sonoro. A escolha de que som registrar foi delineada pelo interesse, a vontade e o desejo, constituídos de forma coletiva e individual. Vários foram os motivos dos interesses e eles se afinaram durante a pesquisa, entendendo essa escolha como um processo construído a partir da troca, do encontro e também de exercícios de escuta e de sensibilização, pensando e entrando em contato com sons ao redor e sons que as participantes traziam para os encontros. Desse encontro, com a sensibilização, os desejos iam-se contornando. Os primeiros sons que registrei foram o do chocalho distante e o vento forte em folhas grossas que emitia um som mais grave. Os dois sons são estranhos à região de onde venho, o Plano Piloto de Brasília – local distante dos sons de chocalho de cabras. Acredito que esse elemento de surpresa e estranhamento seja o principal motivo para a atenção ser voltada primeiramente a esses dois sons. Os sons cotidianos são muitas vezes naturalizados e acabam perdendo a atenção primária ou

²⁸ Alguns parâmetros foram padronizados para que o equipamento seja considerado profissional, a saber: capacidade de gravar em 24 bit, taxa de amostragem de 48 ou 96 kHz, presença de entrada de microfone no padrão XLR, permitindo entrada balanceada de sinal, quantidade de canais de gravação, presença de alimentação *phantom power* para transmitir energia ao equipamento que for acoplado, alta qualidade de pre-amplificadores e baixo nível de ruído interno. Os gravadores usados no projeto possuem essas qualidades.

²⁹ Utilizamos a técnica da estereofonia para reproduzir, com o uso de dois canais, a posição das fontes sonoras no momento da gravação.

³⁰ Os diversos microfones são fabricados para permitir intensidades distintas nas membranas ou uma direcionalidade específica na captação. Utilizamos a captação mono (um só canal) com o microfone lapela, de padrão de captação omnidirecional (todos os lados), o microfone dinâmico, de padrão cardioide (em formato de coração), o microfone direcional, de padrão supercardioide (um formato afunilado de coração). Quanto à sensibilidade, a construção variou entre microfones dinâmicos e condensadores. Os primeiros aguentam altas pressões de níveis, porém são menos sensíveis. Os microfones condensadores são mais sensíveis e captam riqueza de detalhes.

o interesse, pois estão próximos de nossa perspectiva. Durante o trabalho de sensibilização sonora, as pessoas comentaram que paravam de escutar alguns sons por estarem acostumadas a eles e, a partir dos exercícios de escuta, eles vinham à tona, passando a ser mais percebidos. Outro motivador para a escolha dos sons era a presença de pessoas mais velhas que frequentavam as oficinas. Elas traziam, a partir de suas histórias, narrativas orais com elementos sonoros (presentes atualmente ou já extintos) que localizavam os espaços, tempos e cultura sertanejos. Portanto, desse encontro de interesses e vontades surgiu o todo do material que fomos registrando, com as escutas diárias do ambiente e das pessoas que frequentavam as oficinas.

Um dos primeiros sons gravados pelos participantes das oficinas foi o som da moto, além do som de passarinhos, podemos dizer que os dois eram os primeiros sons. A moto no sertão tem uma história relativamente recente. Antes no início dos anos 2000, esse som era raro, sendo associado somente à pessoa que voltava do êxodo para o centro sudeste, depois de ter conseguido vencer na vida. Ela fazia dinheiro e voltava para o Nordeste com uma moto nova. A partir de políticas públicas realizadas no Governo Lula³¹, a moto passou a ser um item comum para cada sertanejo e foi substituindo aos poucos o jumento, no transporte de carga, e a bicicleta ou os pés, no transporte pessoal. É curioso perceber como essa moto é gravada como um símbolo do desenvolvimento e não como ruído, ou “zoada”, que corta a aparente quietude da paisagem sonora sertaneja. No sertão, o que não se quer ouvir, o som que atrapalha a audição e que se intromete no meio das conversas, é a “zoada”. Encontramos na literatura e também nos estudos da comunicação o termo “ruído”, comumente utilizado ou definido como o que interfere na comunicação, na escuta. Seria o que não se considera o “sinal”³² principal que se quer registrar. Mas como definir o que seria essa “zoada”? A percepção da mesma não é uma definição puramente matemática, mas passa por conceitos e formações culturais dentro de uma comunidade. Segundo Wisnik (2009), a diferença entre sinal e ruído é definida no seio das culturas. Nesta pesquisa, entendemos que todos os eventos sonoros podem ser

³¹ A partir do desenvolvimento social e econômico da região Nordeste, por meio de políticas públicas do governo, a população teve um aumento de renda e, conseqüente, aumento de consumo. Programas como o Bolsa Família, Um Milhão de Cisternas (Água para Todos) e o Luz para Todos, além de serem programas de inclusão social, contribuem para aumentar a produção de alimentos na região, tirando a região da linha da pobreza e aumentando sua competitividade e presença no mercado.

³² Termo utilizado na técnica de gravação de áudio. Sinal é o som que se deseja gravar, pode ser a voz, um som marcante que se destaca dentro de um ambiente. Ruído, neste sentido, é o ambiente sonoro de fundo que não salta aos ouvidos na gravação. Muitas vezes se deseja que esta diferença entre o som desejável e o fundo ultrapasse um certo nível de decibéis para poder destacar os sons de interesse da amálgama de sons densos de fundo que, caso seja uma relação desfavorável, podem encobrir os demais sons.

formadores do acervo, portanto não descartamos a “zoada”, assim, o som da moto faz parte, assim como outros ruídos em potencial. O ruído só aparecia quando emascarava³³ ou atrapalhava o registro de algo que se desejava como “sinal”, por exemplo: uma vez os participantes da oficina gravaram um passarinho, com a televisão ligada no fundo, ao escutarmos o arquivo, a TV ficou forte atrapalhando a escuta do canto do passarinho. Ao ouvir o registro, o grupo decidiu que deveria desligar TVs, rádios ou celulares, quando estes atrapalhassem o sinal principal da gravação. Acreditamos que nesse processo, partindo da experiência da gravação e posterior escuta, a definição de “zoada” pode não ser a mais fixa, mas corresponde a uma criação coletiva, permitindo aos sons serem “sinal” como também “ruído”, ou “zoada”.

A qualidade das gravações também era definida a partir de critérios que foram sendo desenvolvidos durante a experiência da pesquisa. Uma palavra utilizada para qualificar a gravação era a “falsidade” do som, geralmente empregada quando um som não parecia ter saído de sua fonte original. Para o grupo, era fundamental escutar um som e identificar sua fonte e reconhecer sua sonoridade. Ele não poderia ser um som produzido para “parecer” um som do sertão, somente para estar na gravação. Um exemplo comum eram os sons de enxada: alguns soavam rápido demais para o ritmo utilizado na roça, outros golpeavam solos ou texturas que não se assemelhavam com os comumente escutados. Outro exemplo é o aboio. Gravamos um mutirão³⁴ em que se plantava mandioca. Escutamos assim, além do aboio, os sons de homens com enxadas trabalhando em um espaço aberto não reverberante. Esse som foi aprovado pelos participantes, pois esses sons tinham sua textura mais próxima do praticado, próximo de uma experiência documental na gravação sonora. Nesse mesmo dia, logo no início da gravação, um caminhão estava parado com seu motor funcionando do lado da roça, esperamos um pouco até que o mesmo saísse, pois esse foi um som considerado “zoada”, pois atrapalhava o registro do aboio na roça. Essa característica “documental” também foi valorizada nas gravações de cantigas e também de algumas conversas, como as com Seu Joaquim. A cozinha estava a pleno vapor (incluindo sons de panela de pressão em um dado momento da gravação) e também podíamos ouvir os sons da escola que ficava ao

³³ Emascaramento significa ocultar e, no sentido que aqui utilizaremos, se refere a um som que encobre o outro seja pela sua intensidade dinâmica (um som muito alto), seja pelas suas frequências que ocultam outras equivalentes de outros sons.

³⁴ No sertão, a palavra mutirão só começou a ser utilizada recentemente. As palavras mais comuns são “digitório”, “batalhão” e “cachimbo”. “Digitório” é o trabalho coletivo matinal combinado entre um grupo de pessoas, “cachimbo” é o mesmo trabalho mas realizado depois do meio-dia e “batalhão” é combinado às escondidas dos donos da roça.

lado de seu quarto. Durante o registro, escutávamos os gritos das crianças e carro, moto ou ônibus passando ao fundo. Seu Joaquim arrastava os pés, assoava e limpava sua boca. Esses sons todos compunham a experiência de estar ao lado dele, ouvindo suas histórias e versos. Não pensamos ser possível ter essa mesma experiência se retirássemos Seu Joaquim de seu habitat natural. Esses sons fazem parte do seu ambiente e assim uma intimidade com ele devia ser construída, possibilitando adentrar no seu mundo sonoro.

Um pouco na contramão, houve um momento em que deixar a “zoada” interferir na gravação não foi apreciada. Durante o registro do samba brasileiro na casa de Raul, este inicia dizendo: “ô gente, eu quero pedir a colaboração de vocês todos, pra que ajude o pessoal, tem um pessoal aqui de fora, eles estão gravando, vamos ver se nós ‘zoa’ menos”. Raul, morador, camponês e militante de Várzea Nova (BA) sabe que o samba começa e a “zoada” em volta dos músicos também inicia, por isso já pede de antemão que as pessoas respeitem. O samba começa à noite e vai até o amanhecer, com muita bebida e dança, parte da tradição. À medida que as pessoas vão bebendo, o ânimo vai aumentando e a bagunça começa a ser notada. Apesar das indicações de Raul, foi difícil de controlar a “zoada”. A gravação ficou então influenciada por esses ruídos, para além dos instrumentos do samba e dos cantos. Posteriormente, ao escutar o registro, os sambadores se decepcionaram, queriam um maior isolamento acústico, uma qualidade mais “limpa” na gravação, menos ruídos externos ao interesse principal que era a música. Um sambador chegou a sugerir a gravação em estúdio, mas pensaram que, em estúdio, a fluidez do samba não acontecesse e a gravação também não seria do agrado. A “zoada” gerou um impasse no registro do samba de Várzea Nova. Muitas vezes a presença do gravador justamente inibia as pessoas e os sons ficavam “quietos” demais. Durante a gravação de construção de casas em mutirão, escutamos todos os instrumentos de trabalho com detalhes e uma “limpeza” exagerada demais. Esse trabalho geralmente é feito acompanhado de cantos, assobios, poesias ou de radinhos, música em MP3 tocadas em celulares. Novamente aqui registramos sons que posteriormente foram considerados “falsos”, pois tradicionalmente seus sons são mais “sujos” do que os gravados.

Esses exemplos versam sobre algumas condições de gravação que variavam de acordo com os próprios participantes da pesquisa. Uma negociação implícita acerca do modo de gravar ia surgindo a partir de termos como “naturalidade x falsidade”, “comum x estranho” e “antigo x moderno”, daí arquivos eram “descartados” e muitas vezes, quando possível, voltávamos a registrá-los em condições mais próximas ao desejado. O importante era respeitar as sonoridades como elas aconteciam, o que depende da maneira

de executar os sons, do ambiente onde eles se encontravam e da existência de “zoadá” indesejada ou de “zoadá” que fazia parte da construção cultural do som em si. Muitas dessas decisões foram tomadas no percurso do trabalho de campo, mas posteriormente nos voltamos a todo material registrado, numa escuta atenciosa de todos os arquivos sonoros, levando em consideração os parâmetros de campo, porém também reavaliando a partir de novos. Esta avaliação também se encontra na tabela do apêndice 1.

Enfim, esta pesquisa se propõe a construir um acervo e apresentar uma paisagem sonora sertaneja e a maneira do encontro, da escolha e da escuta dos sons do sertão segue destino parecido ao das ondas sonoras. Elas se propagam pelos meios afetando e sendo afetadas pelos indivíduos, obstáculos que encontram no seu caminho. A escuta ora reflete esse encontro, ora é afinada pela duração e propostas do processo. É importante nessa escuta nos familiarizarmos com as palavras sertanejas, nos apropriando de algumas como metáforas para auxiliar a formar o relato e poder descrever o imaginário sonoro do sertão. A “zoadá” é uma dessas palavras, a “colheita” de sons é outra metáfora. As gravações nesta pesquisa foram feitas como a “colheita”: tardou o tempo de semear, regar, crescer e, por fim, colher. Nosso *corpus* analítico são as 123 passagens sonoras, resultado da colheita, mas também a experiência e vivência do deslocamento no campo, da escuta do que não vingou desta roça ou do que se plantava anos atrás e hoje em dia só soa na memória.

2. Os sons dos grilos chegavam em nós feito uma flecha

QR Code 2³⁵



Fonte: Autorial própria (2019)

*O certo, que todos ficavam escutando
o corpo de noturno rumor,
descobrimo os sêres que o formam.
Era uma necessidade. O sertão é de noite.
Com pouco, estavam-se num centro,
no meio de um mar todo.
(João Guimarães Rosa, Noites de Sertão)*

Os sons do sertão nos envolvem num mar todo. Os sertanejos e as sertanejas que encontramos durante a pesquisa reforçam e nos ensinam que a permanência no sertão, a existência nele e a vivência só são possíveis quando percebemos e nos envolvemos no seu mar de sonoridades.

Antes de fazer esse mergulho no acervo de sons do sertão, gostaríamos de expor alguns termos que envolvem conceitos sobre o som e que estamos nos baseando. Definições acerca de som não são pontos pacíficos: palavras como silêncio, sinal e ruído ainda são discutidas entre teóricos de som, sem se chegar a um consenso³⁶. Não é de nosso interesse adentrar em todo histórico dos estudos do som, mas sublinhar algumas noções para chegar onde queremos. Assim como a linguagem teórica escorrega e confunde, o uso das palavras pelos sertanejos e sertanejas também carrega seus próprios significados no cotidiano, sendo transformadas e recriadas constantemente. Portanto, vamos definir

³⁵ Sugerimos a escuta de alguns sons durante a leitura deste capítulo. Para acesso à lista de sons, baixe o aplicativo QR Code Reader disponível para celulares IOS e Android e capte a imagem acima.

³⁶ No X Encontro da Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, a mesa sobre “Silêncio”, em que se discutiram diversos aspectos na construção do silêncio, um termo que foi pactuado e empregado pelos membros foi “quietude”, por entender que a palavra silêncio não abarca a discussão pelas diversas confusões que causava. Guimarães Rosa nos traz em alguns textos a palavra “calado” e “tranquilidade” para descrever ambientes “silenciosos”.

nossas noções teóricas as quais serão atravessadas e formadas pelas invenções poéticas e jogos de palavras sertanejas. Nossa intenção é criar o vocabulário no encontro com as palavras do sertão e, assim, usá-las como um dicionário sonoro.

2.1 Escrever sons – neologismos de Guimarães Rosa e a metáfora sertaneja

Descrever sons é uma incógnita que perpassa a pesquisa de teóricos da área. O vocabulário que envolve as percepções sonoras é mais reduzido se comparada ao relacionado com a visão (VIBERG, 1983), o qual se torna mais extenso ainda com o desenvolvimento da arte pictórica, da fotografia e do cinema (que se inicia mudo por uma questão técnica, mesmo tendo sons presentes). Mesmo sabendo que “estamos imersos em sons, somos educados para guiar-nos pelos olhos, pela imagem” (PARO, 2016, p 10), nesta pesquisa, vamos em busca dessa imersão, nos inspirando, muitas vezes, nas artes e, principalmente, no universo sertanejo para poder escrever e descrever os sons.

No território das artes, a música costuma ser o de maior desenvolvimento terminológico, com seus andamentos, duração de notas, tons, ritmos. Todos termos utilizados para descrever a música e seus sons. Além dela, a literatura nos inspirará quanto às nomenclaturas e definições e nos aproximaremos para isso dos textos de Guimarães Rosa. Em *Grande Sertão: Veredas*, a narrativa utiliza sons e ritmos para conseguir aproximar a história de Riobaldo e Diadorim da poesia e da música do curso do rio Urucuia. Mas não é nova a aproximação de sons com rios. Em *Nada Brahma* (BERENDT, 1997), uma das origens da palavra “Nada”, que em sânscrito significa “som”, nos remete à “rio”, “correnteza” e também “murmurante”, existindo assim um vínculo entre o som e o curso ritmado das águas, como as do Urucuia, as do São Francisco e as do Itapicuru-mirim³⁷. Apesar de Riobaldo nos dizer que “muita coisa importante falta nome” (ROSA: 2006, p. 109), vamos nos encontrar com os termos usados no sertão, as metáforas e maneiras de descrever ruídos e como eles afetam o cotidiano e a alma: a “borboleta do ouvido” balançava suas asas ao sentir um som. É assim que se fala, no sertão, da membrana do tímpano. Também se sabe que a jumenta já comeu o suficiente quando ela não toca “viola mais não”. No sertão o relincho é como uma viola. E de noite os sons dos

³⁷ Estes são nomes de três rios brasileiros. O Urucuia faz parte da bacia do São Francisco, sendo um de seus principais afluentes em Minas Gerais, e é muito presente na paisagem do sertão da literatura de Guimarães Rosa. O rio São Francisco é o maior rio totalmente localizado dentro do Brasil, tendo sua nascente em Minas Gerais, cruza o sertão nordestino e tem sua foz em Alagoas. O rio Itapicuru-mirim é um afluente do Itapicuru, rio que nasce na Chapada Diamantina (BA) e cruza os territórios por onde a pesquisa percorreu.

grilos chegavam em nós “feito uma flecha”, para mexer bem muito com a “borboleta do ouvido”. Portanto, com a poesia e as metáforas sertanejas, acreditamos conseguir descrever os sons e alcançar a imaterialidade, ao mesmo tempo etérea e tão presente no espaço e nas nossas vidas.

Uma palavra que foi ganhando contornos distintos no sertão é a própria palavra “som”. Além de significar vibrações ou propagações de ondas no meio, desde o advento dos equipamentos eletrônicos, aparelho de CD, tocador de MP3, o “som” passou a ser o que sai de alto-falantes. Muitas vezes quando a palavra era mencionada, a primeira impressão ia nesse sentido. Numa conversa com Tia Creuza em Bodocó:

- Qual som que a senhora mais acha que é o som do sertão, do sítio?
- Os meninos têm aí uma caixa e bota, aí bota uns CDs e se diverte um pedaço (...). Mas eu sou mesmo meu rádio, o rádio que dá notícia daqui, dacolá. Eu fico escutando, trabalhando minha cozinha e escutando o que tá falando (informação verbal)³⁸

Neste trecho de conversa com Tia Creuza, ela diferencia, a partir da mesma pergunta sobre o que é o “som”, a caixa de som de seus filhos da experiência com o rádio. Dele não sai o mesmo “som” que de outros aparelhos eletrônicos e de alguma maneira está associado à ideia de “som” como evento acústico. Tia Creuza segue a conversa falando que com a rádio ela não precisa deixar seus afazeres domésticos e continua “escutando o que tá falando”. Ela comenta da “zoada” da música nos bares, o “som” muito alto nos carros e faz com a boca: “tum tum tum”. Percebam que nas definições de Tia Creuza “zoada” e o “som dos carros” são próximos.

A palavra “zoar” tem origem onomatopeica³⁹ no som feito pelas asas de insetos, sinônimo de zumbido: “um som fino e penetrante como o produzido por certos insetos e que pode se estender para som de algo que se assemelhe a isso” (HOUAISS, 2001). Também significa rumor ou ruído forte, como o som de máquinas. Por último, pode ter o sentido de bagunça e diversão. No sertão, “zoada” pode ser o som que interrompe as comunicações ou que não é desejado de alguma maneira. O termo ganha diferentes tonalidades dependendo da forma como é utilizado e não chega a ter uma definição rígida nem é considerado necessariamente “bom ou ruim”. Em um primeiro momento, quando algum som forte atrapalha o entendimento ou a escuta de algum som mais delicado, foi

³⁸ Entrevista concedida por LIMA, Crizelide (Tia Creuza). Entrevista concedida a Camila Machado. Bodocó (PE), 02 de maio de 2017.

³⁹ Há o uso da figura de linguagem “onomatopeia” em todos os idiomas do mundo, que consiste em formar as palavras de acordo com a aproximação dos sons associados a elas, geralmente presentes na paisagem sonora (SCHAFER, 1997) que varia de país para país dependendo da própria variação desta paisagem.

essa “zoada” que entrou no caminho da escuta. Mas também a “zoada” pode vir em um momento de bagunça e brincadeira, podendo interferir nas intenções da escuta mas não necessariamente sendo um “ruído na comunicação”, apresentando somente outros sons e outros caminhos: “as pessoas fizeram zoada e não conseguimos gravar o que queríamos, mas aí está o que gravamos no lugar”, esse tipo de frase era comum durante a pesquisa e gravações no campo.

Já nos aproximando dos estudos do som, podemos perceber abordagens diferentes das utilizadas por Tia Creuza. Em *Som e Sentido* (1999), Miguel Wisnik apresenta a noção de “som” como oposta ao “ruído”. Este seria sempre indesejado, de maneira culturalmente definida, (WISNIK, 1999), e teria características anacrônicas e não harmônicas, com frequências irregulares, inconstantes, instáveis. Segundo ele, o som seria harmônico e constante, com suas frequências regulares. Bem parecida com a definição que Helmholtz nos dá de ruído, algo não periódico. John Cage (1960) foi além e considera todo “ruído” como “som”, “evento acústico”. Para ele não só são sons, como também todo “ruído” pode ser considerado música, incluindo o silêncio⁴⁰. Ruído é som, ruído é música, harmonia é algo que se almeja ou não com eles, mas não as define. Em *Nada Brahma*, Berendt identifica o caráter harmônico do som como uma tendência do mundo, que pode ser formado por sons harmônicos ou não, pois podemos ainda não ter a dimensão da harmonia deles.

Definiremos então “som” como qualquer evento acústico, formado por feixes de ondas mecânicas que são emitidas por vibrações e propagadas pelo meio físico (ar, sólido ou água). Esta seria a definição que trata a palavra “som” de maneira mais genérica, tudo que vibra é som, sendo essa vibração harmônica ou não. E é esta noção que seguiremos neste texto. A única variação que poderá ser encontrada aqui será a de “som” como equipamento sonoro eletrônico, que é algumas vezes dita pelos sertanejos e sertanejas. Da mesma maneira, poderemos ter a palavra “ruído” substituída por “zoada”, mais utilizada no sertão. Alguns dos sentidos que a palavra “zoada” possui se aproximam bastante das várias interpretações que a palavra “ruído” tem nos avanços dos estudos do som⁴¹. O termo pode ser aplicado em gravações e arquivos, algo que não funcionou direito

⁴⁰ Em sua obra 4’33”, Cage escreve uma partitura de quatro minutos e trinta e três segundos, em que o músico passa este tempo sem tocar o instrumento, contando o tempo e deixando que os sons do ambiente compõem a música, sons como os “ruídos” das pessoas, tosse, respiração, sussurros e passos se tornam a composição musical que varia a cada apresentação.

⁴¹ Schafer esquematiza as principais definições de ruído em seu livro *Afinação do mundo* (1997, p 367), a saber: “som não desejado” – The English Oxford Dictionary contém referências a ruído como um som não-desejado já em 1225; “som não musical” – o físico Hermann Helmholtz empregava o termo “ruído” como

pode estar “zoad”, sendo usado no sentido de estragado. É um arquivo “zoad” quando gravado com vento, com som de manipulação, que pode ter sido cortado antes de seu fim ou distorcido, que ultrapassou o limite de decibéis permitido pelo suporte físico da gravação. Na terminologia da técnica de gravação, distorção também é chamada de som “estourado”, algo que soa como se estivesse “rachado⁴²”, estando estragado também. Porém, essa mesma palavra no sertão tem uma conotação completamente positiva: “o som está estourado” significa que está bom demais, gíria usada para shows de música. Não era raro escutar um carro de propaganda passando pela cidade que dizia: “faltam três dias para o paredão⁴³ mais estourado da região!”.

Voltemos à palavra “ruído”. Embora carregue também essa carga pejorativa de algo não desejado, trabalharemos com a ideia de que este é um som que pode estar presente intencionalmente nas gravações. De acordo com Kittler (1999), na história da captação sonora, quando da utilização dos sulcos magnéticos para o registro físico das ondas sonoras⁴⁴, o ruído já se encontra presente fazendo parte do que era gravado. O sinal desejado e o ruído proveniente do meio físico, ou do ambiente externo, sempre estiveram juntos: o aparelho gravador registra eventos acústicos e não somente os sons desejados. Desta forma, o processo de retirada de sons indesejados, da gravação dos mesmos e do desejo de gravar sons que antes seriam considerados ruídos, será desenvolvido de acordo com as definições culturais, locais, afetivas e pessoais no decorrer das gravações, oficinas e pesquisa. Esta metodologia foi detalhada na apresentação das atividades da pesquisa, no capítulo introdutório.

2.2 Silêncio, quietude e “domingozinho de tranquilidade”

o som composto por vibrações não-periódicas em comparação com os sons musicais, que consistem em vibrações periódicas. Também utilizado como “ruído branco”; “qualquer som forte” – no uso geral de hoje, a palavra “ruído” refere-se a sons de intensidade forte medidos por decibéis; “distúrbio em qualquer sistema de sinais” – em eletrônica ou engenharia, “ruído” significa qualquer perturbação que não faça parte do sinal. Também usado nos estudos de comunicação, quando o sinal não chega ao receptor, podendo interferir ou distorcer nossa habilidade de enviar ou receber mensagens.

⁴² Novamente encontramos termos utilizados de maneira metafórica para transmitir a sensação que o som produz. “Rachado” que significa quebrar, fender, partir. “Estourado” significa rebentar, romper, com ou sem estrondo. Ambas palavras são usadas para transmitir a sensação de um som distorcido.

⁴³ Estilo de festa itinerante que se monta uma parede de alto-falantes em que tocam músicas selecionadas por DJs locais.

⁴⁴ O primeiro aparelho de gravação e reprodução de som, inventado por Thomas Edison, era um cilindro coberto de papel de estanho e um diafragma com uma agulha. A cada movimento das ondas sonoras a agulha produzia um sulco no papel e, literalmente, inscrevia o som (KITTLER, 1999).

*Aprazia escutar o ventinho do chapadão,
com o suave rumor que assopra e faz,
nas folhas do bate-caixa.
A cachorrinha, amarrada mesmo,
se sujeitava de não latir:
figuro que alguém estava dando a ela
pedaços de carne-seca.
Alembro que eu ainda podia caber
nesse domingozinho de tranquilidade.*
(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

O silêncio não existe, como comprovado cientificamente por vários pesquisadores, entre eles John Cage (1960). Ondas sonoras são emitidas por todos os corpos que vibram no mundo, até as menores moléculas. Do microcosmo ao macrocosmo se formam vibrações que geram som. Mesmo não sendo possível a audição por meio do ouvido humano⁴⁵, outros seres vivos com maiores capacidades de escuta e equipamentos adaptados podem captar ondas sonoras e decodificá-las para a escuta humana (BERENDT, 1997). Se o silêncio é fisicamente impossível de existir em um ambiente que é toda vibração, portanto som, passamos a entendê-lo no contexto da pesquisa por outros vieses. “Não há som sem pausa” como também “há sempre som dentro do silêncio” (WISNIK, 1999, p. 18), nos lembra John Cage quando comprova que “isolados experimentalmente de todo ruído externo, escutamos no mínimo o som grave da nossa pulsação sanguínea e o agudo do nosso sistema nervoso” (WISNIK, 1999, p. 19). Segundo Wisnik, o silêncio se torna, então, importante para definir a própria duração do som: “é pausa, é ausência, supressão, privação. (...) Sem essas interrupções, o tímpano entraria em espasmos, som nenhum seria ouvido” (REINALDO, 2005, p. 34). Escutaríamos um “arquivo único” se não houvesse a pausa, o silêncio. A música trabalha com o silêncio, com o não-som, que é o que a desfaz, a decompõe, para poder existir. Portanto, se ele não existe absoluto, existe como finalização do som.

O silêncio pode ser também entendido como símbolo, ou um silêncio metafórico, havendo assim perspectivas silenciosas. Vamos utilizar a partir de agora, no lugar do “silêncio”, a noção de “quietude”, não estaríamos tratando de ausência de sons, mas de um espaço e condição para que o espírito possa perceber a quietude (SPINOLA, 2016). Spinola, ao se debruçar na obra de Berendt, nos traz do autor a “percepção dos sons como

⁴⁵ O ser humano escuta dentro do espectro de frequência de 20 a 20.000 Hz, o que está abaixo disto denominamos infrassom e o que ultrapassa é ultrassom. Animais como gatos e cachorros escutam um espectro maior. Também é importante saber que quanto ao nível de intensidade a audição humana encontra limites, o infinitamente baixo não se escuta e o infinitamente alto é doloroso para os ouvidos (SCHAFER, 1991).

expressão do silêncio” (SPINOLA, 2016, p 72). Um silêncio na vivência dos sons, como na cultura oriental: “tornar-se som e silêncio” (SPINOLA, 2016, p 71). Quando nos silenciarmos e imergimos nos sons a nossa volta, temos a chance de experimentar a sensação do silêncio, mesmo rodeados de sons externos e internos. O silêncio pode ser considerado um estado psicológico que permite entrar numa frequência harmônica com os sons ao redor e consigo mesmo, para que os pensamentos fluam:

O silêncio, deste modo, e tal como na definição de Koellreutter, não pode ser compreendido simplesmente pela ausência de sons, se não que se constitui como um ambiente audível, capaz de estimular o ouvinte até uma vivência dos sons como silêncio. (...) O silêncio, em suma, não apenas se constitui como um ambiente sonoro específico, como se vincula a uma experiência sensível e emocional, e, portanto, diz respeito a uma imagem acústica e motora, que se estabelece na relação entre o corpo e o ambiente que o envolve. De acordo com Koellreutter (1985), o silêncio “é o espaço em que o som ocorre”, “o campo gerador dos sons”, e configura-se como um contínuo sonoro rítmico, monótono e tensional, capaz de conduzir a percepção do ouvinte até uma experiência sensível do silêncio, da qual emerge uma compreensão simbólica dos sons. (SPINOLA, 2016, p 73)

Outra associação na percepção do “silêncio” é a de ausência de falas ou de ruídos estrondosos e de constância irregular. Também se percebe “silêncio” pela presença de sons monótonos, uniformes, sem variações perceptíveis ou sons dominantes, repetitivos e cíclicos. Sons que pertencem ao espaço de forma orgânica com o ambiente, som tênue e delicado. Portanto, iremos experimentar a tranquilidade de um “domingozinho” no sertão tendo o “silêncio” como esse potencial simbólico, com ou sem sons de alta ou baixa intensidade, a “quietude” que nos permite escutar.

2.3 Sertão – “dentro da gente, de noite, sozinho”

*“Mas só se sai do sertão é
tomando conta dele a dentro...”*

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Seguindo com as aproximações de vocabulário e noções, vamos entender um pouco do sertão de que falamos. A etimologia da palavra “sertão” diz que:

a palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal. [...] Nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade) mas sim com a de ‘interior’, de distante da costa: por isso, sertão pode até ser formado por florestas, contanto que sejam afastadas do mar. [...] O vocábulo se escrevia mais frequentemente com *c* (certam e certão) [...] do que com *s*. [G. Barroso] vai encontrar a etimologia correta no *Dicionário da Língua Bunda de Angola*, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete *muceltão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era

sinônimo de ‘mato’, sentido corretamente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para ‘mato longe da costa’. Os portugueses levaram-na para sua pátria e logo trouxeram-na para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário. (BOLLE, 2004, p 48)

Em *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2006), a etimologia perde um pouco sua importância para a dimensão psicológica do sertão. Riobaldo, seu protagonista e narrador, conta para seu interlocutor que o “sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2006, p 309). No romance, Riobaldo traça várias noções de “sertão” e todas conferem ao mesmo uma territorialidade de espírito, cuja definição material não consegue alcançar a grandeza de presença que o sertão tem na gente. O sertão desta pesquisa é o interior da Bahia e Pernambuco, no centro do Nordeste, longe da costa. Em Pernambuco, na cidade de Ouricuri, sertão, encontramos uma placa: “aqui é o meio do mundo, 600 KM te separam de todas as capitais do Nordeste”. Não se sabe ao certo se essa informação é comprovada, porém esse é o sentimento: de estar no meio. E esse sertão se forma de sentimento, localização, vegetação, memórias e sonoridades. Mas como podemos então escutar um sertão que é dentro e que não sai da gente? O próprio Guimarães Rosa nos dá uma resposta em “Buriti”: “o sertão é de noite” (ROSA, 1965, p 84), ao perceber a quantidade de sons que podemos escutar enquanto todos dormem. Também há respostas em *Grande Sertão: Veredas* (2006) sobre o sertão que soa em festa, sertão com e sem chuvas, sertão de silêncio, vazio e solidão: “no sertão, até enterro simples é festa” (ROSA, 2006, p 58), e, por fim, o “sertão é o sozinho” (ROSA, 2006, p 309). E esse sozinho também ressoa.

O som é diretamente ligado ao espaço. Ele é uma onda mecânica emitida por uma fonte sonora e terá características acústicas do espaço por onde ela percorre. Assim nos ensina a física. O som se propaga de forma predominantemente omnidirecional⁴⁶, tocando tudo que encontra pela frente, podendo até fazer vibrar seus obstáculos. Assim tanto afeta o que toca, quando é afetado pelo espaço, pelos obstáculos, pela “cor” da acústica dos locais. Chion (2011) cunhou o termo “som território”, se referindo à característica sonora que marca um lugar, um espaço particular. Mais do que conter as características acústicas do espaço, veremos com Schafer (1997) que ele é formado pelas características da geografia natural, clima, experiência e percepção. Schafer fala da sinfonia dos pássaros, própria de cada localidade. Riobaldo questiona isso em *Grande Sertão: Veredas*, seriam

⁴⁶ Existem vários padrões de propagação das ondas sonoras, o padrão omnidirecional se refere à propagação em todas as direções; unidirecional, uma só direção; A direcionalidade depende do tamanho da longitude da onda, quanto menor a onda sonora, sons agudos, maior o padrão de direcionalidade numa direção só. Como os sons são complexos, a onda se propaga para todos os lados.

os pássaros diferentes de acordo com o lugar ou somos nós no passar do tempo que escutamos distinto:

o senhor não escutou, em cada anoitecer, a lugúgem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua ideia a minha tristeza quinhoã. Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente? (ROSA, 2006, p 402)

Como faremos então com o sertão? Como apreciar a paisagem sonora de um território que, além de espaço físico de acústica própria, é uma metáfora de experiência particular e coletiva? Se Guimarães Rosa nos conta que “o sertão é sem lugar” (ROSA, 2006, p 354) como este soa? Existiria o som somente no espaço físico? Schafer (2006) nos responde que a paisagem sonora não está estritamente limitada aos lugares exteriores, mas pode ser paisagem interior, tanto do espaço quanto de nós mesmos, nossos ruídos de órgãos e de pensamentos. Nosso caminho é a busca por esse sertão de dentro e de fora.

Paisagem sonora (*soundscape*) é o termo cunhado por Murray Schafer (2006) derivado da palavra *landscape*: “denomino *soundscape* (paisagem sonora) ao meio ambiente acústico e com este termo me refiro ao campo sonoro total, qualquer que seja o lugar aonde nos encontremos”⁴⁷ (SCHAFER, 2006, p 12). Sua pesquisa é importante, entre outras coisas, para definir o campo sonoro como um campo de estudos. A paisagem sonora, de acordo com este autor, é composta por todos seus elementos: sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica. Também, de acordo com ele, “a mais vital composição musical de nosso tempo está sendo executada no palco do mundo” (SCHAFER, 1991, p 187). Ele parte da definição de John Cage de que música são “os sons à nossa volta, não importa se estamos dentro ou fora da sala de concerto” (SCHAFER, 1991, p 187) para refletir sobre essa música do mundo, composta pelas sonoridades do ambiente.

À noite, é possível ouvir uns chocalhos ao longe, de algum animal que ainda acordado se move ou mexe sua boca para comer algum mato do vizinho. Uma variedade de sons dentro da imensidão. Nela, a casa e o sono sertanejo são embalados por uma camada de quietude. O povo dorme cedo e os animais notívagos caminham, vivem e entram sem perturbar no sono dos camponeses e das camponesas do sertão. Em “Buriti”, de Guimarães Rosa (1965), acompanhamos, em um primeiro momento, Miguel em seu retorno ao sertão que, depois de “assestar” o ouvido, se orgulha de ainda entender o

⁴⁷ Tradução nossa para “Denomino *soundscape* (paisaje sonoro) al entorno acústico, y con este término me refiero al campo sonoro total, cualquiera que sea el lugar donde nos encontremos” (SCHAFER, 2006, p 12)

mundo de lá. Seu entendimento se passa por reconhecer os sons da noite do sertão: “da treva, longe submúsica, um daqueles acreditava perceber também, por trás do geral dos grilos, os curiangos, os sapos, o último canto das saracuras e o belo pio do nhambu” (ROSA, 1965, p 84). Miguel entende e percebe o ambiente a sua volta, reconhecendo-se como sertanejo vindo daquele lugar. Por mais que estivesse fora, tivesse saído menino, são os sons que o fazem perceber o mundo sertanejo e sentir-se parte dele. Esse sentimento de pertencimento é uma das características que podemos depreender do universo sonoro, os sons se formam em um ambiente preciso, em um nicho, numa localidade e dependem dessa mesma localidade e nicho para se reverberar e se constituir fisicamente. Nosso corpo se encontra imerso nessa imensidão sonora, produz sons que a compõe também e percebe, com a pele e com os ouvidos, a paisagem em que se encontra. Passada a noite no sertão, a paisagem sonora ganha contornos diversos ao amanhecer, geralmente quando ouvimos os bichos acordarem, incluindo o ser humano. Os pássaros são os primeiros e anunciam o dia. Animais de criação começam a pedir seus alimentos, que serão dados em um ritual cotidiano de cuidado. Homens e mulheres iniciam seus afazeres domésticos na roça. Porém, durante o dia e a noite, entramos em momentos de suspensão, em que cada som compõe, de maneira individual e única, a partitura de um dia do sertão.

Em seu livro *Afinação do Mundo* (1997), Schafer define sistemas para analisar a paisagem sonora. Ele identifica os sons fundamentais, os sinais e as marcas sonoras⁴⁸, também nos apresenta os sons arquetípicos, mágicos ou misteriosos, cheios de simbolismo e heranças, que muitas vezes são resgatados pela memória, quando não existem mais ao redor. A partir dos sons gravados e cantados, falados e lembrados pela pesquisa de campo, encontraremos nesta dissertação sons da noite e do amanhecer, sons de trabalho, como os cantos de aboio, sejam eles na roça ou na lida com o gado; sons de causos, memórias e narrativas, contadas e cantadas por anciãs e anciãos que carregam, na sua voz, a história de seus lugares e na sua memória trazem as cantigas, as lembranças e as sonoridades sertanejas; sons das festas e tradições, da cultura sertaneja, do catolicismo e do candomblé. Encontraremos também esses sons arquetípicos, como o canto da coruja

⁴⁸ “Som fundamental é um termo musical. É a nota que identifica a escala ou tonalidade de uma determinada composição” (SCHAFER, 1997, p 26). No caso da paisagem sonora, seria o som criado pela geografia ou clima e não são necessariamente ouvidos conscientemente. “Os sinais são sons destacados, ouvidos conscientemente. (...) precisam ser ouvidos porque são recursos acústicos” (SCHAFER, 1997, p 26). Já marca sonora “se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar” (SCHAFER, 1997, p 27).

rasga-mortalha que, supõe-se, canta para anunciar a morte de quem a ouve. Estes se conectam a fenômenos misteriosos e nos aproximam do mundo invisível que escapa desta realidade, nos comunicando com outros mundos ao mesmo tempo que permeiam o cotidiano nesta fresta entre o visível, o concreto e o real.

Sloterdijk (2016) nos apresenta o ouvido como um órgão de interligação entre exterior e interior, público e intimidade, entre o místico e o real, digamos então que esse encontro se fortalece como um “entre”, um elo que conecta. Dos elementos sonoros, a voz pertence a um lugar especial: está entre o corpo que fala e o espaço onde se propaga; entre a biologia que permite sua existência física e a cultura que determina seus sentidos; entre sujeitos, o que fala e o que escuta. A voz é a simbologia mais próxima de um encontro que todos esses “entres”. Tendo as vozes do sertão como nossa base, iremos apresentar estas vozes, nas narrativas, faladas ou cantadas, com sua potencialidade sônica. Sem cair na dicotomia entre logos e estética, pensaremos o encontro dos dois, o “entre” que existe do som com o sentido. O estilo, ritmo e instrumental da música mantém sua relação com o dito, o falado, o cantado, com a letra, tentando acionar na maioria das vezes sua sonoridade, para trazer a força da voz e do som como o principal contato com o invisível. Porém, as palavras e seu sentido também fazem parte dessa aproximação, novamente temos um “entre” o sentido e a sonoridade. “Rezar um doente” é um bom exemplo desse “entre”: com palavras de descarrego, a rezadora ou benzedeira espanta as energias negativas e malignas do corpo que está sofrendo uma doença ou aflição para longe, para as ondas do mar, para um lugar que não existe. As palavras nesse caso orientam as energias, sugerem para onde ir, mas elas não funcionam na boca de qualquer pessoa ou ditas de qualquer maneira. É do encontro das palavras certas (com seus sentidos) somado à força da sonoridade da fala, da fé, da maneira que ela potencializa sua reza e se comunica com o invisível, que as energias conseguem fluir. É nessa potência que se encontram os narradores do sertão: Seu Zé de Citonho, Seu Joaquim, Dona Cici, Dona Alaíde, Lena e Dona Mira. As narrativas, em versos, causos ou canções, com a força do som da voz, recriam a gênese do mundo e funcionam como atualização de mitos e organização de vidas cotidianas: “a palavra que manipula magicamente os elementos da natureza é *non-sense* e, como na poesia, vale por si. Seu som propõe uma outra cadeia significativa, que rompe com o movimento das forças naturais” (REINALDO, 2005, p 23).

A ligação do invisível com o visível realizada pelo som, pela força da palavra e da música, dos tambores é um dos maiores “entre” que o sertão nos traz, mas podemos

falar de outros. O encontro entre arte e afazeres acontece no cotidiano, mediado pelos sons: o agricultor colhe e planta palavras, a sertaneja é poeta⁴⁹. A separação entre vida, trabalho e arte não existe. Estas todas se confundem no encontro cotidiano e transcendental. E podemos dizer que um dos elementos mais fortes que permite essa costura é o som. O som permeia todas as etapas da vida e conecta o que vemos com o que sentimos, o que é visível quando soa, com o que não se vê e se imagina. Assim é possível falar dos cantos de trabalhos, das inspirações sonoras da roda da casa de farinha para as cantigas, do trabalho coletivo se transformar em uma festa de samba que dura até o amanhecer seguinte.

Ampliando os sentidos neste mesmo caminho, Berendt (1997) sugere “renunciar ao padrão habitual de comportamento visível e superficial. O que importa é ouvir os sons inaudíveis, experimentar a invisibilidade das cores, a visibilidade dos sons, a audibilidade das cores” (BERENDT, 1997, p 50). Ou seja, transcender e sentir. Deixar que esses sons, que nos guiam como espíritos, sejam nossos nexos e nossa desconexão com o mundo visível e com o invisível. Norval Baitello (2005), em *A era da iconofagia*, nos apresenta a cultura e a sociedade contemporâneas priorizando a visualidade e a visibilidade em detrimento do sonoro. Damos mais importância ao que se vê e ao que pode ser registrado de forma visual, do que ao que se escuta, se fala ou que se é gravado, caso esses sejam sons. Junto a essa importância, há também a velocidade do tempo de criação de uma imagem. A velocidade da luz - e com que várias imagens se criam, se propagam e desaparecem - permite que uma imagem nos alcance com mais rapidez (o som percorre seu caminho desde a fonte sonora até ser percebido por alguma membrana auditiva ou corporal de maneira mais lenta⁵⁰) e que seja descartada no momento seguinte. Somos assim bombardeados com inúmeras imagens que nos alcançam em um tempo “mais curto e muito mais veloz do que o tempo da audição, do fluxo do ouvir” (BAITELLO JR, 2005, p 101). Este último permite que estabeleçamos uma temporalidade outra que, na sua duração, nos faz, ao escutar, também conectar com o outro, com o mundo ao nosso redor, com o que se fala e o que se escuta. Assim Baitello Junior se refere à “Cultura do Ouvir” e iremos perceber a paisagem sonora do sertão com esse tempo para vivenciar “um novo

⁴⁹ A poesia tem uma importância a mais ao juntar palavras com sua sonoridade. Às vezes, a poesia não precisa fazer sentido além do sentido do som. Os versos, as canções e os causos no sertão são poesias.

⁵⁰ É sabido que a velocidade do som é de aproximadamente 340 m/s ao nível do mar. Já a velocidade da luz é quase 300 milhões m/s, o que na nossa percepção corporal é equivalente ao instantâneo.

desenvolvimento da percepção humana para as relações profundas, para os nexos profundos, para os sentidos e para o sentir.” (BAITELLO, 2005, p 108)

Nos aproximando às metáforas do sertão, vamos traçar um paralelo da “Cultura do Ouvir” com a “Agricultura do Ouvir”: no sertão existe, por necessidade e costume, um respeito ao tempo do preparo da terra, para a semente vingar, madurar e crescer. O tempo da terra é outro e os sons acompanham este ritmo, no encontro dos sons do processo natural da vida na roça com os sons produzidos por quem trabalha nela. Sabemos que até o ritmo do trabalho costuma ser “sincronizado com o ciclo da respiração humana” (SCHAFER, 1997, p 99), quando aquele não é mecanizado. Assim podemos perceber um tempo de vínculos e nexos entre as pessoas, seu ambiente, o trabalho na roça, com os animais. A natureza inteira caminhando junto com o cotidiano, numa interdependência e influência mútua. Esses vínculos ritmados entre as pessoas e a vida são concebidos como a harmonização da natureza, ou ressonância, conceito que nos traz Berendt:

assim, a ressonância está presente por toda a parte, como o ar que respiramos, cuja presença mal percebemos. Mas ela indica, de maneira surpreendente, a tendência à perfeita harmonização do ritmo, que encontramos sempre que buscamos as raízes de nossa existência (BERENDT, 1997, p 145)

Segundo o autor, a possibilidade de viver em uníssono com a natureza, incluindo suas imprecisões e incertezas, abre caminho para a busca dessa vibração harmônica, que segue o fluxo dos nexos, do tempo de escuta e de fala. A paisagem sonora do sertão é sazonal, pois soa de acordo com os ciclos da cultura do milho e do feijão, variando também no período da seca e das chuvas. Tem sua sonoridade mais intensa no período da colheita, em que escutamos em todas as casas o “bater nos grãos”, a debulha e o preparo das comidas para “explodir” em festas de santos, com fogos, rezas, cantos e forró. Durante o preparo da terra, as pessoas se reúnem para bater enxada⁵¹ e cantar aboios, ritmadamente, periodicamente. Quando as árvores se enchem de frutas, acontece a visita de uma “enxurrada” de passarinhos para amanhecer o sertão, época de festas nas árvores, nos sítios, nas casas. Esses tempos não são acelerados, o vínculo com a terra justamente se dá nessa espera, nos sons que se fazem e se escutam entre uma seca e outra, entre um dia e sua noite. A “Agricultura do Ouvir” respeita esse tempo e nele desenvolve a conexão.

Seu Zé de Citonho estava sentado numa cadeira de balanço no alpendre de sua casa, no sítio Bom Lugar, jogando conversa fora com longas pausas entre uma fala e

⁵¹ A expressão “bater enxada” é utilizado para afiar a enxada no início no dia.

outra. Ele descrevia como se fazia a farinha e a tapioca. Contava que não existiam mais as casas de farinha em Bodocó, “só lá no alto da Serra”⁵². Alguns amigos sempre falavam de construir uma casa de farinha, disse que tem um que vai dar a “arupemba”⁵³. Em um momento, passou uma moto e deu uma buzina, seu Zé respondeu com um aceno leve de mão. No fundo, ouvia-se um chocalho. No meio da conversa sobre a casa de farinha, ele lembrou de uma festa de forró que foi um “funaré”⁵⁴. Chegou Tia Socorro, sua cunhada, eles se cumprimentaram e ela entrou na conversa também. Falaram sobre a rádio e sobre o remédio de Seu Ernesto. Seu Zé de Citonho voltou a falar da casa de farinha: “gosto de contar história bem comprida”. No sertão os tempos são outros. A correria da cidade vai sendo deixada para trás, vemos a paisagem se transformar em xique-xique, mandacaru com frutos vermelhos, enquanto a caatinga tinge o caminho com seus tons cinza nos galhos, avermelhando-se nas folhas. Entram meninos vendendo castanha, “castanha, castanha, duas por cinco”. Lento e repetido. Lugar para que as histórias durem o tempo que tem de durar, sem precisar pegar atalho. Nesses espaços e tempos de escuta, os sons criam uma paisagem sonora que parece uma imensidão. Para Schafer (2006), simplesmente possuir um aparelho auditivo não garante que consigamos escutar essa paisagem sonora, é necessário aprender a ouvir, sensibilizar o ouvido ao mundo sonoro, parar para ouvir, ter o tempo para essa escuta sensível.

Essa paisagem sonora envolve os habitantes do sertão e é a partir dela que suas relações com o mundo, no mundo, sendo mundo, são baseadas e construídas. Sloterdijk (2016), em sua reflexão de seres humanos como habitantes de esferas, trata a esfera sonora de uma importância ímpar na partilha de um mundo interior: “trata-se da comunidade auditiva constitutiva que integra os humanos em um anel não objetivo de mútua acessibilidade. A intimidade e a publicidade têm na audição, o órgão que as interliga” (SLOTERDIJK, 2016, p. 470). A audição é o primeiro sentido que desenvolvemos enquanto seres humanos, ainda no ventre materno. A visão só começa a se aprimorar depois de alguns meses da criança nascida. “No curso dessas investigações sobre a audição humana e sua evolução, constou-se, além de qualquer dúvida, que as crianças já escutam notavelmente bem no interior do útero, graças ao desenvolvimento precoce do ouvido” (SLOTERDIJK, 2016, p. 454). Ao escutar a criança já se inclui nesse

⁵² A Serra de que fala Seu Zé de Citonho é a Chapada do Araripe, localizada na divisa dos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco. Bodocó se encontra numa unidade geo-ambiental de depressão, cercada pela chapada.

⁵³ Arupemba é um tipo de peneira, feita de palha trançada, muito comum na região Nordeste do Brasil.

⁵⁴ Funaré é uma palavra muito utilizada no sertão que significa “festa”, “confusão”, “encrenca” e “briga”.

espaço e no tempo presente. O feto está imerso “no delicioso som que se torna audível da voz materna, em suas frequências de saudação, se dirige à vida que chega” (SLOTERDIJK, 2016, p. 458). Em *A Afinação do mundo* (1997), Schafer nos traz também a semelhança ao que pode ser o primeiro som escutado no mundo:

o oceano dos nossos ancestrais encontra-se reproduzido no útero aquoso de nossa mãe e está quimicamente relacionado com ele. Oceano e mãe (...). À medida que o feto se move no líquido amniótico, seu ouvido se afina com o marulho e o gorgolejo das águas (SCHAFER, 1997, p 33).

Os dois termos utilizados pelos autores acima citados são importantes para entender essa sonosfera: integrar e afinar. Tendo a audição como primeiro sentido a nos formar como membros de um grupo, já participamos, nos afinando a este mundo. Essa importância segue no decorrer do crescimento e pertencimento a um local. Somos e estamos imersos nessas sonoridades precocemente e, por mais que pareça que nos afastamos dela, pelo domínio muitas vezes exacerbado da visualidade, continuamos sendo formados por sons. Estes nos tornam o que somos. Cada um de nós é a sonoridade que nos envolve.

Sendo assim, no sertão, é possível perceber, escutar e gravar o que Sloterdijk chama de “redoma acústica que cobre todo o grupo” (SLOTERDIJK, 2016, p. 470), sendo a redoma o Sonário do Sertão, e o grupo, as pessoas de Várzea Nova (BA), Várzea Queimada (BA) e Bodocó (PE).

3. Acervo do Sonário do Sertão

Este projeto está vinculado a uma pesquisa artística que resultou em um *site* em que é possível acessar os sons, escutá-los e baixá-los. O *site* do Sonário do Sertão⁵⁵ é o polo catalisador *online* do acervo. Este, no entanto é mais extenso e conta com 1242 registros sonoros. Parte dele será analisada nesta dissertação⁵⁶. Este capítulo, descreve o material registrado com o intuito de abarcar sua totalidade. As tabelas de referência para este acervo selecionado estão nos apêndices, nelas várias informações⁵⁷ são dispostas para guiar na descrição dos arquivos sonoros.

Para descrever este material, foi necessário dividi-lo em categorias. Chegamos às seguintes, a partir de construções que foram desenvolvidas no decorrer da pesquisa: Cotidiano; Narrativas e Memória; Festas e Tradição; e Paisagem. Trocando em miúdos, os sons do trabalho, da roça, alimentação, do dia a dia, juntando o som da carroça, da moto, do que te leva para um lado e te traz para outro, esses são do Cotidiano; os sons de contos, causos, histórias sertanejas se encontram em Narrativas e Memória; o batuque, músicas, cantos, o trabalho na roça em mutirão, as festas religiosas são Festas e Tradição; Paisagem é ambiente, espaço, lugar sem a presença de homens e mulheres. Esta paisagem sonora limitamos ao *landscape* exterior: animais, vento, árvores dominam esses sons nessa categoria. Cada categoria destas, por sua vez, está subdividida pela localidade. Cotidiano se subdivide em Bodocó/Sipaúba (PE), Várzea Nova/Ponto Novo/Junco (BA) e Várzea Queimada (BA); Festas e Tradição em Bodocó (PE), Várzea Nova/Junco (BA) e Várzea Queimada (BA); Memórias e Narrativas em Bodocó (PE), Várzea Nova/Junco (BA) e Várzea Queimada (BA) e Paisagem em Bodocó (PE), Várzea Nova (BA) e Várzea Queimada (BA). Essas subcategorias são importantes para conseguirmos aprofundar no imaginário sonoro de cada lugar e para poder localizar esses sons no mapa, no espaço e no tempo.

Mesmo com essa tentativa de separar os sons para facilitar a exposição neste trabalho, muitas vezes as sonoridades do sertão não se encaixam completamente nessas

⁵⁵ <http://sonariodosertao.com/>

⁵⁶ O *site* Sonário do Sertão conta atualmente com 200 arquivos sonoros. Este número está constantemente mudando, pois o interesse é que em algum momento todos os sons do acervo estejam disponíveis *online*.

⁵⁷ Informações contidas nas tabelas: nome do arquivo original gravado, data de gravação, local ou comunidade, modo de gravação, gravado por (oficinandos ou oficinaira), duração, descrição de ações, qualidade sonora (complexidade/simplicidade, continuidade/ruptura, repetitivo/único, frequência, intensidade, reverberação).

categorias. O som expande, ultrapassa paredes e não fica em caixinhas. Os sons transcendem as fronteiras das categorias e temos vários sons que permitem interseções entre várias. Trataremos de vários sons que ficam “entre” categorias e que não se deixam classificar: é impossível, por exemplo, separar trabalho dos cantos ou das narrativas que incluem os cantos etc. Há sons que transitam por várias categorias.

Faremos a seguir a descrição de alguns sons selecionados, como uma tentativa de abertura, aprofundamento e aproximação do acervo. Apresentamos, como dissemos, em categorias e subcategorias para facilitar organizar o material.

3.1 Cotidiano

São 266 arquivos gravados nos meses de maio, junho, julho, agosto e outubro de 2017 nas comunidades de Várzea Nova, Junco, Várzea Queimada, Ponto Novo, na Bahia; e também em Sipaúba e Bodocó (na cidade e nos sítios Bom Lugar e Bom Retiro), em Pernambuco. Os sons gravados e classificados como “Cotidiano” envolvem a lida com a roça, da preparação do solo até a casa de farinha ou outro beneficiamento da região; a criação dos animais; os sons domésticos de convívio, trabalho e descanso; os sons de transporte, tanto humano quanto de carga, a caminho da feira ou da roça ao depósito; os sons de lazer; e, especialmente nas comunidades da Bahia, sons de construção coletiva das moradias populares.

Esses sons são muitas vezes interligados. Muitos sons que começam na roça têm como destino a cozinha ou o alpendre da casa. Dos sons de convívio doméstico no interior da casa, basta um grito e escutamos do lado de fora, onde se dá a criação dos animais. A rádio permeia o dentro e o fora muitas vezes. A roça é composta principalmente de feijão e milho. É presente, independente da época do ano, o som da quebra de licuri, coco fruto do licurizeiro, ressoando durante toda a seca.

3.1.1 Bodocó (PE)

Preparação da roça

- 1) Escutamos o som da enxada, repetitivo e presente. As frequências principais são médias e agudas, mas há a presença de harmônicas. Foram gravadas diversas perspectivas, desde pouca proximidade até a uma distância, como se o som viesse da casa de um vizinho.

- 2) Há uma variedade de gravações limpando a roça para plantar. Neste período do ano, a terra está fofa e o som pode ser “seco”, mas não “duro”. O arquivo contém algumas conversas entre os agricultores junto com o som do roçado.
- 3) Portinhola ruidosa da horta próxima à casa de Dona Alaíde. Escutamos os animais em volta, guinés e porcos.

Colheita do feijão (de corda/andu)

- 4) Som de feijão sendo colhido seco na plantação. Som áspero e agudo do toque das mãos na vagem e nas folhas secas. Pés pisam a terra pisada durante movimento.
- 5) Som de vagens de feijão sendo batidas encima de uma toalha. Gravado à distância e de diversas perspectivas, escutamos várias casas com sua “panha⁵⁸”. Um pau de madeira dando golpes em vagens secas. Som repetitivo e de intensa reverberação.
- 6) Sons de pessoa descascando o feijão “Andu”. Atividade realizada na sala de casa, ao redor da bacia de vagens descascadas. O som começa na escolha da vagem na bacia, depois a retirada do grão de dentro da vagem seca e posteriormente escutamos a vagem vazia caindo no chão. Alguns estouros agudos e transientes do momento que o feijão sai da vagem.
- 7) O som de grãos de feijão jogados ao alto e caindo na peneira de metal. Algumas melodias de assobio durante a peneiragem.
- 8) O som reverberante dos grãos caindo pela primeira vez dentro do cilo, feito de metal e guardado dentro do depósito. Depois do primeiro estrondo dos primeiros grãos, o som fica repetitivo e mais ameno.

Cultura do milho

- 9) Uma pessoa ralando o milho em um ralo grande feito de alumínio. Seu som é agudo, os grãos ralados se juntam à massa que já se encontra em bacia embaixo de ralador. Sons em volta de falas de adultos e crianças e de galos.
- 10) O som grave bastante próximo da panela, no interior da cozinha. O processo vai intensificando o som do borbulhar da canjica de milho fervendo junto com a colher de pau mexendo a panela. Esta bate nos grilhos do fogão, escutamos assim todos os elementos que envolvem a feitura da canjica: fogo, metal, milho e colher

⁵⁸ Em Bodocó se chama “a panha do feijão” à atividade de colher feijão na roça.

de pau. Dona Cici termina a ação colocando a massa da canjica em um pote e desliga o fogo. Durante a ação alguns cantos de galo.

Criação de animais

- 11) O som de um porco que grunhe momentos antes de receber a lavagem. Gravado de várias perspectivas. O som de pessoa chamando a atenção do porco, ela coloca a lavagem no local próprio dentro do chiqueiro, som marcado pela presença de líquidos que a compõe, além de alguns elementos sólidos. O porco come com um som nasalado em contato com o som da comida. Grunhidos diminuem aos poucos.
- 12) O som da fuga do porco gravado em um longo arquivo: ao colocar outro porco no chiqueiro, os dois se soltam. Carlinhos, Seu Zé de Citonho e Seu “Vô” tentam prender o porco de novo, tia Creuza faz comentários um pouco mais distante. Os grunhidos dos porcos variam de perspectiva, distância e intenção, ora são uns grunhidos abafados, ora são gritados. Estes últimos são agoniantes. Eles conseguem prender os dois porcos e começam a refazer o cercado por onde os bichos fugiram. Sons de estacas, batidas em madeira, transientes e intensas. Escutamos comentários de todos opinando sobre como se deve fazer o novo chiqueiro.
- 13) O som de Seu Zé de Citonho abrindo a porta de casa e caminhando até o terreiro. Galinhas e pintinhos cacarejam intensamente, ele joga grãos de milho e sacode a vasilha de alumínio com os grãos. Som das asas de galinhas se debatendo próximas a seu Zé. Os cacarejos vão aos poucos diminuindo.
- 14) O som do grugulejo de dois perus do terreiro de Dona Cici quando Claudiano assobia. Eles se comunicam. Gravado de diversas perspectivas e quando não escutam assobios, cantam pouco. Seu canto é forte, começa com maior potência e vai em sentido decadente, decrescendo na intensidade. Acompanhado do grugulejo tem um som grave de vibração de suas penas eriçadas. Em alguns arquivos, escutamos também o bater de asas de outras aves e pintinhos piando em grupo.
- 15) O som de homens em grupo consertando uma cerca. Enquanto um homem segura a cerca que range, outros batem marteladas ritmadas, repetidas e de alta intensidade na madeira. Escutamos sons ininteligíveis das conversas dos homens. Bordeando as outras cercas ouvimos algumas vacas que pastam. Os chocalhos

graves pendurados no pescoço soam a cada mastigada no pasto e ainda mais forte quando elas dão um passo. Às vezes passa uma moto.

- 16) O som de vários jatos de leite jorrando em balde de metal, som constante e ritmado, se inicia com o movimento da mão na teta da vaca e vai até o jato se juntando com o leite já acumulado no balde, de maneira cíclica quase sem perceber o início e o fim do som. Um chocalho da vaca grave soa em alguns momentos.
- 17) O som de ovelhas caminhando e o chocalho soando a cada passo. Soltas no pasto, algumas estão mais afastadas do microfone, outras próximas e ouvimos um som áspero da boca mastigando a planta. Escutamos os passos de uma pessoa que está pastorando as ovelhas, misturando-se com os passos delas. Gravado de diversas perspectivas, desde a próxima até o chocalho distante numa perspectiva mais aberta.
- 18) O som de uma forrageira ligando. Soa um motor contínuo, repetitivo e prolongado que emascara um pouco os ruídos ao redor, porém sobressaem alguns sons dos grãos e plantas sendo moídas.

Domésticos

- 19) O som da saudação de Dona Creuza cumprimentando suas sobrinhas com um caloroso “Bom dia, meninas”⁵⁹.
- 20) O som de Dona Cici varrendo o terreiro próximo a casa. Textura da vassoura de palha de coqueiro raspando no chão de terra batida. Algumas folhas e resíduos soam junto ao passar da vassoura.
- 21) O som de Dona Cici lavando a louça com grandes panelas. A pia se localiza no exterior da casa. Ouvimos som de água no balde. Há a presença de um som constante de água caindo nas plantas.
- 22) O som de pedaços de lenha queimando lentamente. Gravado no fogão à lenha que fica no exterior da casa. Podemos ouvir também as aves do galinheiro próximo a casa. Escutamos um assobio que estimula a dupla de perus a grugulejar.
- 23) O som de liquidificador batendo o suco feito da polpa da acerola, fruta da época. Som do ventilador no interior dos cômodos. Ambos sons têm um ruído constante de motor cíclico e repetitivo.

⁵⁹ Mesmo a saudação sendo cotidiana, as sobrinhas comentam sobre a maneira sertaneja antiga de trocar o M pelo R de Tia Creuza, soando como “Bor dia”.

- 24) O som de Dona Cici acionando com o pé a máquina de costura. Som cíclico e repetitivo. No fundo e nas pausas, escutam-se pintinhos e galinhas.
- 25) O som do balançar da rede ao meio dia se destaca, pois, o ambiente está “quieto”. Ele tem uma sonoridade cíclica e repetitiva, com todas as frequências e uns picos nas médias.
- 26) O som do “caneco” pegando água no “camburão”⁶⁰ (ou pote), gravado em dois arquivos. Reverberam alto pelo efeito da água dentro do nicho. É levemente transiente⁶¹ e contém todas as frequências, gravado no interior de casas.
- 27) O som de conversas ininteligíveis no terreiro de Dona Alaíde, embaixo de árvore e ao lado das ovelhas berrando. O arquivo dá uma noção perspectiva do espaço, à esquerda o berro e chocalho das ovelhas, à direita o som das folhas ao vento.

Rádio

- 28) O som gravado do aparelho de rádio registra o Programa matinal da rádio Liberal: o locutor fala e incentiva as pessoas a acordarem com sons gravados de galos e da hora certa. A rádio está ligada na sala da casa, atravessa todos os cômodos e escutamos de fora da casa. Foram gravados arquivos dessas diversas perspectivas. A cada três músicas do ritmo forró, há alguma propaganda de lojas próximas a Bodocó ou piadas contadas pelo locutor com sotaque nordestino. Escutamos também os sons da casa, como talheres preparando a mesa para o café da manhã. Locutor também convida para festividades de santo⁶². Há também a leitura dos signos do zodíaco, dividida em três blocos de falas.
- 29) O som gravado do aparelho de rádio registra o programa vespertino da Rádio Liberal nos momentos anteriores à “Hora da Anunciação”. Há a reza da “Ave-Maria”, cantada e orada. Em seguida, começa uma publicidade.
- 30) O som gravado do aparelho de rádio registra o programa “Agricultura Familiar em Debate”. Escutamos o apresentador dando as notícias sobre as manifestações que aconteceram no dia primeiro de maio. Algumas convidadas do programa analisam a conjuntura política. Tocam música antes do intervalo.

⁶⁰ “Tchibungo” é uma onomatopeia que se encontra no prólogo música “Respeita Januário” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Ela se refere ao som do caneco pegando água no pote. Luiza Gonzaga escuta do lado de fora da casa quando seu pai dá uma “tchibungada” no pote.

⁶¹ Palavra que designa o início do som, o ataque, quando este tem seu ápice antes de começar a decair. Usado aqui também para sons que são marcantes pelo seu ataque.

⁶² Gravamos no mês de maio e começam festividades de santo com comemorações à Virgem Maria e, posteriormente, começam as festas do São João.

Transporte

- 31) O som de moto, gravado de cima, em movimento. É possível ouvir os sítios por onde ela passa. Existem variações dependendo da aceleração e do contato com o solo, que no caso deste arquivo é de terra.
- 32) O som de um caminhão vendendo abacaxi, gravado no centro de Sipaúba (PE). Escutamos o som do motor do caminhão e de uma vinheta gravada que se repete em *looping* chamando as pessoas para provarem o melhor abacaxi do Brasil. Escutamos ruídos da rua, crianças e frases gritadas entre vizinhos. Caminhão se afasta e para na esquina.
- 33) O som do carro de boi de Mitô gravado em três diferentes perspectivas. A primeira é de cima do carro, variando o eixo do microfone ora para a roda, ora para os sons um pouco abafados de Mitô animando os bois. A textura sonora é uma mistura de madeira e couro, a carroça está vazia e o carro roda rápido. As duas outras gravações registram o carro afastando e se aproximando do microfone. As falas de Mitô sobressaem ao som das rodas.

Feira

- 34) O som da feira de Bodocó gravado em posições diferentes. Escutamos burburinhos e gritos de promoção, vendedores falando o preço dos produtos. Eles gritam e também escutamos um vendedor com um megafone. Escutamos um vendedor falando com a rapidez imitando o estilo de “narrador de futebol de rádio”. Há uma confusão de sons de quem vende com quem compra, alguns motores que trituram especiarias. Escutamos alguns comentários sobre o que vão fazer com algumas compras, uma Renovação ou compras do cotidiano. A maioria dos arquivos foi gravada embaixo das lonas das barracas, somente um no interior do galpão de carnes que é mais reverberante e escutamos, além das vozes, os ruídos de máquinas cortando as carnes.

3.1.2 Várzea Nova/Ponto Novo/Junco (BA)

Plantação / Colheita

- 35) Dois arquivos registram a quebra do licuri. Gravados no interior do depósito de armazenamento e quebra, na casa de Albeir e Carlito. Enquanto Albeir quebra, há

conversas de pessoas em volta, que também comem o coco do licuri. O som é transiente e repetitivo, as batidas são realizadas entre duas pedras, com o licuri no meio, daí a casca se separa e fica somente o coco. Dona Lindalva também quebra licuri na porta de sua casa, um som que reverbera menos; escutamos também a rádio e vozes de pessoas.

36) Registramos agricultores capinando a terra com enxada. O som da terra fofa é suave, porém, quando a enxada bate em alguma pedra, os harmônicos ressoam. Também registramos esse mesmo som da enxada misturado com sons de músicas que tocavam de um celular no bolso da calça de uma agricultora. Músicas no estilo “forró” e “arrocha”⁶³ eram as que mais tocavam.

37) Os arquivos gravados na casa de farinha manual de Várzea Nova registram todo o processo de feitura da farinha, do beiju e do polvilho. Após um som intenso e desordenado de mandiocas caindo da carroça para dentro da casa, começa a raspa da mandioca, em que predomina um som intenso e metálico que emascara levemente as vozes de mulheres que estão comentando a qualidade da mandioca. Registramos o motor de máquina ligando, o som das mandiocas sendo cevadas, ritmado, monótono e contínuo, até a máquina desligar. O som da cevadeira tem pequenas variações a depender do tamanho da mandioca e do movimento de quem opera a máquina. Após esta etapa, surge um som mais aguado do processo de coar a massa da mandioca. Ao final, conversas ao redor do forno do beiju, algum crepitar de fogo e comentários sobre o resultado dos beijus.

Criação de animais

38) Gravações de conversas na casa de Albeir e Carlito no fim da tarde ao lado do galinheiro e de outros animais. O som do movimento das asas das galinhas indica a altura e tamanho das árvores onde elas dormem e também permite saber o horário da gravação. Em outros arquivos, as conversas continuam, mas ouvimos o chocalho das ovelhas mais presentes. A jumenta rincha. Os pintinhos e galinhas “dialogam” com uma criança que está presente.

⁶³ Gêneros musicais comuns no Nordeste. Forró é um termo geral que designa vários gêneros como o xote, baião e xaxado. Arrocha é um gênero musical que surgiu na Bahia que é uma mistura de outros gêneros, principalmente do brega, axé e forró.

- 39) Registramos um arquivo em que Nor dá comida para uma burra, ele caminha e a chama antes de se aproximar. Ouvimos também a voz de Lindalva falando com Nor, ela se encontra dentro da cozinha e sua voz é mais abafada, Nor não responde.
- 40) Gravamos aproximadamente 20 arquivos em uma manhã em que Carlito alimenta seus animais de criação. Foram registrados de perspectivas variadas e com gravadores e microfones diferentes. Escutamos Carlito falando tranquilo com os animais e assobiando para as ovelhas. Registramos todas as etapas da alimentação: primeiro as ovelhas, depois a jumenta e por fim as galinhas, galos e pintinhos no galinheiro. Uma boa parte das gravações está próxima das ações e registra detalhes de fala, assobio, berros variados (mais altos, mais graves e mais agudos, esganiçados) e o som do chocalho das ovelhas e da ração na vasilha, um pó feito da casca de licuri que ressoa ao se movimentar na vasilha de plástico. Quando Carlito solta os bichos, ouvimos o som de trinco e da porteira, eles passam correndo pelo microfone e escutamos a perspectiva do espaço, ora de direita para a esquerda, ora o oposto. No fundo, escutamos um cachorro latindo, alguns pássaros cantando e motos passando. Escutamos o relinchar da jumenta. A forma de gravação permite perceber o posicionamento dos animais e de Carlito em relação ao microfone. Registramos o som de animais mastigando, além de passos. Em um determinado momento, Carlito diz que a jumenta “vai tocar viola mais não”, sobre o som do relincho, comparando-o ao da viola.
- 41) Um arquivo de longa duração é registrado em uma ida ao apiário. Primeiro se prepara um fumigador com a palha do licuri e que soa como um fole sem variações de nota. Passos e conversas até chegar nas casas das abelhas, as vozes têm uma reverberação própria, pois todos estão com máscaras de proteção. O som do fole assoprando dentro da casa de abelha se mistura ao zumbido das mesmas que passam próximo ao microfone, o que dá a impressão do zumbido dentro da orelha. A cada fumegada, um som de zumbido mais forte, com frequências que vão das médias até agudas. Também escutamos as respirações de Dione, que fala e explica os cuidados com o apiário. Passos nas folhas secas, retornando a casa. A sequência inteira varia de sons graves da fumigada até os agudos do estalar das folhas secas.

Domésticos

- 42) Registramos em 6 arquivos o processo de construção de casas em Várzea Nova. Escutamos algumas falas reverberarem no espaço vazio. Os trabalhadores recitam

algumas poesias e músicas enquanto constroem. Os sons do trabalho são repetitivos e com predominância de médias frequências. Escutamos alguns sons transientes e intensos de batidas da pá no cimento. Escutamos o som da mesma pá espalhando a massa e alguns assobios.

- 43) Gravamos 7 arquivos do caminhão-pipa enchendo as caixas d'água de Ponto Novo. Primeiro, ele enche uma caixa grande na parte exterior. Escutamos as vacas passando lentamente pelo microfone no momento em que homens ligam o motor do carro-pipa e este começa a encher a caixa. Escutamos algumas falas ininteligíveis mascaradas pelo ruído do jato d'água. O motor do carro-pipa permanece ligado durante toda a ação por conta do bombeamento da água. O som vai mudando de textura enquanto a caixa enche. Posteriormente, registramos o som no interior do galpão, mais reverberado e menor compreensão das falas. Escutamos alguns risos em volta das caixas enchendo de água. O motor faz com que a água varie de velocidade. Em Várzea Nova, também foi registrado o som da água enchendo a caixa da casa de Dona Lindalva, porém sem o motor do caminhão-pipa. Este é um som monótono, repetitivo e com poucas variações.
- 44) Gravamos o som de passarinhos cantando dentro do galpão em Ponto Novo. O som é reverberado pela altura e pelo teto ser de zinco. Em Várzea Nova, temos alguns arquivos de passarinhos dentro da gaiola: o som do canto mais isolado do ambiente exterior, gravado no interior e o registro da relação com o dono ou dona que assobiam para se comunicar com o pássaro. O som das asas batendo nas paredes da gaiola denuncia o espaço onde se encontra o pássaro. Em alguns arquivos, escutamos o papagaio dos avós de Aelson conversando de maneira gritada, parecendo a voz de uma pessoa.
- 45) Gravamos o som ao amanhecer desde a perspectiva de fora da casa de Dona Lindalva. Escutamos uma pessoa assoando o nariz no banheiro.
- 46) Registramos vários arquivos dentro da cozinha de Dona Lindalva. Estes são: ela utilizando o ralador com o som de borbulhar de panelas ao fundo, os sons de crianças e adultos que passam pela cozinha, a panela de pressão com um som mais agudo. Temos um só arquivo extenso que registra várias ações dentro da cozinha. O som varia se a panela está aberta ou fechada. Há a preparação de alimentos, o corte de legume, que possui um som transiente e de alta intensidade, e Dona Lindalva batendo o pilão.

Rádio

- 47) Gravamos em dois arquivos o jogo de futebol do Bahia contra o Atlético, transmitido pela rádio. O rádio fica na cozinha de Dona Lindalva e escutamos os sons da cozinha, som de panelas e do movimento de pessoas. A transmissão falha em alguns momentos e um dos filhos de Lindalva comenta que “isso acontece sempre no melhor momento”.
- 48) Registramos a transmissão pela rádio da “A Hora do Anjo” em um arquivo que começou a ser gravado um pouco antes e um pouco depois, assim acabou registrando também o final de um forró e a vinheta da emissora. Escutamos a “Ave-Maria Sertaneja”⁶⁴ inteira. O rádio fica na cozinha de Dona Lindalva e escutamos o som de panelas, de fritura e de água. O arquivo permite a percepção da perspectiva espacial, estando o rádio à esquerda e fogão e pia à direita do gravador.

Transporte

- 49) Gravamos ao final da reunião da Associação de Agricultores de Várzea Nova de motos ligando e se afastando. Escutamos o roncar de muitos motores. O som é presente, contínuo e repetitivo, exceto pelo arranque de algumas motos mais ruidosas.
- 50) Registramos o trajeto do trator transportando as pessoas de Várzea Nova para o Junco. O som do motor é forte e emascara os outros sons. Há variações do som cíclico dependendo do tipo de chão e da marcha que é usada. Ao mudar, escutamos o som de um “tranco” no trator. Os sons abarcam todas as frequências, do mais grave até uns estalos agudos. Quando o trator chega na cidade, o som fica menos estrondoso pelo contato com o asfalto. Podemos escutar as falas das pessoas no trator.
- 51) Gravamos em vários longos arquivos Seu Dado transportando a palma na carroça de madeira de puxada por jegue. A roda de pneu soa pouco e há uma variação de perspectiva durante a gravação, escutamos mais o passo do jegue, seu chocalho e relincho durante o caminho. É uma estrutura circular e constante, predominando

⁶⁴ Música de Luiz Gonzaga que soa todos os dias às 18h. A letra faz referência ao horário de reza: “Quando batem as seis horas de joelhos sobre o chão, o sertanejo reza a sua oração: Ave Maria, Mãe de Deus Jesus, nos dê força e coragem pra carregar a nossa cruz. Nesta hora bendita e santa, devemos suplicar a Virgem Imaculada os enfermos vir curar” (GONZAGA, 1964).

sons de madeira e de metais pendurados na carroça. O caminho da carroça conta uma história⁶⁵, segue um trajeto, abre a porteira e fecha. Escutamos Seu Dado cumprimentar as pessoas no caminho até chegar no depósito onde descarrega as palmas. Ele faz um som com os lábios para incentivar o jegue a seguir e às vezes precisa ser mais enérgico.

Lazer

- 52) Gravamos os sons do jogo semanal de futebol em Várzea Nova. O campo fica ao lado de um bar e da estrada, então escutamos automóveis e a música do bar se misturando aos sons do jogo. Em volta do campo, garrafas de plástico delimitam o espaço do mesmo. Estas soam quando a bola ou o vento batem.

3.1.3 Várzea Queimada (BA)

Plantação / Colheita

- 53) Gravamos a quebra de licuri de várias perspectivas. É um som presente ao fundo de alguns arquivos, quando se escuta pássaros e ambiente amplo de Várzea Queimada. Temos arquivos em que o som da quebra do licuri está registrado próximo ao microfone. Quando uma pessoa quebra no seu jardim, o som se propaga pela comunidade inteira.
- 54) Registramos diversos arquivos na casa de farinha mecanizada que registram o processo da feitura da farinha de mandioca. São em torno de 18 arquivos de diferentes durações e maneira de registro. Quase todas as gravações incluem o som de motores de equipamentos diversos. Este é um som repetitivo, monótono e cíclico, porém quando colocam a mandioca há algumas variações: a roda que lava a mandioca possui sons mais aquosos e um som grave da mandioca rodando lá dentro. A água que sobra cai no chão, o motor não é forte nem presente durante todo o arquivo. Esta máquina tem uma cadência de “respiração” com sons predominantemente de madeira. A máquina de cevar soa alto, varia de frequências no momento em que a mandioca é cortada, com picos de frequências média-alta e intensidade no corte. A máquina que prensa a massa de mandioca possui um

⁶⁵ Na música Samarica Parteira, Luiz Gonzaga descreve e imita os sons de um caminho de cavalo até a casa da parteira. Alguns sons coincidem com o trajeto de Seu Dado e poderíamos dizer que certamente um trajeto deste tipo inspirou a música (GONZAGA, 1979).

ruído menos forte de motor, que permite escutar som de vozes, de líquidos pingando e da pressão da máquina no bloco de massa da mandioca. Por último, a massa gira no forno de torrar farinha; o movimento e o som são circulares. Dentro da casa de farinha, os sons de vozes estão presentes e a raspagem da mandioca é feita manualmente por mulheres e crianças sentadas em roda. Escutamos a textura do processo de raspagem e cortes na mandioca. Este som é áspero e transiente junto com as falas ininteligíveis de mulheres.

Criação de animais

- 55) Gravamos sons de galinheiro com pintinhos e galinhas. As casas são próximas e passam vários motores de carros, ônibus e motos. Os sons se misturam com sons de jegues e outros animais.
- 56) Gravamos, ao amanhecer, as galinhas, galos e pintinhos esperando embaixo da janela. Escutamos Dona Luiza abrindo a janela e uma multidão de aves sobrevoando sua janela para receber os grãos que ela distribui. Escutamos sons de asas batendo e o cacarejar dos animais. O som dos grãos é mascarado pela intensidade dos animais.

Domésticos

- 57) Gravamos diversos sons da lida com a cozinha. Arquivos registram o pilar do alho, o coar café e a panela de pressão. Escutamos as falas e sons de outros cômodos.

Rádio

- 58) O som gravado do aparelho de rádio registra o programa “Espaço Livre”. Radialista diz a data e apresenta os entrevistados, arquivo curto.
- 59) Gravamos vários arquivos em que escutamos, ao fundo, as músicas vindas de celular ou de aparelhos de MP3, e permeiam vários outros sons do cotidiano das casas.

Transporte

- 60) Gravamos a moto do pão de manhã. Escutamos seu motor e buzina desde longe e quando se aproxima o motoqueiro fala: “ói, o pão!”. Também registramos os ônibus que passam pela comunidade. Um deles traz os professores para a escola infantil e o outro busca os estudantes para o curso noturno.

- 61) Escutamos os meios de transporte pela manhã em Várzea Queimada. Gravamos motos, carros e carroças puxadas por jegues indo para a roça. Como as casas são próximas no centro da comunidade, podemos ouvir de manhã as pessoas conversando e mexendo em talheres dentro de casa.
- 62) Registramos o ônibus escolar que deixa as crianças e professores. Escutamos duas buzinas antes dele seguir seu caminho. Em outro arquivo, escutamos o ônibus passando e afastando-se do espaço da escola. Seu som forte emascara os outros ao redor.

Crianças

- 63) Em arquivo gravado próximo à escola, ouvimos a gritaria das crianças. Algumas vozes estão próximas ao microfone, outras se escutam de longe. Escutamos um jogo de bola, uma recreação e crianças gritando bem próximas ao microfone e o som fica “estourado”, ultrapassando o limite de decibéis.
- 64) Gravamos o som de crianças dentro de sala de aula com a voz da professora em meio a uma profusão de sons confusos. As vozes das crianças pequenas são agudas. A sala de aula apresenta uma acústica reverberante.
- 65) Gravamos o intervalo da aula, as crianças gritam versos com algo de malícia. Alguns sons “estourados” por gritos próximos ao microfone.

3.2 Festas e Tradição

A categoria “Festas e Tradição” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Junco, Várzea Queimada, na Bahia, e também em Salviano, Pedra do Claranã e Bodocó (na cidade e no município, no Sítio Bom Lugar, Sítio Alho, Sítio Meleiro, Sítio Cascudo), em Pernambuco. São 180 arquivos gravados entre os meses de maio e outubro de 2017. Os sons gravados e classificados como “Festas e Tradição” são aqueles que envolvem a tradição cultural, seja ela popular, religiosa, artística ou ancestral. Dentro dela estão as festas religiosas católicas como as ladainhas⁶⁶

⁶⁶ Forma poética de leitura de oração. A maneira de cantar possui ritmo e melodia que diferem das missas tradicionais católicas. A estrutura da ladainha é repetitiva, circular e monótona, com trechos longos que se repetem como um mantra, até que o som chegue aos céus, algumas vezes tem um tom melancólico apesar de falar da alegria de poder louvar.

de Novenas, a Renovação, a Celebração, o São Gonçalo e a Visita ; sons de festas religiosas afro-brasileiras como o Cariru e as rezas de cura; os cantos de trabalho da lida com o boi e com a roça; as músicas tocadas no pífano e o samba brasileiro.

Os sons gravados têm uma característica fortemente documental e foram registrados no momento em que as festas e atividades culturais aconteciam. As festas religiosas nem sempre possuem essa separação tão rígida entre a religião católica e a tradição afro-brasileira, e isso se deve à história de sincretismo⁶⁷, porém a tradição de matriz africana é mais presente no sertão baiano e iremos tratá-la de forma separada, pois suas sonoridades têm especificidades que merecem esse tratamento. Algumas tradições musicais são realizadas deslocadas de sua tradição original, como o aboio, a banda de pifanos e o samba brasileiro, pois as Novenas de “a pés”⁶⁸ e o batalhão não se realizam mais. Porém as colocamos nesta categoria, pois houve uma releitura e ressignificação dessa tradição em muitos dos casos⁶⁹.

3.2.1 Bodocó (PE)

Festas da Religião Católica – Novena / Renovação / Visita

66) Gravamos 14 arquivos Novena de Nossa Senhora. Os arquivos iniciais foram gravados próximos ao público enquanto ainda preparavam para a celebração. Sons de “passagem de som” do violão elétrico e do microfone possuem picos de alta frequência por conta de microfonia⁷⁰ e alguns “rachados” pela qualidade baixa do amplificador, evidenciando um “hiss⁷¹” de fundo numa parte da gravação, a caixa quase sempre sibila quando pronunciam o “S”. Escutamos o burburinho das pessoas que chegam até a frente da capela de Salviano (Bodocó, PE) para participar da Novena. O grupo responsável pela celebração testa os equipamentos

⁶⁷ As religiões de matriz africana (ou afro-brasileiras) foram perseguidas durante os anos de escravidão e de uma única religião oficial no país – a católica. O sincretismo religioso entre as duas religiões foi uma maneira de sobrevivência.

⁶⁸ A tradição de tirar a reza de Novena ainda é realizada por todo o sertão baiano e pernambucano, porém as Novenas originalmente eram realizadas após uma procissão a pé que seguia de casa em casa. Em Várzea Queimada (BA), ela era acompanhada pela banda de pifanos.

⁶⁹ Em Várzea Queimada (BA), Seu Nel toca com a banda de pífano em festas, porém se lamenta pelo fato de não ser mais durante a procissão da Novena. Já em Várzea Nova (BA), o aboio do batalhão foi ressignificado e continua sendo tocado durante o trabalho coletivo da roça, sem esse sentimento de que a tradição está sendo “utilizada” fora de seu contexto.

⁷⁰ É um efeito sonoro de realimentação quando o microfone capta o som do dispositivo que emite o próprio som do microfone. Geralmente, o efeito é um som de alta frequência.

⁷¹ Som muitas vezes causado por alguma falha no sistema sonoro, que soa como um longo “s”

com termos religiosos e trechos de músicas que irão cantar: “Jesus, Alô, Som” e trechos da “Ave Maria”. A gravação do início da celebração apresenta bastante microfonia, que diminui no decorrer, porém não chega a um som límpido. Escutamos a leitura de trechos da Bíblia por diversas pessoas, interpretações pelo pregador Francisco e músicas religiosas pelo grupo jovem católico de Meleiro (Bodocó, PE). As leituras dos salmos são monótonas e em um tom sem muita variação, a animação é dada pela música tocada no violão e cantada por vozes femininas. Em alguns momentos as rezas são feitas sem microfone, principalmente no “Pai Nosso” e “Santa Maria”. Também sem microfone, os fiéis respondem e aplaudem no final de certos trechos. Nas pausas das falas, escutamos o burburinho, tosses e alguns comentários que sobressaem no microfone. Do lado direito do palco, crianças brincam em um campinho, escutamos o som de gritos e os risos da brincadeira das crianças. Em determinados momentos, soltam-se fogos, produzindo um som reverberante e transiente. A celebração acontece no meio da vila de Salviano, então escutamos as motos passando e as conversas afastadas do centro. Temos registros mais afastados do meio para o final, com outras perspectivas da Novena, e a maior presença das crianças à medida que se afasta. Fizemos uma gravação mais distante da área onde ocorre a celebração e ela fica de fundo e ininteligível, os fogos estão presentes e o som de uma lagoa também. A celebração chega ao fim e soltam fogos durante a última música. Fim da cerimônia e escutamos somente o burburinho das pessoas na praça até o som das cadeiras de plásticos sendo recolhidas.

- 67) Registramos em um longo arquivo a celebração da Renovação na casa de Dona Neta, desde seu início com burburinhos e a preparação, incluindo falas de Xaxá sobre gravação, até o final, em que ele termina falando sobre a gravação. Sua voz está próxima do microfone e é marcante. Ele reza de maneira cantada, ora uma melodia quase falada, ora transformando as rezas em cantos. Como dá um ritmo ágil, acaba interrompendo o coro, formado basicamente por mulheres. Algumas vezes escutamos Xaxá limpando a garganta, mas, no geral da gravação, temos a impressão que ele não respira. Há uma variação do eixo do microfone na tentativa de registrar mais próximo do coro as respostas aos salmos. Entre uma reza para um santo e outro, o coro grita “viva” e as pessoas os aplaudem. Escutamos um burburinho e algumas conversas entre um canto e outro. A Renovação termina com a reza de Santa Luzia, a pedido da dona da casa. Após a Renovação, ela

chama com tom de voz alto e convidativo as pessoas para tomar café. Escutamos sons de panelas, pessoas conversando e chinelas arrastando na cozinha, uma presença maior de vozes de mulheres e crianças. Ao fundo som de motos se afastando da casa encerram a gravação.

68) Gravamos 10 arquivos na Novena de Nossa Senhora Aparecida no Sitio Alho (Bodocó, PE), na casa de Brás e Antônia. O primeiro arquivo registra o burburinho das pessoas chegando, tanto as suas falas quanto as suas motos. O violão elétrico também começa a dedilhar. O coro canta a oração de São Francisco, gravamos de uma perspectiva de fora da casa e próximo a falas de crianças. A gravação está próxima dos fogos de artifício, escutamos quatro levadas de dois tiros, uma leva de dez e duas levadas de três tiros. O coro sem microfone canta “Em nome do Pai”. O tirador da reza usa microfone, porém na perspectiva de fora sua voz fica ininteligível. Aumentam a intensidade do volume quando rezam “Pai nosso” e “Santa Maria”, várias vezes. Escutamos um burburinho nas pausas e algumas crianças brincando, também ouvimos algumas tosses durante o arquivo. Os arquivos gravados com perspectiva de fora registram o burburinho, a reza ao fundo e um som forte, agudo, constante e cíclico de grilos. Gravamos um arquivo entre a porta da casa onde está sendo rezada a Novena e o exterior, percebe-se nele a espacialidade dos elementos da reza: atrás e fora se encontram o burburinho de homens, o som de grilos e de algumas crianças; dentro a reza, alguns movimentos das mulheres e crianças e o coro da “Santa Maria”. Ao chegar no final da Novena, depois de dar “graças”, as pessoas ao redor batem palmas. Escutamos um som constante de plástico manipulado por crianças. Após a Novena, no espaço exterior ouvimos as mulheres servindo lanche para os convidados, risos, descontração e o som agudo de grilos. O último arquivo registra o som das motos ligando, aquecendo e passando pelo microfone, com a perspectiva da direção das motos. Em menor quantidade, ouvimos também o som de carros.

69) Registramos 6 arquivos durante a cerimônia de Visita tirada por Xaxá na casa de Dona Francisca⁷². Os dois primeiros arquivos foram gravados sem cortes, são grandes e registraram a maior parte da cerimônia. O microfone se encontrava mais próximo das pessoas presentes, do lado direito da viúva e apontando para o altar

⁷² Dona Francisca é viúva de Seu Zé Valero. A Visita é a cerimônia celebrada em sua casa em memória de seu finado esposo.

onde se encontrava Xaxá. Num primeiro momento, o escutamos dizer que vai cantar metade da Visita e rezar a outra metade, pois é pesado cantar tudo sozinho. Escutamos sua voz cantando áspera sem muitas pausas, somente algumas para respirar; em volta escutamos sons de choro, nariz entupido e soluços vindo da viúva. Durante a reza do “Ofício das Almas⁷³”, as pessoas começam a jogar água com um ramo de manjerição no formato de cruz no chão em frente do altar, escutamos um som agudo que vai embalando a reza do meio para o final. As pessoas não conseguem acompanhar a velocidade da reza tirada por Xaxá. Ele faz tentativas de cantar trechos de rezas, mas quando percebe que as pessoas não vão acompanhar, muda. Escutamos um galo em alguns momentos da reza, ruídos de crianças e pessoas tossindo. Há algumas variações de posição de microfone no decorrer dos arquivos. O tom da reza é pesado, as ladainhas têm uma sonoridade grave, as pessoas estão sérias nas suas respostas. A viúva chora e Xaxá também tem um tom mais grave com poucas variações. As ladainhas são repetidas tão rapidamente que parecem um som contínuo ininteligível, como um mantra. Os últimos arquivos foram gravados na sala contígua, afastados do altar e próximos das crianças e do coro, até o final da Visita. Escutamos pessoas se movimentando e saindo da sala, além do arrastar de chinelas no chão de cimento batido.

3.2.2 Várzea Nova/Junco (BA)

Festas da Religião Católica – Festa Junina / Celebração

- 70) Gravamos 7 arquivos na parte exterior da Igreja após a missa de Santo Antônio, o forte burburinho indica a presença de muita gente. Escutamos vozes de homens ao microfone dando recados, notícias, falam do lanche que está sendo vendido nas barracas, do bingo e do forró. Começa o forró tocado com triângulo e sanfona. As primeiras músicas não têm vocal e o mesmo homem fala ao microfone sobre a música, a banda e a ausência do vocalista. Nas pausas das músicas, ouvimos falas do público e alguns gritos. O som da sanfona às vezes causa uma microfonia e tem o som das teclas marcadas, ela soa com muita reverberação. Gravamos em várias perspectivas, algumas mais próxima às pessoas dançando e do burburinho com algumas falas mais marcantes, tudo com o forró de fundo. Os últimos dois

⁷³ Oração católica composta de versos e melodia que, se supõe, ajuda a salvação das almas.

arquivos registram a banda com voz, sanfona, triângulo e zabumba. A sanfona sobressai aos outros sons, o vocal está baixo e um pouco confuso. Em algumas pausas, o homem do microfone volta a dar recados. O último arquivo gravado está distante da caixa de som e o som de burburinho e do forró ficam equilibrados. Logo após a festa de Santo Antônio, há uma série de gravações de festas não religiosas que também acontecem na época do São João, no centro e nas aforas da cidade do Junco (BA). Em vários locais diferentes, escutamos músicas de batida grave, marcante e repetitiva. O primeiro arquivo grava o som de carros com portas abertas e alto-falantes tocando músicas diferentes, impossível de se entender cada música individualmente. Os últimos arquivos registram o “paredão”, um equipamento que forma uma parede de alto-falantes que tocam músicas escolhidas por djs. Em todos os arquivos, existe um burburinho das pessoas conversando.

- 71) Gravamos em 5 arquivos a Missa de Santo Antônio, que faz parte da Novena do mesmo santo. Foram gravados em dois gravadores estéreo, um localizado mais próximo do púlpito e outro, do público. A missa acontece dentro da igreja do Junco (BA) e foram registrados os momentos finais da missa: fim de oração, agradecimentos às comunidades e famílias, música final. Todas as vozes dos celebrantes são microfonadas e tem alguns ruídos de “pops⁷⁴”. As músicas são acompanhadas de violão também microfonado e das palmas do público. Depois da missa, fora da igreja, gravações nas barraquinhas de comida registram burburinhos e venda de comidas típicas desta época do ano. Algumas vozes sobressaem: a de mulheres comprando, alguns vendedores e vendedoras fazendo promoção. Escutamos o som agudo e metálico do abrir e fechar das painéis. No último arquivo, uma pequena entrevista sobre a imagem de Santo Antônio e receber a “graça de marido⁷⁵”, essa conversa começa “fora de eixo” e vai se aproximando. Gravamos alguns sons de moto ao fundo e em alguns momentos dos arquivos.

Tradições Musicais Mistas – Samba brasileiro / Digitório

⁷⁴ Som muitas vezes indesejável do ar golpeando o microfone durante falas ou cantos, mais presente nos sons explosivos como começados com as vogais “p” ou “b”.

⁷⁵ Diz a tradição que quem encontra a aliança ou a imagem do Santo Casamenteiro e da família dentro do bolo da festa dentro de um ano arranja marido e tem que voltar para agradecer ao Santo. Diz que é Santo Antonio que manda um noivo abençoado.

72) Gravamos 40 arquivos da festa do Samba Brasileiro na casa de Raul. Foram utilizados dois gravadores⁷⁶. Do início do samba, temos um longo arquivo de uma hora e trinta minutos, depois outros arquivos vão variando de tamanho, de 27 minutos até de 6 minutos. O samba se inicia no exterior, no alpendre da casa. Há um burburinho de preparação logo no início e alguns gritos pedindo para não ter “zoada” durante as músicas. A música que inicia é do canto de reis⁷⁷. No final dela, escutamos os gritos de “vivas” ao Santo Reis, aos donos da casa e a todos presentes. O samba é composto de quatro cantores, uma dupla canta a fala principal sendo que um segue a segunda do canto principal, e a outra dupla faz o coro, também na estrutura de segunda. Suas vozes chegam a um registro alto e, por vezes, fora da escala harmônica pentatônica, dando uma leve impressão de fora de tom. Além dos cantos, os instrumentos tocados são uma viola, um prato e um pandeiro. Acompanham palmas ritmadas e ouvimos os pés sambando no ritmo do Batuque⁷⁸. O início da gravação começa de maneira concentrada durante o canto de Reis. Aos poucos, vamos adentrando a sala da casa, com um Batuque, o som reverbera um pouco mais e o burburinho vai se tornando cada vez mais alto. Em alguns trechos ouvimos comentários dos sambadores sobre a qualidade da música, as letras e os instrumentos. Durante o Batuque, o nível de intensidade da gravação aumenta e as pessoas gritam. Escutamos também a direção dos passos, às vezes rodeando o microfone estéreo. Também é na hora do Batuque que o som se torna mais transiente, por conta do ritmo da percussão e das palmas. Há uma variação da posição de microfones durante o decorrer da festa, algumas gravações ficaram mais próximas do burburinho do que da música. Algumas entradas das Chulas, do meio para o final, têm erros e uma pessoa mais entendida sussurra os trechos certos. Os últimos arquivos já foram gravados no amanhecer, junto com o som de burburinho escutamos pássaros e a manhã chegando. Estas últimas gravações não têm percussão, somente a viola e as pessoas cantam Chulas, acompanhadas de palmas. As vozes já estão diferentes por conta da bebedeira. As

⁷⁶ O primeiro gravador rodando o microfone estéreo externo e também o interno do próprio gravador. O segundo, com um microfone direcional mais voltado para as vozes e o microfone dinâmico para registro da percussão. Os gravadores não gravam todo o material direto, porém temos praticamente todas as músicas registradas em um ou no outro.

⁷⁷ Canção em louvor aos Três Reis Magos na sua jornada a Belém, tradição católica realizada no dia 06 de janeiro.

⁷⁸ A estrutura do samba é feita com a alternância entre Chula (versos mais lentos cantados) e Batuque (coro mais agitado). Durante o Batuque acontece a Piegada, que são danças de roda marcando o ritmo com os pés.

gravações alternam músicas e conversas sobre a comida, política e o próprio samba.

73) Registramos 9 arquivos no digitório de Raul, enquanto capinam, conversam e aboiam. Nos dois primeiros arquivos, há um motor de caminhão de fundo. Este som some depois do terceiro arquivo. Escutamos uma conversa “fiada” nos dois primeiros arquivos, com vozes “fora do eixo” do microfone, alguns membros do grupo contam a história do digitório e do batalhão. Começam a aboiar, cantando músicas de domínio popular e composições próprias, alguns assobios acompanham. Escutamos o som de enxadas golpeando a terra, levemente ritmadas e transientes. A textura deste som é complexa, a enxada quando entra na terra ressoa frequências médias e agudas. Durante o aboio, a primeira e a segunda voz não estão exatamente em sincronia, elas se completam com alguns instantes de diferença. As vozes passeiam pelas notas, em um desafino controlado, e mantêm as vogais um pouco mais duradouras no final. Às vezes, as vozes saem do eixo do microfone, pois estão caminhando, capinando e cantando, variando assim a posição do microfone. Algumas motos passam e ouvimos passarinhos. Os arquivos variam de tamanho, havendo maiores de 25 minutos até mais curtos de 2 minutos. Os aboiadores cantam de improvisos e contam piadas, seguidas de risos, que são os sons de maior dinâmica dos arquivos, junto com alguns sons de golpes de enxada mais próximos e um ou outro grito depois do aboio. Em um dos últimos arquivos, o microfone ficou parado e gravamos em perspectiva a aproximação dos aboiadores. Tanto o som da enxada quanto o do canto vão ganhando intensidade e presença. No último arquivo, eles repetem o primeiro Aboio, o da “Chegada do Boi” na roça para o batalhão.

3.2.3 Várzea Queimada (Bahia)

Festa e Cerimônia da Religião Católica – Novena de Santo Antônio

74) Registramos 10 arquivos durante a Novena de Santo Antônio. A Novena começa com o som dos fogos de artifício. No próximo arquivo, vamos nos aproximando da capela onde as mulheres estão cantando a ladainha de Espírito Santo. No caminho, escutamos o burburinho de homens do lado de fora da capela. Neste arquivo, de duração de 15 minutos, adentramos a capela e o microfone se posiciona próximo ao coro de mulheres, ficando as duas rezadoras de costas para

o microfone, perdendo assim um pouco da presença de suas vozes. As ladainhas seguem as orações, começando por Espírito Santo, Pai Nosso, Ave-Maria até chegar nas de Santo Antônio. Escutamos os fogos, tosses de pessoas e motos passando fora da capela. Entre uma reza e outra, escutamos o burburinho de mulheres, choro de crianças e algumas frases que se entendem e outras ininteligíveis. Com mais clareza se entende a discussão sobre qual ladainha cantar. Em alguns arquivos, aproximamos o microfone das rezadoras, assim as vozes delas se tornam presentes. O último arquivo é na parte exterior da capela, gravamos as crianças brincando e ao fundo ainda escutamos a ladainha. Não entendemos as falas das crianças, porém algumas sobressaem. Um arquivo foi registrado do gravador de áudio do celular, e nele o puxador da reza é um homem, mas o coro continua sendo de mulheres.

Tradições Musicais Mistas – Aboio/Banda de Pifanos/Samba de Candomblé

- 75) Gravamos 10 arquivos do aboio de Manuelito no interior do galpão da Associação da Juventude de Várzea Queimada (BA). Utilizamos três gravadores para o registro, dois gravados no microfone estéreo interno do gravador e um com o microfone direcional externo. A gravação possui um brilho de reverberação por conta do teto de zinco do galpão. O aboio é improvisado e descreve a vida na roça, o boiadeiro e também a própria oficina de captação de sons. Seu tom de voz é monótono, contínuo e com poucas pausas para respiro. O final das rimas marca as letras vogais e termina com a mesma frase: “ê saudade”. Usa termos tradicionais e antigos. Escutamos algumas motos de fundo. O segundo aboio é um teste de microfone, mas Manuelito emenda um improviso sobre “a vida do ser humano é o tempo só relevando”. O último aboio inicia com preparação da gravação e Manuelito canta sobre “as coisas boas do mundo”, às vezes escutamos ele tomando um pouco de ar e molhando a garganta com saliva. Nos momentos em que solta mais a voz, se percebe a reverberação no galpão. Os dois principais aboios têm por volta de dez minutos e o teste dura um pouco de dois.
- 76) Gravamos 19 arquivos durante uma apresentação da banda de pifanos de Várzea Queimada (BA), porém foram utilizados três gravadores para registrar, com microfones diferentes, diversos aspectos da sonoridade da banda⁷⁹. Eles tocam

⁷⁹ Um gravador com microfones estéreo interno e externo; o segundo gravador com dois lapelas nos tocadores de pífano e o terceiro gravador fazendo o registro da percussão com o microfone dinâmico.

oito músicas e todas têm por volta de dois minutos. Elas começam com o toque dos pífanos e aos poucos a caixa e bumbo entram. Há nas gravações um pequeno reflexo do som nas paredes próximas. Estamos no exterior e escutamos algumas motos. Nas pausas, escutamos algumas falas e o agudo som dos grilos. A variação de frequências, sonoridades e dinâmica é enorme, mas no conjunto conseguimos ter a percepção de unidade das músicas. As músicas também têm algo repetitivo, variando a altura harmônica a cada frase musical.

77) Gravamos 4 arquivos durante uma apresentação das sambadoras de Várzea Queimada (BA). Foram utilizados três gravadores para registrar, com microfones diferentes, diversos aspectos da sonoridade do samba: um gravador com microfone estéreo interno, segundo gravador com dois de lapelas próximos às bocas das sambadoras e um terceiro gravador com o microfone direcional e o dinâmico. Elas tocam seis músicas que duram entre três e quatro minutos. A introdução das vozes sempre é feita pelas duas sambadoras principais e depois o coro continua o resto da frase. Escutamos com maior presença as vozes das sambadoras, a letra da música é repetida várias vezes, em uma estrutura mêntrica. São três tambores, como na tradição africana⁸⁰, com toques transientes e contínuos. No intervalo das músicas, os participantes comentam sobre os tambores e as próximas músicas. Há uma variação de frequência graves e médias dos tambores e das vozes, a intensidade é alta e se mantém potente. No final, elas repetem a primeira música: “pega o bode, amarra o bode”. Às vezes, escutamos toques soltos sem o acompanhamento de vocal. No final escutamos motos e conversas.

Festas e Cerimônias da Religião Afro-brasileira – Rezadoras de ervas/Cariru

78) Em um arquivo de aproximadamente 22 minutos, acompanhamos Lena em seu pomar falando das plantas e de suas propriedades medicinais. O som varia de eixo por conta dos movimentos e escutamos passos e movimentações. A conversa flui entre as pessoas presentes e há tempos vazios em que Lena colhe ervas e traz para próximo ao microfone para mostrar. Escutamos um som de frequências médias e agudas quando Lena esfrega as ervas nas mãos para liberar o cheiro. Em alguns

⁸⁰ As tradições mantêm-se até hoje com três tambores chamados de atabaque que soam com registros diferentes de frequência, do mais grave ao mais agudo. Este último é responsável pelo solo e os outros dois em manter a harmonia.

trechos, passam motos. Lena fala cantando, mas, quando dá a receita de remédio, acelera e impõe outro ritmo à sua fala. No decorrer da conversa, faz uma reza para mau olhado⁸¹, começa com uma reza de “Pai Nosso” e de “Ave-Maria”, mas aos poucos vai ficando mais sussurrado e rápido, algumas palavras não se entendem. A pessoa rezada responde com a frase “Deus do Céu”. A conversa no último arquivo é descontraída.

79) Registramos 21 arquivos no Cariru de Dona Raimunda. Foram gravados em dois gravadores, um com o microfone estéreo interno e outro com o microfone direcional externo. A festa começa com os fogos de artifício para chamar as pessoas. Seu som é transiente e de alta intensidade. Ele é seguido de um burburinho registrado em vários arquivos durante a preparação da mesa do Cariru. Dentre sons ininteligíveis, escutamos alguns gritos de mulheres e também falas ou choros de crianças. Escutamos sons graves de motos chegando. À medida que a sala fica cheia, aumenta o burburinho. O Cariru começa com "Vivas" e palmas de todos presentes. A dona da casa puxa o primeiro canto, as pessoas respondem, seguem as palmas e o pandeiro. Essa estrutura se repete mesmo entrando outros dois puxadores. Escutamos, às vezes, os sons transientes dos fogos. São 23 músicas até dois minutos gravadas em um só arquivo sem cortes, com uma duração de trinta minutos. Entre uma música e outra, escutamos as orientações de como seguir e chamam mais “Vivas”. No final, escutamos o burburinho das pessoas se divertindo, comendo e arrastando as sandálias no chão de cimento batido. As motos vão embora.

80) Registramos 9 arquivos da preparação diurna do Cariru de Dona Maria. A preparação começa com o tratamento de frangos para o jantar que será servido à noite. Escutamos a conversa ao redor dos dez frangos e alguns sons transientes e rápidos da faca golpeando os mesmos. Os gritos do frango morrendo são de alta intensidade e variados. As frequências dos sons gravados variam também, entre agudas dos sons das panelas; médias, do frango e das conversas; e um som grave de motor ao fundo. Depois as mulheres seguem depenando o frango e rindo com uma conversa sobre casamento. O terceiro arquivo tem um som de água ao lavar os frangos, a conversa segue, com temas mais picantes, de vez em quando, ouvimos vozes de crianças. O som aquoso alterna com o metálico das bacias onde

⁸¹ Lena reza contra mau olhado, vento caído e espinhela caída, são doenças que só podem ser curadas com as rezas espirituais. Ela pede para esses males desterrarem.

estão os frangos. Nos momentos de cortes no frango, temos maior presença do som transiente da faca na pedra e as vozes viram burburinhos, menos ininteligíveis. Escutamos cachorros latindo no fundo. Aos poucos, o microfone se afasta e gravamos um som mais geral dessa roda de mulheres. Os sons de golpes com a faca ainda têm a maior presença. Os últimos três arquivos da preparação já foram gravados em outro espaço, dentro da capela da matança⁸² de três frangos. Cada morte de frango é acompanhada de um tiro de fogo de artifício. São três atabaques e um prato que tocam junto com os cantos. Dona Maria toca um sininho na mão às vezes. O arquivo tem 22 minutos, começa um pouco antes do início da reza e termina com um burburinho final. A estrutura da música começa com um canto puxado por Dona Maria e depois é seguido pelo coro, pelos tambores, pelo prato e pelas palmas. Há um equilíbrio de frequências: as agudas do prato e do sininho; graves e médias dos tambores e médias das vozes. A voz de Dona Maria denota sua idade, uma senhora já idosa com uma voz presente, porém falha e de afinação variante.

- 81) Paralelo à preparação do Cariru, gravamos as crianças cantando seus versinhos. Estão tímidas, mas uma ajuda a outra. Escutamos vozes finas e risos altos. Elas vão aquecendo e as vozes do coro ficam cada vez mais altas. Cada uma canta um trecho do verso e o coro ajuda. Batem palmas em determinadas músicas. Elas fazem roda para facilitar o canto, algumas crianças ainda não falam, mas participam da brincadeira. Há uma variação dinâmica grande das palmas com a voz. Fazemos uma gravação sem palmas para evitar essa variação. No último arquivo, voltam as palmas. Também existem outros dois arquivos de crianças cantando versinhos, enquanto ao fundo escutamos a ladainha de Santo Antônio, gravado num outro momento.
- 82) Registramos 4 arquivos da cerimônia noturna do Cariru de Dona Maria. Os primeiros dois arquivos são de preparação da mesa das crianças que irão comer o Cariru. Escutamos o burburinho, algumas conversas mais definidas próximas ao microfone e uns toques soltos nos tambores, para testar a afinação deles. A cerimônia acontece no interior da sala da casa de Dona Maria e começa com uma reza em coro do “Pai Nosso” e da “Ave-Maria”, esta última repetida várias vezes. Escutamos sons de crianças chorando e falando. Um grande arquivo de 35

⁸² A “matança” é uma das etapas do ritual do Cariru.

minutos registra sem cortes todos os cantos e toques, desde a oração até o último momento. No final do arquivo, tocam samba com atabaque e prato sem cantos e com burburinhos. Uma única voz, do tirador do Cariru, começa a puxar as músicas, o coro majoritariamente feminino, se junta a ele e o tirador pede pelas palmas. Os tambores começam a tocar ao mesmo tempo que os fogos avisam o início da festa. Essa estrutura se repete várias vezes: uma voz puxa e as outras acompanham, junto com os instrumentos. As músicas indicam as ações que as crianças devem fazer: comer, lavar as mãos, beber guaraná. Escutamos as pessoas pedindo para as crianças gritarem, como sinal de satisfação. O grito delas é agudo e longo, se parece com um uivo. Soltam fogos em vários momentos. As frequências se compõem de forma variada: os atabaques têm os registros de grave à média; as palmas e instrumentos percussivos são de médias e médias-altas; o grito fino das crianças é o mais agudo que gravamos. Às vezes, Dona Maria inicia o canto, como dona da festa e também rezadora, depois seguem o coro e os tambores. Há uma variação de microfone durante o arquivo, explorando os limites de gravação. No final, afastamos o microfone dos tambores e do tirador do Cariru principal. Nas pausas da música, ouvimos burburinhos, vozes de crianças e pessoas conversando sobre a próxima música.

- 83) Gravamos 7 arquivos na Novena de São Cosme e São Damião durante o Cariru de Dona Maria. Um longo arquivo foi gravado sem cortes, utilizando o microfone estéreo MS. No outro gravador registramos em três arquivos separados, com o microfone estéreo interno. O primeiro é maior e registra quase toda a Novena e os últimos priorizam o exterior com os fogos e o burburinho do lado de fora, após a Novena. Ela é puxada por duas rezadoras, sendo uma delas Dona Maria. Sua voz tem um tremor e varia de registro. A segunda rezadora sobressai menos e segue com uns segundos de diferença a reza de Dona Maria. O coro é potente e formado basicamente por mulheres. Ele reverbera dentro da capela pequena. Escutamos vozes de crianças, junto com tosses. Os fogos de artifício estão presentes e são soltos durante todo o arquivo. A ladainha é cíclica, repetitiva e só não é monótona pela potência do coro e dos fogos. Um gravador se encontra na janela da capela e está mais próximo dos fogos e da ladainha das rezadoras, registrando também com bastante presença o coro. O outro gravador está na porta da capela, fica distante e fora do eixo das rezadoras, mais próximo do coro. A Novena termina com “Louvado Seja” e “Vivas”.

84) Registamos 11 arquivos do Samba de Candomblé do Cariru de Dona Maria. Os três atabaques soam junto com os cantos, prato e palmas. Uma pessoa puxa o primeiro canto e as outras seguem cantando em coro. Os tambores são os responsáveis do ritmo, aumentando ou diminuindo de acordo com a invocação⁸³ dos caboclos. Escutamos falas e risos nas pausas das músicas. Os primeiros arquivos foram gravados dentro da sala do Cariru. Ao mudar para o terreiro, há uma variação acústica, com menos reverberação e burburinho. Os tambores ficam mais presentes, sem tanta reflexão sonora. Quando iniciam as invocações, escutamos os gritos das pessoas que têm caboclos. As pessoas gritam para que rodem mais. Acrescentam um triângulo ao toque. Durante a gravação, o microfone varia de perspectiva, ora próximo da percussão, ora dos cantos e, em um momento, distante de tudo. Daí não se diferenciam os cantos, somente gritos mais marcados de “abre a roda”. O samba se acelera à medida que as pessoas invocam, os cantos ficam mais rasgados e sem fôlego, pela intensidade da dança.

3.3 Memória e Narrativas

A categoria “Memória e Narrativas” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Junco, Várzea Queimada, estas na Bahia; e no município de Bodocó, no Sítio Bom Lugar, Sítio Bom Retiro, Sítio Serra Nova, Sítio Croatá, todos em Pernambuco. São 108 arquivos gravados entre os meses de maio e outubro de 2017. Os sons gravados e classificados como “Memória e Narrativas” são aqueles que envolvem conversas. Nelas, os temas vêm surgindo como a lembrança surge na mente, inexplicável, e fazendo suas conexões de forma fluida de uma memória à outra. Não pretendemos que a memória caminhe de uma forma linear, portanto vamos apresentar aqui da mesma maneira livre que elas apareceram nas conversas. Tampouco é nossa intenção fazer uma transcrição⁸⁴ das conversas, mas apresentar de que maneira e como foram os registros das histórias do sertão. As narrativas versam sobre as histórias de “antes”, da vida e de algumas tradições que não existem mais, ou que mudaram, sobre a roça, a escola, as brincadeiras, superstições, piadas, histórias de “trancoso”, histórias da formação das

⁸³ Termo usado pelos moradores de Várzea Queimada para se referir à invocação da presença dos espíritos e orixás que são louvados durante a festa do Cariru.

⁸⁴ Um detalhamento do conteúdo de cada arquivo se encontra no anexo I desta dissertação.

comunidades e das lutas do campesinato; contam histórias sobre o Samba, o Pífano, o Cariru, a Renovação e a Visita, a Novena e o São Gonçalo.

Quase todas as gravações apresentam pessoas contando ou cantando alguma história de memória. Em menor número, mas ainda presente, aparecem as cantigas lembradas durante conversas, algumas até acompanhadas por instrumentos. Elas se encontram nesta categoria por não serem cantadas no seu habitat de festas ou trabalho, mas porque foram lembradas durante estas gravações. Esses sons muitas vezes compõem uma unidade com sons que estão na categoria “Festas e Tradição”, e vamos propor uma escuta conjunta, pois podemos ouvir tanto a música tocada e depois sua história contada em um outro momento. Um exemplo desta proposta de escuta está na aba seleções⁸⁵ do *site* Sonario do Sertão, composta por sequências de sons em que podemos escutar de forma fluida a fala, um canto à capela, um amanhecer e um Aboio próximo a esse amanhecer.

Por último, um som que não se enquadra nem em fala nem em música, mas é um som tocado pelas pessoas em Bodocó (PE) para lembrar uma tradição antiga que já não se usa mais, é o som do Buzo. Para nós, ele faz parte da pré-história sonora do sertão.

3.3.1 Bodocó (PE)

85) Gravamos uma conversa de noite na cozinha da casa de Dona Firmina e Seu Zé Ernesto. Esta foi dividida em três arquivos. O primeiro começa com uma piada de Seu Zé Ernesto sobre a cachaça com alguns ingredientes que não existem. Depois, em um arquivo de 25 minutos, Dona Firmina conversa sobre seus filhos, sobre o sítio em que estamos e como ele era antigamente, sobre a roça, sobre os principais alimentos que se tiravam e se tiram hoje, e sobre a festa de São João. A reverberação da cozinha é forte e existe uma variação do eixo da gravação pela movimentação das pessoas. No fundo, escutamos o som da panela de pressão com mandioca cozinhando. Dona Firmina dá algumas broncas em Zé Ernesto por conta de cachaça e usa termos típicos da região: “cachaça só dá fuá, funaré e zoada”⁸⁶. Escutamos o som do ventilador, de movimentos dentro da cozinha e dos talheres.

⁸⁵ Para acessá-la entre em <http://sonariodosertao.com/selecoes/>

⁸⁶ Já explicamos funaré e os diversos sentidos de zoada. “Fuá”, nesta frase, acaba sendo um equivalente à bagunça, mas pode ter também o sentido de intriga ou comentário maldoso.

- 86) Organizamos uma roda de conversa no terreiro de Dona Cici e Seu Zé de Citonho, numa noite de quarta-feira. As pessoas foram convidadas para contar histórias em roda, como antigamente. Elas foram chegando e se cumprimentando. Escutamos as cadeiras arrastando e algumas motos se aproximando. A conversa começa tímida, mas algumas pessoas gostam de contar histórias, como seu Zé de Citonho, Dona Cici e Dona Alaíde. Escutamos os grilos cantando forte. Há variações do eixo do microfone quando cada um começa a falar, pois há uma demora em chegar no eixo certo e conseguir a presença do som. Gravamos 8 arquivos em dois gravadores, um deles com o microfone direcional que aponta para as pessoas que contam histórias e o outro gravador com o microfone estéreo próximo às pessoas que escutam e reagem, com risos e falas também. Elas contam histórias antigas, da época da infância, como quais roupas eram usadas para a Novena e para a roça, falam do buzo e de quando ele tocava para chamar para enterro de anjo⁸⁷. Dona Alaíde fala emocionada ao falar do buzo. As histórias são acompanhadas de sons que imitam os toques e as músicas, ao falar da Lapinha, do São Gonçalo e da Vaquejada. No final, eles contam histórias de trancoso. Seu Zé de Citonho é o principal contador desta noite, fala mansinho como se a história fosse verdadeira, as pessoas começam a rir antes do final da história. Alguns choram de tanto rir.
- 87) Gravamos uma tarde na cozinha de Dona Creuza, enquanto ela preparava comida e contava sobre a casa, a roça e o São João, em diversas cidades da região. Seu modo de falar é reconhecido pelas pessoas próximas como antiga. Escutamos os sons do ambiente de fora da cozinha na gravação, como pássaros e vozes. Em algum momento, chega sua filha com seu neto que pede a “benção”⁸⁸. Ao falar sobre o “som”, Tia Creuza se remete às caixas de som e repete a palavra “funaré”, usada por Dona Firmina. São dois arquivos, o primeiro tem a duração de 12 minutos e o segundo, de 5 minutos, este último referente à colheita de umbu, quando Tia Creuza se junta à família no pomar.
- 88) Gravamos na porta da casa de Alaíde e Ticarro. Enquanto Alaíde debulha feijão, Vani conversa com os dois sobre a roça, feijão, milho, pamonha e as festas da região. Alaíde se lembra de mais histórias, disse que Ticarro está sem memória. Escutamos os sons transientes do feijão seco, quando estalam no meio da

⁸⁷ Forma de se referir ao falecimento de crianças.

⁸⁸ “Pedir a benção” é um costume presente no interior do Brasil. As pessoas mais novas pedem para as mais velhas as abençoarem, como numa atitude de respeito e vínculo.

conversa. Escutamos os animais de fundo e algumas motos. A conversa acaba quando Ticarro levanta para buscar o cigarro com um menino que está na porteira de seu sítio.

89) Gravamos vários arquivos de histórias que Dona Cici conta. São 12 arquivos ao todo gravados em momentos diferentes do seu cotidiano. Os primeiros são ligeiros, como se ela estivesse se acostumando ao gravador, em que conta sobre a Renovação, o grupamento⁸⁹ e as brincadeiras de infância. Registramos outros arquivos em que conta sobre crenças e superstições da região, como a Mãe da Mata e o Pesadelo. Nelas, Dona Cici afirma já ter vivenciado ou saber quem viveu alguma situação parecida. Junto com Jucilene, militante do MPA que acompanhou parte das oficinas, Dona Cici recita reza de “madrinha de fogueira”⁹⁰ durante o São João. Esses arquivos foram gravados no alpendre de sua casa, lugar onde a família senta para contar histórias. Gravamos também Dona Cici contando piadas e brincadeiras com as palavras, que acabam formando algo risível. Os últimos quatro arquivos foram gravados em uma estrutura parecida com a de uma entrevista, em que ela nos fala sobre sua vinda para o sítio Bom Lugar quando casou e faz comparações de como era a vida com sua família antes e depois da vinda. Segundo ela, sentar perto de seu pai à noite para que este contasse histórias é o que mais sente falta de lá. Dona Cici emenda histórias da roça com o grupamento escolar em sua infância, as caminhadas para as festas santas e feiras e a relação com os animais de criação. Ela fala de maneira rápida e com risos, em alguns momentos, é interrompida por celulares ou falas de Seu Zé.

90) Gravamos Seu Zé contando histórias compridas com seu ritmo de conversa lento e pausado. Gravamos 2 arquivos em um sábado de tarde no alpendre de sua casa, em que ele conta histórias das antigas casas de farinha. As histórias falam de trabalho, alimento, transporte, reunião e confraternização. Enquanto Seu Zé conta, passam motos e uma pessoa com um bode que ressoa seu chocalho. Seu Zé cumprimenta todos que passam. Em um momento chega Tia Socorro e os dois conversam. No primeiro arquivo ele fala mais empostado, como se tivesse

⁸⁹ Grupamento, Agrupamento ou Grupo escolar era como se chamavam as instituições de ensino em sua infância, não eram escolas, mas grupamentos nas fazendas e sítios.

⁹⁰ No sertão e em algumas outras regiões do país, existem os laços construídos de madrinha ou padrinho de fogueira, tão ou mais importantes que os apadrinhamentos de igreja. Aqueles são feitos na beira da fogueira em época de festas de São João.

ensaiado para contar aquelas histórias, mas no segundo passa a contar como se fosse para alguém da família.

- 91) Gravamos uma tarde no terreiro de Dona Alaíde. Registramos os sons de ovelhas e pássaros. Escutamos, embaixo de uma árvore, seu marido Liu contando sobre a seca. O som dos bichos é quase tão presente quanto a voz dele. Ao lado da cozinha externa de sua casa, Dona Alaíde se senta em um tamborete e fala sobre sua vinda para o Sítio Bom Retiro. Ela compara o que se plantava e a quantidade de água que havia antigamente e hoje. As histórias contadas por Dona Alaíde transitam entre religião e namoro. Conta da falta de decência que ela mesma praticava na sua juventude e conclui: “hoje minha filha é mais considerada”. Escutamos as pessoas em volta rindo de seus comentários. Ao final, chega uma filha de moto e Dona Alaíde se levanta para mostrar sua horta agroecológica. No total, gravamos 3 arquivos de dez minutos.
- 92) Na varanda da casa de Seu Hermes, registramos 3 arquivos, sendo o maior deles de 40 minutos. Seu Hermes, um dos principais representantes da luta camponesa da região, conta como foi o início da luta e quais os problemas pelos quais passavam os camponeses de Bodocó (PE). Sua voz é nasalada e de difícil compreensão pela idade avançada, a maneira de contar é contínua e um pouco monótona, sem variações de tom. Ele costuma emendar uma história na outra sem muita ênfase na transição. Às vezes, grita com um cachorro que está por perto; por ser fim de tarde ouvimos os cantos dos pássaros irem aumentando, além de cantos de galos. Sua casa fica em frente à estrada que leva para outros sítios e ouvimos motos passando. Suas histórias se iniciam nos anos da ditadura militar e chegam até os anos do Lula. Comenta também sobre os retrocessos de Temer⁹¹.
- 93) Gravamos uma conversa com Dona Isabel, anciã de Bodocó, de duração 46 minutos. O arquivo começa com ela dizendo que chegou no mundo em 22. Sua voz é potente e tem a densidade de quem atravessou quase um século. Ela conta do parto da mãe e do trabalho do pai. Escutamos sua sandália arrastando enquanto fala e seus filhos conversam e mexem em panelas. Ela alterna o tom de voz e a intensidade de volume, fazendo com que a conversa se mantenha com muita

⁹¹ Seu Hermes explica como funcionam as mudanças na previdência em relação à população rural. Por trabalharem desde muito cedo e sem carteira assinada, a previdência era uma conquista que beneficiava trabalhadores e trabalhadoras rurais que já tem uma expectativa de vida menor e um trabalho não valorizado.

energia. Ela constrói uma linha do tempo, desde seu nascimento, seu casamento, até hoje. Dentro dessa linha de tempo, outras histórias aparecem. Apesar de lembrar muita coisa, ela diz que “sua cabeça é assim, é aquela água”, chamando, assim, sua falta de memória. Em alguns trechos ela imita as vozes de pessoas conhecidas, como o pai e outros, imita os sons do passado também. Suas palavras soam como se estivesse sentindo as coisas que fala. Seu filho interfere em alguns momentos e conta também sua história.

94) No alpendre de sua casa do Sítio Caiçara, gravamos Dona Joaquina contando histórias. Ela participou da Lapinha como cigana e canta alegremente suas músicas. Registramos 2 arquivos: o primeiro de 30 minutos e o segundo, já no interior da casa na cozinha, de 17 minutos. Ela faz músicas sobre tudo, portanto nos conta sua história de vida em versos. Há um verso para a traição do marido, um verso para o retorno dele a casa. Ela fala ligeiro e emenda muitas histórias quase sem respirar. “Minha vida é um romance”, diz. Faz brincadeiras e perguntas, mas logo segue cantando as partes da cigana da Lapinha. Alguns trechos são recitados. Escutamos um ranger de porta pelo vento no início do arquivo, além de alguns sons de galo e de chocalho. Ela se movimenta e o microfone perde seu eixo. Reclama de que está rouca, mas, mesmo assim, alcança notas altas do canto. Ouvimos risos de Rigoberto, militante do MPA e morador do sítio Caiçara, quando ela fala coisas engraçadas. Sua voz tem um tom de alegria e felicidade. No final do primeiro arquivo, ela canta os benditos do São Gonçalo na ordem em que eles acontecem na festa de São Gonçalo. Antes de para a gravação, ela oferece café e entra em casa. No segundo arquivo, Dona Joaquina recita várias falas da Lapinha, não apenas a da cigana. Ela também canta o Reisado.

95) Na sala da casa de Dona Socorro, gravamos ela recitando os versos da Lapinha, antes mesmo de posicionar o microfone no local adequado. Ela emenda os versos nos cantos. Registramos 2 arquivos. No primeiro, ela canta somente uma canção. No segundo, ela canta vários trechos da recepção do menino Jesus⁹². Sua voz altera bastante de tom, alcançando “falsete”⁹³ em algumas canções. Do meio para o final do arquivo, lembra de músicas antigas que eram cantadas por sua mãe. Uma moto ressoa.

⁹² A Lapinha encena as jornadas de visita ao menino Jesus, na história católica do nascimento de um menino em Belém que era filho de Deus.

⁹³ Técnica vocal cujo objetivo é alcançar notas mais agudas.

96) Registramos 7 arquivos do objeto sonoro que não é mais tocado em Bodocó (PE): o buzo. Sua sonoridade é próxima a do berrante, porém mais agudo por conta de sua construção menor. Foi descrita como um lamento. Por depender de quem toca, os arquivos têm variações, alguns se sustentam mais, outros são curtos. O som tem uma intensidade marcante. Os últimos 2 arquivos foram gravados a distâncias variadas, um distante como se viesse da roça alheia e outro de média distância na estrada.

3.3.2 Várzea Nova e Junco (BA)

97) Gravação de Sambadores e Sambadoras de Várzea Nova: em um primeiro e curto arquivo registramos um grupo de mulheres falando sobre a morte dos sambadores da região. Uma conversa lenta, feita de silêncios, e que, aos poucos, vão lembrando os nomes dos sambadores.

98) Gravamos 14 arquivos em um encontro com três sambadores da região: Dona Mira, Dona Nair e Seu Zeca. Eles estão no terreiro da casa de Dona Lindalva, em um lugar aberto em que escutamos os pássaros e algumas motos que passam. No início, escutamos uma música de fundo vinda da casa de algum vizinho. O encontro foi registrado em dois gravadores, um deles com microfone estéreo externo posicionado no meio dos três sambadores e o outro gravador com um microfone direcional, que aponta para as vozes, a depender de quem canta. A gravação se inicia com uma conversa em que cada um conta sua experiência com a música e com as histórias do samba. As histórias contadas são sempre intercaladas com cantos de sambas. Seu Zeca conta sobre o samba e sua experiência. Érica conduz a conversa com algumas frases que estimulam as respostas. A voz de Seu Zeca é rasgada e falha em alguns momentos, menos quando ele canta. Tem um pandeiro nas mãos que toca durante as músicas. Depois Dona Mira, de Pau d'Arquinho (BA), conta sobre a cultura do samba que aprendeu desde pequena. Dona Mira tem uma fala ritmada e animada, de forte intensidade. Mesmo sentada na cadeira, descreve a dança também. Ela tem um prato nas mãos e também toca durante as músicas. Por último, Dona Nair, da comunidade da Baixa do Couro (BA), se apresenta. Ela tem um tambor entre as pernas. Sua voz é lamentosa, mais grave e calma do que a de Dona Mira. Explica a diferença do samba de Chula e de Candomblé. Nos últimos arquivos deste encontro, eles tocam

várias músicas. Dona Nair começa com seu tambor. Pela intensidade do nível e toque transiente do tambor, a gravação é complicada, tendo que ser um pouco reduzida para melhor captação. Seu Zeca conta a história de um samba roubado, daí emenda no próprio samba. Por fim, Dona Mira também canta uma Chula sua. Depois, Dona Nair toca um samba, acompanhado por Mira e Zeca. Os três tocam vários sambas⁹⁴, sempre alguém puxando o canto e tocando pandeiro, prato e tambor. Dona Mira pede para que as pessoas batam palmas. Os sons gravados pelo microfone direcional têm uma ênfase no som do pandeiro e do prato, sons mais agudos, então quando Seu Zeca toca fica marcado e temos esse som mais presente que o das vozes dos sambadores. Durante os arquivos, eles vão aumentando a velocidade do samba quando tocam o Batuque. No final, pedem para as pessoas darem pegadas e entrarem na pequena roda de samba formada neste encontro.

- 99) Em outra noite, gravamos 2 arquivos gravados em um encontro com sambadores no bar de Nor, depois da noite de samba na casa de Raul. Tivemos uma conversa descontraída e os sambadores se lembraram de amigos que já morreram, tocaram umas músicas acompanhados por viola. Falaram no meio das músicas. Eles mudam de posição, pedem bebida e continuam cantando. Muitas músicas versam sobre os acontecimentos de mortes. Há uma reverberação própria do espaço e temos mais presença das vozes dos sambadores, mas de vez em quando ouvimos falas e risos vindos das outras pessoas que estão na roda.
- 100) Gravamos 2 arquivos na sala da casa de Dona Mira. Ela estava preparando o almoço, mas faz uma pausa para contar suas histórias com o samba. O primeiro arquivo começa com sua risada, marcante e animada. Ela conta como compõe os sambas e como aprendeu com o pai. Alterna entre contos e cantos. Sua voz é dura, alcança alturas e não desafina. Às vezes fala com o marido, que está no banheiro e o escutamos com reverberação. Conta a diferença de samba de sua região e de Pau d'Arquinho. Dona Mira ri em várias partes da gravação. Algumas músicas são maliciosas e narram as coisas da vida, do dia a dia.
- 101) Gravamos 1 arquivo de uma hora sobre a história do Várzea Nova Futebol Clube (VNFC). Seus fundadores, Nor e Zeca, e seus membros mais novos, Valdinei e Valdione, estão sentados na cozinha de Dona Lindalva e vão aos poucos lembrando dos feitos do time. Valdinei tenta organizar um pouco a conversa. O

⁹⁴ A lista de todas músicas que cantaram nas gravações está no Anexo 1.

som dos grilos vai e vem como uma flecha. Às vezes, algumas falas ficam fora de eixo do microfone por conta da forma mais livre de contar e começar a falar sem aviso para a gravação. A voz mais animada é a de Valdinei; já Valdione, seu irmão, fala mais baixo e um pouco pausado, como o pai, Nor. Escutamos risos, tosses e sons de chinela. Quando descrevem as jogadas, animam-se e falam em coro dos gols, pênaltis e faltas. No final, contam as necessidades atuais do time, como a camiseta com o escudo que tem um bode, representando o animal que mais resiste no sertão. Todos riem.

- 102) Na varanda de Seu Betinho no Junco (BA), gravamos Raul conversando com ele sobre sua história de vida e o batalhão. Foram gravados 4 arquivos, sendo que o primeiro é o mais longo, com duração de quarenta minutos. No fundo, escutamos um cachorro latindo e a família de Seu Betinho conversando. Raul estimula a conversa, que vira um diálogo dos dois. Betinho conta como chegou no Junco e se casou, conta sobre os trabalhos que fez, sobre como buscavam água no rio. Ele imita o som das latas em cima da cabeça. Sua filha chega para participar da conversa. No final do primeiro arquivo, ele aboia. O tom de seu canto é melancólico. Ele diz que fazia o aboio de quadra⁹⁵ “no repente”, que era criar de improviso. Em cada um dos arquivos, Seu Betinho canta algum aboio enquanto conta histórias. Sua voz é abafada e, às vezes, ele grita para o cachorro para de latir. Ele termina falando das diferenças no transporte, na educação, nos meios de comunicação e da medicina de antigamente para hoje.
- 103) Gravamos, no meio da roça de Raul, 1 arquivo de 28 minutos em que ele explica as diferenças entre digitório, mutirão e batalhão. Conta as histórias do trabalho comunitário e da luta de Várzea Nova. Raul tem uma voz forte, com golpes nas primeiras palavras e tem a língua presa na pronúncia do “s”. Algumas motos passam e há vento na gravação.
- 104) Gravamos 1 arquivo de meia hora sobre a história da região na cozinha externa de Dona Lindalva e Nor. A voz de Nor é calma, tranquila e monótona, ele fala baixo e algumas palavras parecem sussurros. Ele tenta lembrar de como se envolveu politicamente em associações de agricultores. Bate a mão na mesa e um som transiente e agudo marca sua fala. Dona Lindalva começa a contar o envolvimento político, que teve início pela igreja, em encontros, brincadeiras e

⁹⁵ Durante o Batalhão, vários tipos de aboios são cantados, como boi de quadra e boi de martelo.

mutirão. Ela tem uma voz forte e articulada. Algumas vezes os dois falam juntos ou vão se completando. No meio do arquivo, contam a alegria da festa do Boi Roubado. As perguntas também fazem parte da conversa. No fundo, escutamos os passarinhos.

- 105) Gravamos, na casa de Dado e Lene, três arquivos sobre o futebol de Várzea Nova; um arquivo sobre o lobisomem e a casa de farinha; e 1 sobre os tempos antigos. Os netos do casal estão presentes e insistem que contem a história do Lobisomem, mas Seu Dado foge do tema e conta sobre o futebol. Ele tem uma dicção mais difícil de entender, não tem alguns dentes na boca e fala baixo. Enquanto isso, Dona Lene está ansiosa para falar de Lobisomem. Ambos contam dos tempos antigos, quando se mudaram para a casa atual deles. São necessários movimentos de microfone para poder se aproximar de quem fala. Lene conta histórias que ela vivenciou, com ênfase nos sons. Ela fala rápido, animada e em meio a gritos e risos dos demais. O maior arquivo tem 24 minutos e começa com as histórias de terror. Dona Lene imita as vozes das personagens das histórias, com o tom de cada uma. Escutamos algumas vozes fora do eixo do microfone das pessoas que estão afastadas. Thaise, participante das oficinas e neta de Lene e Dado, conta histórias e seu irmão Emerson critica. Por algum motivo mudam de assunto e passam a dar receitas contra a diabetes. Seu Dado pega as fotos do time de futebol e mostra para o grupo, enquanto conta sobre elas.

3.3.3 Várzea Queimada (BA)

- 106) Gravamos 4 arquivos em que Seu Joaquim canta músicas. Todas são canções populares do sertão e têm origem na tradição quilombola. Enquanto ele canta, a vida segue ao redor: a televisão está ligada, a cozinha está com a panela de pressão zunindo, os carros passam e as crianças gritam lá fora. Seu canto é um lamento circular sem fim. Escutamos algumas pessoas reagindo com risos, pois as músicas são maliciosas, principalmente “Toalha de Renda”⁹⁶.
- 107) Registramos 5 arquivos nos quais Seu Joaquim conta histórias. Estamos dentro de seu quarto e ele conversa com um pano para limpar a boca e arrasta a chinela no chão de cimento batido. No primeiro arquivo, de 18 minutos, ele conta a história

⁹⁶ A música cantada por Seu Joaquim encontra-se na sugestão de escuta para este capítulo.

de sua mãe e de seu pai, sobre a migração dos dois para fundar a comunidade quilombola de Várzea Queimada (BA). Em vários momentos, ele canta no meio da narração, como os benditos que eram cantados na época para chamar chuva. Relembra histórias sobre a alforria das pessoas escravizadas. No segundo arquivo, de uma hora, gravado com o microfone direcional, Seu Joaquim fala mais sobre a tradição musical da comunidade, sobre a banda de pífano e canta as músicas que tocavam em casamento, de roda, do Batalhão e do Cariru. É quase meio dia e escutamos a panela de pressão na cozinha e as crianças saindo da escola. Em dois arquivos menores, ele continua histórias do passado e de como mudou. Conta de um padre, sua palavra era tão forte que fazia chover. O último arquivo gravado é curto e foi registrado com um microfone direcional. Nele, Dona Luíza está a seu lado e faz comentários. Como foi gravado logo depois do Cariru, Seu Joaquim explica a matança. No fundo escuta-se um som grave vindo de alguma caixa de som.

- 108) Gravamos 3 arquivos com Lena, numa estrutura parecida como entrevista, sendo que as perguntas estão presentes no arquivo. O primeiro arquivo tem 14 minutos e começa com Lena contando sobre o Cariru. Ela comenta que não sabe muito, porém fala tudo que sabe e sente sobre a tradição. Algumas “zoadas” atrapalham suas falas: uma moto chegando, uma música de fundo e seu neto brincando próximo a ela. Ela descreve a manifestação do caboclo de forma emocionada e bonita, sua voz é doce e potente ao mesmo tempo, tem um jeito gostoso de contar. O segundo arquivo tem uma hora e mais pessoas fazem perguntas e conversam. A conversa se dá embaixo de um licurizeiro e, às vezes, ouvimos algum galo e vento. Ela continua a conversa sobre o candomblé e a religião católica. Por volta do meio do arquivo, ela canta os benditos, tradição nas procissões e Novenas. Ela reclama da sua voz para cantar, mas é bonita e suave. Vai se lembrando e cantando, descreve como se tocam as caixas. Lena se emociona e chora, sua voz trêmula, falha um pouco. Neste momento da gravação, ela faz muitas pausas para se lembrar das músicas e depois cantar. No final do arquivo, fala das suas visões, previsões e audição: “eu vi tocando caixa lá no céu”. Reforça a força da palavra com muita fé, diz que o que ela pede acontece: “então presta muita atenção no que pede”. O último arquivo é mais curto e Lena conta uma história do invisível, ela já está em pé e o tom da conversa é informal, ela faz variações de vozes e repete

com o corpo as ações que fez no dia que viu uma mulher, que era sua mãe. Seu riso é presente e gostoso, Lena solta facilmente as emoções.

- 109) Em um arquivo de 22 minutos, Nel fala sobre sua experiência com a banda de pífanos de Várzea Queimada. Sua voz é calma, tranquila e até um pouco triste, assim como o fato de poucas pessoas tocarem o pífano e que pode estar acabando. Ele e um irmão tocam pífano e outro irmão bate caixa. Descreve a emoção da escuta dos fogos quando começa a procissão, descreve as etapas todas da festa e toques. Tem um pouco de reverberação na gravação pois a conversa se dá na sala de sua casa recém-construída e quase sem móveis, no fundo escutamos cantos de guiné. Às vezes passa um carro ou moto. Pausa e fala de saudades com melancolia no tom da voz. Fala das diferenças do som dos instrumentos de antes e dos atuais, comenta até sobre a gravação que foi feita. No final, ao ser perguntado sobre as músicas, ele diminui o tom de voz, fica mais tímido e fala quase sussurrando, acaba não cantando.
- 110) Gravamos Dona Maria falando sobre como ocorre o Cariru e como faz a reza de Santo Antônio. Ao fundo, uma criança brinca e cortamos o arquivo com a chegada de Seu Antônio. São 2 arquivos rodados à noite na sala da casa de Dona Maria e Seu Antônio. No segundo arquivo, Seu Antônio se senta e começa a contar, sua voz é fraca e mais baixa. Diz que não se lembra, mas conta bastante história sobre sua experiência do pífano durante o “reis⁹⁷” e da roça. Dona Maria conta mais sobre o dia e a luta⁹⁸ do Cariru. Ela tem uma energia na voz e ao mesmo tempo uma delicadeza, principalmente ao falar da força que ganha ao fazer os trabalhos para São Cosme e São Damião. Dona Maria aproveita a conversa para reclamar da pouca participação do marido no candomblé, já que ela o ajuda a dar a festa católica. A diferença da dinâmica das vozes é grande. Seu Antônio prefere não explicar certas coisas, porque diz que seu tio, Seu Joaquim, sabe mais. Em alguns momentos, escutamos vozes de crianças e passam motos. No final, ele fala sobre a luta por moradia do MPA.
- 111) Gravamos 2 arquivos, de trinta minutos, com uma entrevista com as raizeiras, Dona Bidu e Dona Ester. Foi usado um gravador que rodou o microfone estéreo interno e um microfone direcional externo. A primeira entrevista, com Dona Bidu,

⁹⁷ No dia 06 de Janeiro, as pessoas de religião católica comemoram a chegada dos Reis Magos para visitar o recém-nascido Jesus.

⁹⁸ Termo usado no sertão para se referir ao trabalho dedicado a alguma função.

tem um som de crianças e pintinhos ao fundo. Sua voz é áspera e soa como se ela não tivesse dentes na boca, um pouco difícil de entender. Ela responde algumas perguntas com questionamentos e diz não se lembrar muito. A pessoa que realiza a entrevista procura palavras que melhor se comuniquem com Dona Bidu. A partir do entendimento, Dona Bidu flui mais na resposta. A dinâmica entre pergunta e resposta é grande, pois as vozes têm intensidades diferentes. Como Dona Bidu não escuta muito bem, a entrevistadora repete as perguntas. A segunda entrevista tem menos ruído de fundo, somente uma galinha que soa de vez em quando, a voz de Dona Ester é potente e forte, enérgica. Rapidamente vai lembrando das coisas de antes. As perguntas não são tão altas, pois Ester parece escutar melhor, pela voz parece ser mais nova que Dona Bidu. No meio do arquivo tem uma pausa para reorganizar a gravação, que está sendo rodada também com câmera. Conversa sobre resguardo, rezas e medicina tradicional. No final do arquivo, caminham pela horta para Dona Ester mostrar as plantas medicinais. Escutamos o som de vento e os passos em folhas secas. Sua voz sai do eixo do microfone quando ela se movimenta.

3.4 Paisagem

A categoria “Paisagem” engloba sons que foram gravados nas comunidades de Várzea Nova, Várzea Queimada, ambos na Bahia; e em Bodocó, no sítio Bom Lugar e na Pedra do Claranã, em Pernambuco. São 92 arquivos gravados nos meses de maio, junho, julho e outubro de 2017. Os sons gravados e classificados como “Paisagem” são aqueles que envolvem o ambiente sertanejo sem a presença do ser humano no momento das gravações. Aqui podemos escutar sons de campos abertos mas também de primeiro plano sonoro. A paisagem, na maioria das vezes, é externa. Podemos também encontrar sons que registram a sonoridade de um espaço interno. Os sons são formados principalmente pela presença de animais, objetos naturais, como árvores, vento em folhas e água, mas também de objetos inanimados que soam ao entrar em contato com estes, como o chocalho pendurado em algum bicho de criação.

A intersecção entre as categorias presentes neste trabalho vale para todas elas, pois os sons não foram isolados para serem gravados e têm características que muitas vezes resvalam em uma, duas ou mais categorias ou subcategorias, porém iremos ainda assim manter essa classificação para poder dar conta da descrição do acervo. Portanto, trataremos

nesta categoria os sons que mais se encaixam na noção de “Paisagem”, mesmo sabendo quão problemática essa divisão pode ser.

3.4.1 Bodocó (PE)

112) Registramos em 15 arquivos o amanhecer em Bodocó. Os primeiros, correspondentes à primeira etapa da pesquisa, foram gravados com o microfone estéreo interno do gravador⁹⁹. Na segunda etapa, foi utilizado um microfone estéreo externo¹⁰⁰ para o registro. E na última etapa, o registro foi feito com outro tipo de microfone estéreo externo¹⁰¹. Os principais sons que escutamos ao amanhecer são os de aves, como o Galo-de-campina ou Cabeça-vermelha. Este tem maior presença antes do raiar do sol. Depois escutamos os galos, seguidos das galinhas e dos pintinhos. Escutamos no amanhecer a presença tímida de guínés e dos perus também. Com o decorrer do tempo, uma variedade de pássaros também amanhece, porém de forma menos densa. Podemos destacar a presença do casal de pássaros Casaca-de-couro, que tem um som rompante e intenso, muitas vezes cortando a quietude do ambiente. Além das aves, outros animais amanhecem antes dos humanos, como os porcos e os jumentos. O som se acalma à medida que a manhã avança e os animais são alimentados pelos moradores. Decorrente do uso dos microfones estéreo, temos a percepção espacial marcada nesses arquivos do amanhecer. A localização de árvores e dos galinheiros é clara, a movimentação de galinhas, cachorros e outros animais é percebida.

113) Gravamos 14 arquivos do plano geral diurno do sertão. Escutamos neles um som que se aproxima da quietude dos ambientes amplos e pouco densos, sem a presença de uma “zoada” de alta intensidade. Nesses ambientes, é possível escutar sons longínquos mesmo tendo a presença de sons pontuais em primeiro plano. Escutamos alguns pássaros distantes, o som de chocalhos tilintando ao longe e um mugido distante de vaca. Os arquivos foram gravados nos horários em que os animais estão descansando ou longe na roça trabalhando, próximos ao meio-dia, quando o sol esquenta e o sertão parece que nem soa, mas está lá presente nesses sons abertos e distantes. Durante todo o dia, galos cantam de forma isolada e,

⁹⁹ O gravador utilizado foi o Tascam DR-44.

¹⁰⁰ O microfone estéreo utilizado foi o NT4 da marca Rode, conectado ao gravador Sound Devices 744-T.

¹⁰¹ O microfone estéreo utilizado foi o MS da marca Pearl, conectado ao gravador Sound Devices 744-T.

quando alguma galinha bota ovo, escutamos seu cacarejar. Alguns insetos são gravados de maneira mais presente: cigarras, abelhas, moscas, mangangá, muitas vezes dão rasantes quase tocando o microfone. Sons humanos são poucos ou nulos, de uma ou outra casa vem algum ruído e, às vezes, passa um carro ou uma moto. A maior parte desses arquivos foi gravada com o microfone estéreo interno do gravador. Alguns poucos foram gravados de forma mono com o microfone direcional.

- 114) Gravamos 5 arquivos de determinados sons no primeiro plano que emascaram o restante dos sons. Estes são os sons das galinhas guinés em cima do umbuzeiro, com um cacarejo de alta intensidade, marcado, rasgado e que varia se o animal é macho ou se é fêmea. Este é um som chamado de angustiante pelos moradores. Elas fazem pausas de respiro, mas voltam a cantar, rompendo a quietude de um ambiente mais geral. O cacarejo exagerado de uma galinha é o principal som de outro arquivo, que foi identificado como “galinha azoada”. Estes últimos sons foram gravados com o microfone estéreo interno do gravador. Já um único arquivo registra em um microfone mono direcional o casal de pássaros Casaca-de-couro, com seu canto em dupla que parece ser estimulado um pelo canto do outro.
- 115) Registramos 1 arquivo com o microfone estéreo interno do gravador, no interior da sala da casa de Dona Cici. Um pouco antes do horário do almoço, ouvimos a paisagem lá de fora filtrada pelas paredes da casa.
- 116) Gravamos 3 arquivos na Pedra do Claranã com o microfone estéreo interno do gravador. Registramos uma quantidade maior de ventos nas árvores com folhas grossas, pássaros distintos, incluindo uma ave de rapina, e insetos presentes. O som do vento grave nas folhas parece uma constante em todo esse espaço. Alguns sons ao longe se reverberam em ecos, dando a noção da amplitude e abertura sonora do alto da Pedra.
- 117) Gravamos 13 arquivos da noite em Bodocó. Três sons marcam a sonoridade noturna em Bodocó: cachorro, grilos e vento. O vento alterna entre médias e altas frequências, dependendo da grossura das folhas que encontra no caminho. Os insetos, grilos neste caso, soam ritmada e constantemente, como uma eletricidade. Existem sons de insetos diferentes, um, por exemplo, que mantém sua sonoridade constante e outro que soa mais pontualmente, mas, ritmados, formam uma partitura harmônica e rítmica. Pela característica espacial da gravação, podemos delimitar a posição dos insetos e sua proximidade. Registramos, na segunda etapa,

com microfones mono e estéreo interno do gravador e, na última etapa, também com um microfone estéreo externo ao gravador. Escutamos também os cantos de caburé ou de algum outro pássaro noturno. Os sons de galinhas indo dormir, subindo no poleiro e guinés cantando são sons que são mais comuns no início da noite.

3.4.2 Várzea Nova (BA)

- 118) Gravamos 27 arquivos do amanhecer em Várzea Nova (BA). Como estamos em uma época fria, o sol começa a aquecer tarde e com isso o amanhecer também demora a soar. Por esse motivo, temos um amanhecer mais calmo, quieto e tímido. A madrugada ainda é formada majoritariamente por galos cantando e grilos. Somente próximo das seis horas da manhã é que escutamos o casal de pássaros Casaca-de-couro e alguns outros se agitando. O Casaca-de-couro canta de maneira presente e animada. Escutamos os animais acordarem lentamente, o jegue rincar ao longe, as galinhas e pintinhos começarem a cacarejar por comida. Ouvimos também motos saindo da comunidade para o asfalto¹⁰², para o Junco ou outra cidade próxima. Na primeira etapa, utilizamos o microfone estéreo do gravador. Já na última etapa, utilizamos o microfone estéreo externo acoplado ao gravador. Escutamos diversos galos de sítios diferentes que cantam e a gravação estereofônica localiza esses sons. Às vezes, um galo canta próximo ao microfone e escutamos suas asas batendo. As guinés também estão presentes. Em um dos arquivos, escutamos cachorros latindo numa reação aos sons humanos. Alguém passa por eles em alguma casa e estes latem para demarcar seus espaços. Escutamos, em alguns momentos, um som mecânico de música ao fundo. Registramos em três arquivos, os sons do amanhecer de forma crescente; começa quieto com poucos pássaros e galos e vai aumentando de intensidade, variando a quantidade de pássaros e outros animais se despertam e soam, como as galinhas e um jegue. Os últimos arquivos gravados na segunda etapa, quando não estava tão frio em Várzea Nova, registram uma variedade maior de pássaros amanhecendo mais cedo do que na primeira etapa. Em pouco espaço de tempo, pássaros distintos cantam, os sons vão diversificando enquanto eles acalmam para a chegada dos

¹⁰² Em Várzea Nova, se usa a expressão “ir para o asfalto” para dizer “ir para a cidade”.

sons dos seres humanos no seu cotidiano. Com o sol mais quente, passarinhos pequenos e variados reagem ao calor, com cantos alegres, animados e com movimento.

- 119) Gravamos 2 arquivos com o relincho de jegues. Eles rincham quando estão com fome, então é um som que precede o despertar dos moradores para alimentar os animais domésticos. Foram gravados com o gravador DR-44 e seu microfone estéreo interno.
- 120) Gravamos 2 arquivos de vento nas folhas durante o dia. Ao fundo escutamos o chocalho de um animal. Este é um dos sons de maior quietude de um dia no sertão. No primeiro arquivo, registramos um vento leve e intenso. Já no segundo arquivo, ele é forte, duro e em folhas grossas de árvores baixas. Ambos foram gravados com o gravador DR-44 e seu microfone estéreo.
- 121) Gravamos 1 arquivo noturno onde escutamos alguns tipos diferentes de grilos. É uma noite tranquila, um grilo está em primeiro plano e soa pausadamente. No fundo, outros sons de grilo mantêm um “colchão de sons” de insetos que soa constantemente. O arquivo foi gravado com o microfone direcional acoplado no gravador DR-44.

3.4.3 Várzea Queimada

- 122) Gravamos 6 arquivos do amanhecer, na primeira etapa do projeto, com um microfone estéreo externo acoplado no gravador. Um som marcante é o canto de pardais dentro da escola no centro da comunidade. Este é um canto ativo, com muitos passarinhos e uma reverberação marcante do teto de zinco e do espaço vazio. Eles cantam durante o amanhecer e durante o fim de tarde também. Em alguns arquivos, o amanhecer é formado por galos, galinhas, pássaros e jegues rinchando.
- 123) Gravamos 3 arquivos do fim da tarde foram entre a casa de Seu Joaquim e a escola, todos com o gravador estéreo em seu microfone interno. Árvores grandes no centro abrigam passarinhos que cantam no fim de tarde e o telhado da escola se encarregam da reverberação dos vários pardais que por lá se aninham. Registramos em um arquivo de sete minutos o fim de tarde com um pouco de voz ao redor, porém, à medida que os passarinhos avisam que o anoitecer chegou, a comunidade vai para o interior das casas se preparar para dormir.

4. Experiências e imaginários sonoros

QR Code 3¹⁰³



Fonte: A autoria própria (2019)

4.1 O vento e os diálogos com o invisível

*Os buritis estacados,
mas onde os ventos se semeiam.*
(João Guimarães Rosa, *Noites do Sertão*)

Quando escutamos o vento três dias seguidos roncando no pé da serra é que vai chover, mas não podemos gravá-lo porque ainda não cantou seus três dias. O som é um elemento invisível que viaja pelo ar sem que ninguém o veja e que só percebemos quando toca objetos, o tímpano ou a própria pele. O tímpano no sertão de Pernambuco é chamado de “borboleta” por mover suas asas ou membranas finas em vibração, assemelhando ao movimento que a membrana timpânica realiza para gerar a energia mecânica. Esta, posteriormente, se converte em energia elétrica para ser decodificada em nosso cérebro como um som audível. Assim como o som com suas ondas invisíveis, o vento só é percebido quando esbarra em algo que se move e assim se faz soar: “o vento é um elemento que se apodera dos ouvidos vigorosamente. A sensação é tátil, além de auditiva” (SCHAFER, 1997, p 43). O vento que escutamos bonito é o que bate em obstáculos no meio de seu caminho: nas folhas nas árvores ou no chão se mexendo para o lado que o vento sopra, na barreira do pé da serra, nos cabelos e na barra da saia. “Mas, sem objetos que se interponham no seu caminho, o vento não faz nenhum movimento aparente” (SCHAFER, 1997, p 44), observa Schafer e continua: “de todos os objetos, são as árvores que dão as melhores indicações, sacudindo as folhas, de lá para cá, enquanto o vento as afaga” (SCHAFER, 1997, p 44).

¹⁰³ Sugerimos a escuta de alguns sons durante a leitura deste capítulo. Para acesso à lista de sons, baixe o aplicativo QR Code Reader disponível para celulares IOS e Android e capte a imagem acima.

O vento é uma constante no sertão, as poucas construções, as árvores baixas e um campo plantado que se estende são a paisagem propícia para o correr do vento. Se ele não vem, em Bodocó (PE), é só assobiar que ele aparece. Lá longe, soou um chocalho, um bicho que se moveu ou, como não o vemos, o vento bateu em um sino dependurado na soleira de uma casa. É o vento que, quando muda de rumo, traz os sons. Esta paisagem sonora sertaneja é identificada por Schafer como uma paisagem com uma razão sinal/ruído¹⁰⁴ favorável, pois “sons separados podem ser claramente ouvidos devido ao baixo nível de ruído ambiente” (SCHAFER, 1997, p 71). É assim que podemos escutar o chocalho longe, como no sertão de Guimarães Rosa: “mesmo, o espaço é tão calado, que ali passa o sussurro de meia-noite às nove horas. Escutei um barulho” (ROSA, 2006, p 98).

No espetáculo Waiucá, de Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde da Fundação Casa Grande¹⁰⁵, a seguinte pergunta é musicada: “o que soa quando o vento passa pelo buritizal da Pedra do Claranã¹⁰⁶?” O misterioso som de um vento ao passar pelas árvores fez os músicos entenderem a pré-história dos sons, que é comum à pré-história da música e da vida. Os instrumentos do espetáculo são construídos de sementes e objetos do sertão: peneiras de farinha com conchas penduradas, sementes “ajuntadas” em um aro de beiju, instrumentos de sopro para se falar com os deuses. Os sons que saem destes instrumentos pretendem dialogar e se aproximar do som mítico da pergunta inicial: o vento no buritizal. Várias culturas espalhadas pelo mundo divinizam o vento, como o sopro inicial da vida: o ar se movendo dos pulmões de um ou mais deuses foi o som primordial que gerou a humanidade. “Sempre que Deus se revelou aos seres humanos, *Ele* foi ouvido (...). Os ouvidos são o meio de acesso ao receptor” (BERENDT, 1997, p 21). Assim como o “Buriti Grande” de Guimarães Rosa, “onde os ventos se semeiam” e de onde surge a vida (ROSA, 1965).

¹⁰⁴ Cf. 32.

¹⁰⁵ A Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Cariri (Nova Olinda, CE) é uma organização não-governamental cultural do Cariri que tem por objetivo de formação educacional de crianças e jovens como protagonistas em gestão cultural em áreas como a memória, comunicação, artes e turismo. O vento no pé da serra do Araripe foi inspiração para o espetáculo Waiucá, primeiro espetáculo musical, que tem como protagonista o vento, a pré-história do som, segundo o pesquisador e fundador da Casa Alemberg Quindins. Link para o espetáculo na página do youtube: <https://youtu.be/JZVHgQKguog>

¹⁰⁶ A Pedra do Claranã é uma formação rochosa localizada no município de Bodocó, no sertão do Araripe (PE). Ela forma a beira da Chapada do Araripe, que também está presente nos estados do Ceará e do Piauí.

Também assoprando, os indígenas Kariri¹⁰⁷ usavam o “buzo”, que na época era feito de concha, para se comunicarem com os Deuses. A etnia Pankararu, que habita uma região próxima, até hoje nos seus rituais e cerimônias utilizam um instrumento feito de bambu, também chamado “buzo”, nas toantes. Numa roda de conversa no terreiro de Dona Cici e Seu Zé de Citonho, um grupo de pessoas, entre crianças e pessoas de mais idade, conversavam sobre uma época passada, contam causos, piadas histórias de trancoso. De um supetão, Dona Alaíde deu um grito de espanto ao falarem do “buzo”: “se eu achasse um meio de eu dá jeito pra eu nunca mais ouvir aquele toque no meio do mundo”¹⁰⁸. Todos começaram a explicar o que é o “buzo”: instrumento feito dos cornos do boi e usado para assoprar e se comunicar. Tem um som mais agudo que o do berrante, instrumento sertanejo mais conhecido para a lida com o boi. Era usado para chamar as pessoas para os velórios na época da Dona Alaíde e a fazia lembrar da morte da mãe, por isto seu susto e reação durante a conversa. Já para Dona Cici, era a maneira de chamar as pessoas da roça e avisar que o almoço estava pronto. Vani e seus irmãos já lembravam que na infância sua mãe tocava o “buzo” para que voltassem para casa quando estavam brincando na casa dos vizinhos. Em Guimarães Rosa, ele aparece como sinal de comunicação nos rios:

— Você tem receio, Riobaldo? — Diadorim me perguntou. Eu?! Com ele em qualquer parte eu embarcava, até na prancha de Pirapora! — Vau do mundo é a coragem... — eu disse. E, com os rifles escorados, acenamos para uma grande barca — aquela, a cara-de-pau que tinha no bico da frente era uma cabeça de touro, boa-sorte nos dava. O barqueiro tocou um berro no buzo, encostaram. (ROSA, 2006, p 211)

O mesmo nome, o mesmo instrumento com algumas alterações e vários significados e usos. Uma série de relações afetivas, divinas e cotidianas com esse objeto sonoro mágico. O som do “buzo” faz referência também a unidade sonora que antecede o sentido, não vocalizado em palavras, mas com seu encanto marcado pelo som e pela sensação, mais do que pelo sentido lógico e racional (SLOTTERDIJK, 2016). O “buzo” pode ser comparado com um mantra, “som primevo e símbolo de caráter arquetipo da palavra” (BERENDT, 1997, p 40) e que, ao passar por transformações contínuas na linha do tempo e da história, foi tendo seu uso modificado; de canto aos deuses para um sinal de alerta. Podemos pensar na similaridade com os cantos das sereias. O “efeito sereia”

¹⁰⁷ Cariri ou Kariri é o nome geral dado para as etnias que viviam na região do Sertão do Cariri, que engloba o interior do Ceará, de Pernambuco, da Paraíba, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia. Atualmente é uma família linguística extinta.

¹⁰⁸ Entrevista gravada com Dona Alaíde no dia 03.05.2017 em Bodocó (PE).

seria esse canto que se aproxima com o mitológico, o mágico, o que toca cada ser e que o move e hipnotiza, mesmo que para a morte. No caso da odisseia de Ulisses, “há uma música estranha no mundo, contra a qual justamente os mais hábeis devem se guardar; pois, como dão a entender as mitologias, esses sons não conduzem o ouvinte a si mesmo, para seu próprio bem, mas à morte longe de sua pátria” (SLOTERDIJK, 2016, p 439). Essa “força maior tornada música” (SLOTERDIJK, 2016, p 444) é o que cantavam as sereias, e, os poucos, o “efeito sereia” foi sendo absorvido e se tornou a origem de sons como sinais de alertas, sirenes (policiais, ambulâncias) e alarmes. Sons impossíveis de se passar despercebidos e que aciona psicoacusticamente nosso corpo para o estado de alerta, nos tira da absorção inconsciente dos sons cotidianos e nos leva a atenção plena. Assim como o som do “buzo”.

Para além da presença divina no sopro e a reposta dada pelo buzo, é na vocalização que “vibra pela palavra, tornando-se sensivelmente perceptível por meio da comunicação acústica” (SPINOLA, 2016, p 68) e em outros sons que podemos perceber “dispositivos de comunicação, independente da palavra” (SPINOLA, 2016, p 69) do encontro com o mundo invisível. No sertão, vamos encontrar as ladainhas, os cantos e toques nos tambores, as rezas de cura.

Em setembro celebraram-se as festas de São Cosme e São Damião nas comunidades do sertão da Bahia, o Cariru. Em Várzea Queimada (BA), no dia da festa, a preparação começou cedo. Várias mulheres passaram a manhã fazendo a comida dos convidados e dos meninos e meninas que simbolizam as crianças homenageadas na festa, os erês. Ainda de manhã, sacrificaram três frangos para os santos dentro da capelinha da casa, que à noite será palco da ladainha e das rezas católicas. Para cada frango, um tiro de fogo de artifício voava no ar, junto com o batuque dos três atabaques, sinos e cantos. À noite depois da ladainha, deu-se de comer às crianças, sempre tocando e cantando. Os caboclos começaram a ser “invocados”, cantando, tocando e dançando no meio da roda. A festa continuou no terreiro até amanhecer.

Esta celebração religiosa faz a conexão deste mundo palpável com o mundo invisível e sagrado por meio de músicas, tocadas e cantadas, dos sinos e dos fogos. Desde a preparação da cerimônia, pelos sons, os espíritos dos ancestrais (orixás e outras entidades) são chamados a se apresentarem, pela “invocação”, convidados à festa em sua homenagem e em respeito a todo bem que eles podem trazer à comunidade e aos moradores. Estes sons escapam de nossos olhos, mas estão presentes e são parte de nós mesmos. Em alguns casos, esse invisível sonoro ainda escapa de uma lógica de realidade

“concreta”, aquela que dividimos entre nossos pares, e passa a ser um elo de comunicação com outros mundos, com a ancestralidade da memória contida em um canto, um instrumento, uma voz. Desta forma, os sons são esse invisível que nos une como a “redoma acústica que cobre todo o grupo” (SLOTERDJIK, 2016, p 470), tanto pelos seus aspectos sonoros das ondas acústicas que nos interligam, quanto pelos aspectos afetivos e mágicos que nos conectam ao além e ao mais profundo de nós mesmos.

Em Bodocó (PE), Xaxá é reconhecido por sua voz e maneira de cantar as ladainhas e rezas, principalmente das duas típicas celebrações católicas pernambucanas: a Renovação e a Visita. Várias pessoas poderiam fazer esse canto, mas a maneira de Xaxá é única (“sua voz é enjoadinha, gasguita”, afirmaram moradores de Bodocó ao se referirem a ele) e dá uma legitimidade maior ao canto, pela sua tradição de tirador de reza¹⁰⁹. É possível pensar que os espíritos e santos podem se sentir mais acalentados ou tocados por esse canto, por isso sua fama e contratos para cantar em várias casas de família desde que era um menino, “e lá se vão mais de 50 anos na função”, disse Xaxá. As ladainhas, sejam na voz de Xaxá de Bodocó (PE) ou na de Dona Maria de Várzea Queimada (BA), têm função de mantra. Muitas são rezas tradicionais da Igreja Católica, ditas muitas vezes em latim, mas que, repetidas em maneira circular com seu coro constante, têm um efeito hipnótico e agregador que ultrapassa o significado de cada palavra. Estar numa capela cheia de mulheres sertanejas cantando juntas nos faz sentir que a vibração de seu canto nos aproxima do invisível e do divino. E esse “pacto” no instante presente, naquele local compartilhado, reforça a ideia da “redoma acústica” que conecta todos os indivíduos da comunidade, em torno de um mesmo entendimento, mesmo sentimento e crença.

Do som que os céus se comunicam com a terra desde o sopro originário da vida, percebemos aqui como as sonoridades percorrem esse caminho de regresso. Nos comunicamos enviando de volta para esse lugar mítico os pedidos e os agradecimentos, por meio de preces, cantos e toques. Analisando a força das palavras em Guimarães Rosa, Gabriela Reinaldo chega à “voz da divindade, inacessível aos planos da razão” (REINALDO, 2005, p 128). Podemos tomar emprestado o termo que ela emprega, a “glossolalia”, que é essa linguagem que permite a comunicação com o divino, somamos parentesco inegável da palavra “canto” com “encanto”, da música ser um “instrumento a

¹⁰⁹ Tirador é a pessoa que não tem formação religiosa oficial, pode ser um leigo perante aos olhos da Igreja Católica, mas que substitui o padre nas funções religiosas em capelas rurais ou no salão reservado ao culto em casas.

serviço de operações mágicas” (REINALDO, 2005, p 135). Esse encontro com o invisível ocorre mediante as sonoridades que escutamos nas festas do Cariru, nas ladainhas e nas rezas no sertão. Em um mantra cíclico e constante, nos elevamos a tal ponto até chegar novamente ao silêncio. Essa comunicação pode ser feita no íntimo e solitário espaço de uma reza particular, mas muitas vezes tem, no espaço coletivo, e em datas especiais sua maior eficácia, como no Cariru. Outras vezes depende de pessoas que potencializam esse encontro com o invisível, como é o caso de Xaxá, Dona Maria e também de Lena, Dona Bidu e Seu Joaquim, rezadores de Bodocó (PE) e Várzea Queimada (BA).

Lena caminhava conosco pelo pomar de sua casa e com sabedoria nos explicava para que serve cada erva, cada folha. Explicou em que horário podemos colher para fazer chá ou para emplastro. Disse que ninguém ensinou a ela; é um conhecimento que se pega no ar, de observar, de perceber e de sentir. Quando pediram, fez a reza de quebranto, de espinhela caída, do vento dentro e da constipação de vento. As palavras mandavam o quebranto embora para algum lugar longe dali. Para nós, no contexto desta pesquisa, as palavras ditas por Lena não são importantes, talvez até para ela não o sejam. Nos importa a força e a crença com que essas palavras são vibradas pela voz de Lena. Já Dona Bidu, parteira de Várzea Queimada (BA), disse que existe uma reza para o bebê nascer logo, quando já se passa do tempo de gravidez: “era as parteiras que rezavam, tinha reza pra rezar, tinha oração, botava no pescoço da gente. Botava oração e pronto, num tinha embarço”¹¹⁰. As palavras na voz de Dona Bidu, potente e forte, estimulam o corpo da mulher que carrega um bebê e as vibrações facilitam e incentivam a vinda dele ao mundo. Sloterdijk comenta em *Esferas* (2016) sobre o acolhimento dado pela voz, pelos sons, nesse primeiro estágio que os bebês passam pelo ventre materno. Uma comunicação da comunidade sonosférica de que fazemos parte e no qual aquele bebê já está inserido (SLOTERDIJK, 2016, p 455). Segundo Dona Bidu, “não tinha isso de ir para o ultrassom, hospital, correr para saber e ver se o bebê está bem”. Ninguém precisava “saber vendo”, mas sim conduzir a reza que iria induzir o bebê a se posicionar para facilitar o parto. Nenhuma das rezadoras aprendeu essa técnica formalmente, Lena sentia um sussurro que a dizia o que fazer e falar; Dona Bidu mencionou Seu Joaquim, rezador que passou o que sabia para ela.

Seu Joaquim com sua voz rouca traz o século passado nas suas palavras, na sonoridade forte que faz tremer os desavisados, como um trovão no meio da comunidade.

¹¹⁰ Entrevista gravada com Dona Bidu no dia 04.08.2017 em Várzea Queimada (BA).

Numa sentada de conversa, contou a História (essa mesma com H maiúsculo). Nela se embalavam percursos, seca, procissão, trabalho escravo e o canto e ronco da roda na casa de farinha, que girava na mesma cadência das suas palavras: “Eu pegava na roda e a cevadeira cevando e a gente relando, puxando. E a roda rodando e cantando, e a roda zoando e a massa caindo, cantando as rodas”. As palavras se enroscam com os sons, seus sentidos não se encerram no significado semântico da palavra em si. O sentido não pode ser apreendido somente da compreensão racional, do *logos*. A força da palavra, enquanto voz (seja ela articulada em português, seja ela um ruído ou uma onomatopeia), é um sopro potente que move a energia invisível do contador de história para os ouvintes. A força soberana desta voz é resgatada em Spinola (2016) ao revelar na obra de Paul Zumthor: “o semântico, ainda não submetido às leis congelantes da escritura, dobra-se à musicalidade do vocálico” (SPINOLA, 2016, p 67). A voz seria o que excede da linguagem, ou o que a precede. Poderíamos dizer que a sonoridade da voz é capaz de “desestabilizar o sentido daquilo que a veicula” (NOGUEIRA, 2018, p 70). O som da voz, sua vocalização, os sons imitados e as canções que são incorporadas são partes indissociáveis das narrativas contadas no sertão, antecedem à palavra “enquanto fenômenos acústicos e a transcende, enquanto presença divina” (SPINOLA, 2016, p 70).

A memória e a história oral contada na beira da fogueira, para que toda a roda pudesse imaginar momentos antigos e mitos enormes, têm sua grandeza e eficácia simbólica nas palavras usadas, no misto de som e sentido, no mesclar-se do homem com o trovão. Essa voz carrega uma materialidade nas suas características sonoras, uma entonação, um sotaque, uma cadência no contar. Todos esses elementos influenciam para a mágica de sua potência, seus efeitos vão além do comunicar. Nessa conversa, o sentido nos escapa e, portanto, entramos em contato com o real da língua, a pura fonética, “fluxo do calor das vísceras, sopro quente da voz, da vontade de dizer (...) quando a palavra já não se ocupa de comunicar o útil, mas o essencial” (REINALDO, 2005, p 55). Essa roda em volta de Seu Joaquim, ancião de Várzea Queimada (BA), traz todos esses elementos da força de sua voz e também de sua memória mitológica, com um “repertório cultural de invocações, saudações, cantigas, danças, comidas, lendas, parábolas, símbolos cosmológicos” (SODRÉ, 2017, p 95) e, acrescentamos, todo o imaginário sonoro do sertão. Seu Joaquim, Dona Alaíde, Dona Mira, Lena, Dona Joaninha, Dona Bidu pensam e vivem com sons. Suas falas são compostas por “piriripiripiriripiriri” quando Dona Alaíde conta que, quando criança, conseguiu fugir correndo de uma queda no barreiro; Lena amacia as palavras e fala pausadamente que quando ela “vê tambor batendo lá

distante, seus pés arrupei, parece que tá pisando em algodão”, nos conta que no Cariru “quem tem caboco tem canto e quem tem canto quer dançar”; e Seu Joaquim conta cantando que “acabou-se já, acabou-se já, a mandioca de relar acabou-se já”.

4.2 Os pássaros, uma conversa cotidiana e mágica

*O sabiá no sertão
quando canta me comove,
passa três meses cantando.
E sem cantar passa nove.
Porque tem a obrigação
de só cantar quando chove.
(Cordel de Zé Bernadinho)*

No primeiro amanhecer no Sítio Bom Lugar (PE), na casa de Dona Cici e Seu Zé de Citonho, sons constantes e de alta intensidade nos acordaram por volta das cinco da manhã. A textura do som do canto dos pássaros Cabeça-vermelha¹¹¹, amontoados em grande quantidade em cima e dentro de um umbuzeiro carregado, se diferenciava de todos os sons escutados até aquele momento. Seu tom metálico e em grande quantidade, ritmado, pareciam não ser fruto de uma fonte sonora natural, pareciam produzidos por um instrumento eletrônico. Tinham algo de psicodelia. A surpresa e estranhamento foram marcantes, no entanto, nesse momento o som não foi gravado. Gravamos às 5 horas do dia seguinte, mas nunca se conseguiu o mesmo som, com a mesma potência no registro sonoro. Talvez a memória do entusiasmo e da beleza não se comparava com o que se escutou posteriormente.

O vento e o sopro no “buzo” nos remetem à pré-história dos sons. Já sobre a pré-história da fala humana, existem várias teorias que localizam a transição da verticalidade do *homo sapiens* como principal influência (BAITELLO, 2005). A partir da soltura da glote com essa nova posição, a articulação da palavra começou a ser desenvolvida. Também se acredita que a ancestralidade da voz foi a necessidade de comunicação à distância. Para se comunicar estando próximos, o gestual tinha uma eficácia extrema, porém para superar os obstáculos (árvores, florestas, formações rochosas etc.), esse ancestral do ser humano se utilizou de gritos para poder se comunicar e alertar seus demais numa distância mais pronunciada. Segundo Baitello, existe uma outra hipótese pouco considerada, mas mais poética, e que ele prefere privilegiar: “o ancestral do homem

¹¹¹ Pássaro originário da caatinga nordestina cujo nome científico é *Paroaria dominicana*, mas também conhecido como Galo-de-campina ou Cardeal-do-Nordeste.

observa os pássaros e começa a imitá-los.” (BAITELLO, 2005, p 103). A relação de comunidades humanas com pássaros já foi objeto de pesquisa e análise de diversos pesquisadores. Na tradição cultural dos Kaluli¹¹² (FELD, 198), o som, mais precisamente o dos pássaros, forma um sistema cultural em que se pode, a partir da análise dos modos e códigos de comunicação, entender o *ethos* e a qualidade de vida daquela sociedade. Durante a pesquisa, fizemos algumas aproximações das relações dos sertanejos com o universo sonoro e como elas também nos dizem sobre seu sistema simbólico e cultural.

Os pássaros no sertão nunca param, acordam mais cedo do que os outros animais, incluindo o ser humano, e são os últimos a dormir. Anunciam o dia, anunciam chuva, anunciam seca braba, anunciam chegadas. Não se sabe se pela proximidade dos pássaros na ancestralidade da fala humana ou pelo maravilhamento causado com seu canto, mas eles se tornaram os comunicadores que mais dialogam com os sertanejos e as sertanejas. Segundo Schafer, “nenhum som da natureza tem estado ligado tão afetivamente à imaginação humana quanto as vocalizações dos pássaros” (SCHAFER, 1997, p 53) e associa os cantos de pássaros à experiência humana de produzir sons: sons de alerta, sons de prazer, delimitação de espaço acústico. Talvez o canto da sereia na mitologia equivale à sua imagem mais arquetípica, à cena primitiva: as sereias em algumas representações eram mulheres em corpo de pássaros que encantavam, seduziam, maravilhavam, comoviam e podiam até matar, tudo a partir da emissão de sons vocalizados (SLOTERDIJK, 2016).

Em conversas e entrevistas sobre os principais sons que faziam parte do espaço do sertão, as aves sempre eram as mais citadas. Era o som que aproximava qualquer um do sertão, que remetia à casa quando alguém se encontrava distante por motivo de viagem. Sobre o pássaro Galo-de-campina disse Tia Creuza: “e ele gosta de cantar, fica cantando no amanhecer, antes do sol. A gente já se acorda por ele cantando. O Galo-campina tá dizendo: ‘se levante que já é hora’. Mas é assim mesmo, amanheceu o dia, os bichinhos ficam tudo alegre”. Alguns pássaros só existem naquela região, como o Cabeça-vermelha no sertão nordestino e também por isso passam a ter sua presença associada ao espaço com um “som fundamental”. Segundo Schafer, este seria a base sonora, como se fosse um constante ruído de fundo, que dá a tonalidade ao espaço. Cada território possui sua “própria sinfonia de pássaros, produzindo um som fundamental nativo – tão característico quanto a língua dos homens que vivem nesse lugar” (SCHAFER, 1997, p 56).

¹¹² Povo originário de Bosavi, na ilha a Papua Nova Guiné, Oceania.

Aves domésticas, como as galinhas, guinés e galos, estão mais próximas das casas e facilmente são reconhecidas pelo nome. Conhecer o nome dos pássaros passa por diversas questões culturais. Durante a pesquisa, percebemos que geralmente os meninos sabiam os nomes dos passarinhos. Os meninos aprendem a imitá-los, conhecem seus hábitos e locais de convívio, para melhor abatê-los com estilingues, bодоques ou baladeiras. Do grupo que participou da pesquisa, somente uma mulher sabia os nomes dos pássaros. Esta era Girleane de Siqueira, em Bodocó, que foi criada com os primos e irmãos mais velhos e estes a levavam para a caçada e aventuras no mato. No próprio mato, depois de abater um passarinho, se assava e comia ali mesmo. Algumas pessoas também disseram que ao comer algum pássaro podia-se pegar as características deles: ao comer o coração de uma beija-flor, a criança crescia corajosa e não errava mais na pontaria. Também alguns eram capturados para seguir cantando em gaiolas. Nessa estrutura social, conhecer melhor seu inimigo funciona para caçá-lo, caça e caçador são um só, o apreciar e o caçar se misturam como em *Grande Sertão: Veredas*, quando Diadorim ensina Riobaldo a apreciar as aves:

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pousoação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: — E formoso próprio... — ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. Pra e pra, os bandos de patos se cruzavam. — Vigia como são esses... Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. — E aquele lá: lindo! Era o manuelzinho-da-crôa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea — às vezes davam beijos de biquinim — a galinholagem deles. — E preciso olhar para esses com um todo carinho... — o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser — e tudo num homem-darmas, brabo bem jagunço — eu não entendia! (ROSA, 2006, p 143).

Sem dúvida também, esses caçadores passam a dominar o misterioso canto que os seduz para que possam eles também cantar, numa imitação do poder das sereias (SLOTERDIJK, 2016). Em Várzea Queimada (BA), encontramos o maior número de imitadores de pássaros. Os meninos, da infância até a pré-adolescência, se juntavam para “incomodar” as pessoas, em um ato de rebeldia juvenil, e caminhavam por entre as casas, em volta da escola, em bando, imitando passarinhos. O som era ensurdecido pelas notas agudas e pela quantidade de meninos juntos na tarefa. Ficavam nesse coro de assobios até alguma professora sair correndo de sua sala e enxotá-los. Eles se dispersavam rapidamente por entre as ruelas dali. Também em Várzea Queimada (BA), ser bom

imitador é algo que vem associado às características de uma pessoa. Ao encontrar e conhecer alguém, se apresenta o nome, sua filiação (não precisa falar de quem é neto, pois todos descendem de Seu Joaquim e Dona Luíza) e se a pessoa é boa imitadora de pássaros. Assim, toda vez que começávamos a ouvir os sons, homens, meninos e Girleane diziam o nome dos passarinhos que cantavam: Farraxo, Lavadeira, Espanta-Goiaba (Quem-Quem), Assanhaço, Anambu (ou Lambu), Codorniz, Bem-te-vi, Fogo-pagou, Golinha (Patativa), Casaca-de-couro ou Carrega-madeira, Sofreu (Corrupião), Psiu-tiziu e, claro, o Cabeça-vermelha, que cantou desde a primeira manhã desta pesquisa no sertão.

Para se relacionar com os pássaros, as casas do sertão estão cercadas por árvores frutíferas plantadas a seu redor. Desta maneira, na época que dá umbu, acerola, cajá, pinha, os moradores e moradoras são acordados com cantos para animar e deliciar seus afazeres desde cedo. De acordo com Schafer, escolher os sons no seu entorno faz parte de um empoderamento da paisagem sonora de seu ambiente (SCHAFER, 1997), ele chama esse planejamento de “criação de um jardim sonoro” em seu entorno. A plantação de frutíferas ao redor da casa é uma prática dessa criação comum no sertão: a fruta atrai pássaros e permite às pessoas escutarem seus sons, ambientando agradavelmente a paisagem sonora. Em *Sound and Sentiment* (FELD, 1982), ao analisar os hábitos sonoros dos Kaluli, habitantes da Papua Nova Guiné, Steven Feld afirma que os pássaros demarcam o espaço social, então jamais são caçados próximos aos vilarejos. A presença dos pássaros, das árvores e de seus sons é importante para os Kaluli, pois estes acreditam se tratar dos espíritos de seus antepassados. Na paisagem sonora do sertão, também foi possível identificar muitas semelhanças a esta prática e percebemos que a presença dos sons de pássaros também funciona como demarcação de espaço social, definição de ações cotidianas e relação com o mundo mítico.

Outra disposição do espaço no terreiro do sertão que influencia na paisagem sonora é a presença dos animais domésticos. Ao lado das casas está o galinheiro e, um pouco mais distante, o chiqueiro. Depois do amanhecer que é anunciado pelos pássaros, geralmente antes do sol raiar, os galos continuam a sinfonia. Eles cantam a madrugada inteira, de maneira um pouco isolada. Como se conversassem com os galos dos terreiros vizinhos, eles aumentam o ritmo quando o sol vem se aproximando. Já os pássaros, à medida que esquenta, começam a se aquietar. É chegada a hora do galinheiro inteiro acordar e, com ele, as pessoas da casa se levantam. A primeira atividade humana no sertão é dar comida aos bichos, galinhas, pintinhos, porcos, perus e jegues, que estão extremamente ruidosos, esperando serem alimentados. O jumento (jegue) é chamado de

relógio do sertão e isso se deve ao fato de que de hora em hora ele tem fome e relincha pedindo comida. Assim que é saciado, fica tranquilo por mais uma hora. Portanto, a proximidade dos animais domésticos com a casa, além de compor a partitura da paisagem sonora sertaneja, também facilita esses primeiros afazeres do dia.

O convívio com as aves se conecta aos aspectos mágicos do cotidiano. Era comum pessoas do sertão associarem os cantos das aves com interpretações do porvir ou de algum acontecimento próximo ao sítio. Os sons de aves próximo à meia-noite merecem uma atenção especial. Canto de galo só pode acontecer “noite alta”, porque se cantar “noite cedo” não é bom sinal, quer dizer morte ou traição. Já a galinha não pode cantar com o som de um galo, também traz mal agouro. Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo se depara com uma coruja no seu caminho: “vi uma coruja — mas corujinha entortadeira; e coruja só agoura mesmo é em centro de noite, quando dá para risã” (ROSA, 2006, p 505). Assim sendo, Riobaldo segue rumo, sem ser atingido pelo agouro que poderia ter significado esse encontro sonoro, caso o mesmo acontecesse à meia-noite. Em Várzea Queimada (BA), existem sons que fazem as pessoas desviarem seus caminhos ao se depararem com eles: a coruja Rasga-mortalha que canta para quem vai morrer e o uivo de um cachorro no meio de um caminho de terra. Uma das moradoras de Várzea Queimada (BA) e participantes desta pesquisa, Jaiane Jesus, disse que quando escuta o uivo do cachorro muda de caminho e dá uma volta mais longa para chegar a seu destino. Todos concordaram que era uma benção não termos conseguido gravar a coruja, poderia acontecer algo de pesaroso nas nossas vidas. Mesma sorte não teve Riobaldo, ao escutar o uivo de um cão à meia-noite, momentos antes da batalha final com Hermógenes:

Madrugada de meia-noite. A lua já estava muito deduzida, o morro e o mato misturados. Relanceei em volta. Todo o mundo dormindo. Só o cachorro mateiro, que sai debaixo dos silêncios, e um ô-ô-ô de urutau, muito triste e muito alto. Depois, ouvi o uivado inteiro dum cão. Os companheiros todos dormindo, acordado só eu, alevantado de noite. Pesou por diante de meu coração. Devi àquele cão mal-uivante? Idéia tristezinha, que me veio. Por que era que só eu tinha acordado, desoras, tão antes de todos? (ROSA, 2006, p 560)

Vários pássaros anunciam chegadas ou novidades. Para saber deles, tem que ser do sertão, tem que ter aprendido com a vida no campo a ouvir esses cantos. Seria uma linguagem codificada? Com códigos definidos pelo costume, pelo cotidiano, por anos de convívio com seus sons. Uma linguagem simbólica que atravessa a cultura sertaneja, apesar da confusão trazida pelas mudanças do mundo. Mesmo assim, Dona Cici falou do Vim-vim, um dos pássaros que anunciam. Quando ela o escuta, fala uma frase de proteção: “se for coisa boa vim-vim, se for ruim vai”. O Vim-vim foi cantado por Luiz

Gonzaga, que se atenta ao canto do pássaro e fica na expectativa da chegada de seu amor que partiu e levou seu coração:

quando vinvin cantou, corri pra ver você. Atrás da serra, o sol estava pra se esconder. Quando você partiu, eu não esqueço mais, meu coração, amor, partiu atrás. Vivo com os olhos na ladeira, quando vejo uma poeira penso logo que é você. Vivo de orelha levantada para o lado da estrada que atravessa o muçambê. Olha, já estou roendo unha, a saudade é testemunha do que agora vou dizer: Quando na janela eu me debruço, o meu cantar é um soluço a galopar no maçapê. (Luiz Ramalho, *Roendo Unha*, cantado por Luiz Gonzaga, 1976)

Para escutar e perceber os avisos e a comunicação com os pássaros é preciso a atenção do silêncio como estado de espírito, é preciso praticar a “cultura do ouvir”, é preciso a quietude que permite perceber os sons ao redor. Este silêncio se pode encontrar no sertão quando Seu Zé de Citonho se senta no fim da tarde debaixo do umbuzeiro e escuta calado o canto das guinés indo dormir um pouco assustadas com o vôo de um gavião. Da escuta, pode-se partir para um imaginário com formação de um sentido cotidiano e mágico, que organiza, de alguma maneira, as vivências. No caso de Seu Zé de Citonho, ele espera atentamente e com muita paciência a calma das aves para poder seguir seus afazeres. Enquanto elas estão angustiadas, ele não sai debaixo da árvore. Esses animais são parte do convívio, companhia; a presença e o cuidado devem ser de todas as ordens, não se limitando a dar alimentação nos momentos que convém, mas também de acompanhá-las respeitando e escutando seus sons, seus sinais e seus avisos. Mas por mais que nos esforcemos em perceber e entender os sinais dos pássaros,

seja o que for que os pássaros estejam comunicando, suas vocalizações são projetadas para seu próprio benefício e não para o nosso. Alguns homens podem descobrir os seus códigos, mas a maior parte se contentará apenas em ouvir a extravagante e surpreendente sinfonia de suas vozes. Os pássaros, assim como os poemas, não precisam significar, mas ser. (SCHAFER, 1997, p 56)

4.3 “Tudo nesta vida é bem cantável”

*A vida inventa!
A gente principia as coisas,
no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação
— porque a vida é
mutirão de todos,
por todos remexida e temperada.*
(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Ao perceber o mato alto de alguma roça da vizinhança com um boi ou porco gordos, um grupo de sertanejos de Várzea Nova (BA) combinava de fazer um Boi Roubado. Então, os donos da casa ouviam os fogos na alta noite e acordavam de supetão, mas já sabendo que se tratava do “roubo do boi”. As mulheres da casa corriam para preparar o café e os homens arranjavam cachaça e matavam o boi para o almoço e para a festa da noite que podia durar até o dia seguinte. Ao chegar na roça, as pessoas já estavam fazendo o Batalhão: dez, vinte ou até mais de cinquenta homens roçando e preparando a terra para o plantio de mandioca. Enquanto roçam cantam os “bois”: da chegada, das onze horas, da bandeira. Após a troca da bandeira e término do trabalho na roça, o samba começava. Como nos explica Dona Nair:

Antigamente, ajuntava dez, doze moças... ‘rumbora roubar a casa de fulana ali hoje, tem uma quebra de milho’... o milho tava lá naquelas alturas na cumieira da casa. Aí quando era meia-noite, ajuntava pandeiro, ajuntava viola, ajuntava prato e chegava e ia levantar aquele dono de casa debaixo de música. Aí a gente entrava, os donos da casa levantavam, uns já iam matar um porco, uma galinha, outros já iam matar um bode. E couro comendo e debuição de milho até o sol raiar... então saía daquela casa ali e já ia pra outra, já tinha uma tira de licuri. Aí todo mundo ia se reunindo e brincando. E com isso era uma coisa muito maravilhosa que os amigos, os vizinhos, um ajudava um, outro ajudava outro. É por isso que antigamente pra trás, todo mundo tinha suas coisas. ‘Ah fulano tem aquela roça ali, tá cheia de mato, bora roubar? Bora!’ Mas a roubação não era pra roubar nada de ninguém, era as enxadas que a gente ia capinar a roça de meu vizinho e na outra semana o vizinho ia roubar a roça da gente. E todo mundo tinha seu milho, seu feijão, seu mantimento.¹¹³

O encontro do trabalho com a arte, a festividade e comunhão acontece no Batalhão. A vida no sertão não faz a separação entre trabalho e arte. Estes se fundem, o sertanejo compõe e planta, a sertaneja é poeta e fortaleza. Não existe algo que force o limite dessas fronteiras. Ser artista é viver e tratar bem de si e da terra. Os relatos sempre mencionam o bem-estar, a diversão em meio ao trabalho e a brincadeira. “E amanhecer o dia dançando”, como diz Dona Lindalva. O Batalhão propriamente dito não acontece mais, então as gravações dos cantos se deram durante o Digitório de Raul. Ele é camponês, militante do MPA e também tocador e compositor. Faz o Digitório há 19 anos e nele as canções que cada membro compôs ou as tradicionais de Batalhão são semanalmente lembradas e ressignificadas. As canções são chamadas de aboio, com vários formatos como boi de quadra, boi de martelo etc. Alguns eram feitos no improviso, “no repente” como diz Seu Betinho, compositor de aboio, que nunca se “enganchou” ao fazer a quadra de improviso. Outros já são cantados desde sempre, passados por gerações.

¹¹³ Transcrição de conversa com Dona Nair concedida a Camila Machado, do dia 06.06.2017, na comunidade de Várzea Nova, BA.

Geralmente cantam em duas vozes, com duplas compostas também de improviso durante o trabalho na roça. No final do aboio, na última estrofe cantam as vogais mais longas e a repetição de algumas palavras como “êeeee saudade” ou “ooooooooeeee, oooooooooaaaa”.

Seu Joaquim sentado em sua cama, com um pano na mão que usa para limpar a boca, nos conta histórias de Batalhão e da casa de farinha. Cego dos olhos e “transvendo” nas memórias, sua fala segue o ritmo da roda, da cevadeira, da prensa da massa de mandioca. Cada ação na casa se conecta a uma música e assim a farinha vai sendo feita, cantada e distribuída. Encontramos três tipos de casa de farinha no sertão onde fizemos a pesquisa. Em Bodocó (PE), elas não existem mais, mas são lembradas nas falas dos mais velhos. Em Várzea Nova (BA), existe uma nos moldes antigos, manual, com todas as etapas da produção realizada na própria casa. Aqui escutamos histórias de terror que acontecem na casa de farinha, pois o lobisomem frequenta a casa à noite. Em Várzea Queimada (BA), desde alguns anos fizeram uma mecanizada, que ajudou muito a produção e tornou a comunidade quilombola referência na produção de farinha da região.

Os diferentes tipos de casa de farinha geram sons também variados. Até um passado recente, como nos conta Seu Joaquim, o trabalho era feito acompanhado de cantos. Ele lembra milhares de versos que falam de cada etapa da produção da farinha. Hoje, nas três comunidades, não conseguimos encontrar nenhum grupo que trabalha cantando. Na casa de farinha de Várzea Nova, um celular ficava dependurado na parede tocando músicas. Na casa de farinha de Várzea Queimada (BA), a zoada do motor das máquinas encobre a possibilidade de canto. E em Bodocó os sons da casa de farinha ficam na memória de quem já trabalhou nela, cantando.

A casa de farinha é um símbolo de subsistência e soberania alimentar. Desde a roça de mandioca até os inúmeros derivados da raiz, todo o processo sempre foi feito dentro das comunidades e faz parte da alimentação tradicional. Homens, mulheres e crianças passavam muito tempo dentro da casa de farinha, do período da colheita até a farinha ficar pronta. Até hoje é um espaço de convivência e desse encontro muitas histórias, músicas e mitos são contados e cantados. As músicas de roda, que as crianças aprenderam com Seu Joaquim, eram cantadas em volta da roda que amassava a mandioca, numa das etapas da produção. Inclusive, no sertão baiano, as cantigas de roda têm origem por serem cantadas em volta da roda da mandioca. Em Várzea Queimada (BA), surgiu uma reclamação de que a mecanização diminuiu o convívio comunitário, tanto pela “zoada” do motor quanto pelo tempo que é menor dentro da casa, e a comunidade está pensando em fazer um “puxadinho” para poder fazer uma das etapas da produção em

coletivo e poderem cantar e estar juntos à moda antiga. As cantigas de roda animam grupos de crianças e as que mais sabem versinhos têm mais popularidade. Como diz um trecho de um verso: “Lá de trás da minha casa tem um pé de Iriri, quem não sabe falar verso, o caminho é por ali”. E a criança que não sabe tem que sair da roda.

A subsistência, soberania e resistência alimentar também são escutadas em outros sons no sertão. O som de quebra de licuri é uma constante na região da Bahia. Antigamente, quando era “derradeiro” e único som nas comunidades, significava que a seca estava forte e não se escutavam mais outros sons de trabalho. A única solução que restava era bater o coquinho do licuri e comer seu interior. Sons do jegue, do bode e das ovelhas também foram identificados como sons de resistência alimentar, pois, enquanto outros animais morrem numa seca braba, o bode e o jegue continuam resistindo. Recentemente, estavam colocando em curso a produção de mel, também um tipo de alimento que resiste a longas estiagens e que gera um produto que pode ser valorizado em feiras da região. No início de setembro de 2018, foi inaugurada a primeira unidade de beneficiamento de mel do Movimento dos Pequenos Agricultores, o som das abelhas por lá é sinal de fartura e de soberania alimentar.

4.4 Zoadas: radio, moto e panela de pressão

*Como deviam de morar,
em bordas de grotas,
ou recantos abstrusos dos morros,
em antros e choupanas tristonhas,
onde os ventos zuniam
e a chuva gotejava.
(João Guimarães Rosa, Noites do Sertão)*

No sertão, às 18 horas, a Ave-Maria Sertaneja faz a transição do dia para a noite. A impressão é que todos estão parados ouvindo, mas também escutamos os sons da cozinha, a panela de pressão zunindo seu fervor, alguns terminam o banho para aproveitar o dia que ainda é quente. A oração termina com acordes do acordeon de Gonzagão, os mesmos do início, em um retorno circular e continuidade da música, da vida e do dia.

Dentro de casa, a transição do dia para a noite também é feita dos sons da rádio para os da televisão. A rádio é ligada de dia, desde o levantar pela manhã, depois de alimentar os bichos. Uma companhia para os afazeres cotidianos, quando não se tem tempo de parar em frente à televisão para assistir a algum programa. Após a Ave-Maria Sertaneja, se janta e somente depois escutamos a televisão, momentos antes de dormir. É hora de sentar, acalmar, debulhar juntos o andu, enquanto algum programa televisivo

segue iluminando o escuro da sala com seus raios azuis. Aos poucos, os membros da família vão saindo e se encaminhando para os quartos.

A rádio se aproxima mais das pessoas do que os programas da televisão. As falas e sotaques são parecidos, as pessoas chamam os locutores pelo primeiro nome, com uma proximidade que não se encontra em outros espaços. Muitas pessoas ligam para contar causos, mandar saudações e pedem músicas. Dona Mira, sambadora de Pau d'arquinho (BA), liga para cantar Chulas, costuma fazer o canto antes de se identificar e assim que começa a cantar o locutor já diz: “é Dona Mira sambadora!”. As publicidades costumam ser de lojas e produtos de cidades próximas, casas de venda de Bodocó, Capim Grosso, narração de futebol do campeonato regional. Às vezes, encontramos uns locutores com mania de sudeste, imitam o sotaque carioca, como nos “Sons da Noite” em Várzea Nova, e uma entonação de narração que sempre termina em um tom aberto e alegre. A relação com a rádio é tão forte que em um programa da rádio de Várzea Nova (BA), o apresentador deu a notícia de uma senhora que se suicidou e deixou um bilhete com pedido de música para o programa: a música era “Mulher de 40” de Roberto Carlos.

Nas rádios locais, os movimentos sociais do campo, como o MPA, também conseguem ter mais representatividade. Em Bodocó, todo sábado passa o programa “Agricultura Familiar em Debate” que fala sobre agricultura e militância no campo. O Movimento dos Pequenos Agricultores está presente no programa e fala de suas lutas e ações. Em Várzea Queimada (BA), fizemos exercícios de rádio. Instalamos uma com alcance pequeno, que chegava no máximo até o vilarejo próximo. Em poucos minutos da rádio instalada, com uma intensa programação de música, sem quase nada de intervalo, apenas para anunciar um ou outro produto da comunidade quilombola que era vendido (ovos caipiras e um bode), toda a comunidade passou a escutar a rádio “Voz Camponesa”. Um programa que teve sucesso foi “De papo com Jesus”, sobre análise da conjuntura política e questões da comunidade. “De papo com Jesus” tinha esse nome que era um chamariz religioso, porém o “Jesus” em questão era qualquer pessoa da comunidade, pois em Várzea Queimada (BA) todos são parentes de sobrenome “Jesus”. Assim poderíamos ouvir uma entrevista com Zé de Jesus, com Dona Francisca Jesus, Vandinho Santos Jesus. Toda comunidade se gravava, se escutava e se falava. Um dia chegou uma moradora tímida e calada, Aneicia Jesus: ela queria fazer um programa de uma hora de noite, quando saberia que todos a escutariam, mas ninguém a estaria olhando. A rádio também atua nesse lugar de uma certa liberdade de fala, pois não envolve a imagem. Aneicia preferiu soltar sua voz, do que aparecer em fotos, vídeos e talvez em um programa de

televisão. A rádio, assim, se espalha rápido pelo sertão, seja com os sertanejos a ouvindo, seja produzindo seus próprios programas. Ultimamente os sons da rádio também se confundem e se misturam aos áudios de celular, em MP3, com músicas, principalmente versões de músicas nacionais no ritmo da “pisadinha” ou “forrozão”¹¹⁴. Na roça, escutamos durante a capinagem as músicas em MP3 vindas de um celular colocado no bolso da calça. Esses sons se alternam aos cantos de trabalho durante a plantação da mandioca, todos acompanhando as batidas da enxada.

Durante a pesquisa e as gravações a percepção da importância desses sons foi crescendo. Eles seriam desconsiderados como “ruídos” caso estivéssemos em busca de um acervo isolado, sem a tonalidade local, sem as características que o tornam único e presente no espaço. A “zoada” surge gritando nos arquivos sonoros, ela é parte intrínseca do material captado, seja para torna-lo mais palpável e “real”, o que chamamos de registro documental, seja para valorizar alguns sons que, definidos por outros grupos, não teriam a presença. A moto é essa “zoada” desejada. A “zoada” que diz para nós que o sertão teve um crescimento econômico nos últimos anos e o transporte foi facilitado. O motor da casa de farinha traz consigo a informação da presença da energia elétrica na comunidade de Várzea Queimada. A panela de pressão, que explode nas conversas com Seu Joaquim e Dona Firmina, vem carregada do cheiro da mandioca cozida. Deixando, assim, a gravação mais aconchegante e a conversa mais fluida. A “zoada” é um som que está presente e pode ou não ser agradável, pode ou não atrapalhar, pode ou não incomodar. Ela também é um “entre” sentidos que depende do mesmo pacto sonoro entre as comunidades para existir no imaginário e compor o acervo de sons do sertão. Assim como o vento, nosso guia invisível, que também pode ser “zoada”.

Gravar o vento significa encontrar um limite técnico. O vento sempre existe no sertão e ele é “verde” (ROSA, 2006, p 290), mas está ligado à chuva quando ronca. Em algumas gravações, o vento na membrana do microfone pode gerar um som incômodo que não condiz com nossa percepção auditiva. Seria mais um sopro forte na membrana do ouvido, irritante, como o som da asa da borboleta dentro dos ouvidos. Na análise dos arquivos gravados, muitas vezes o vento aparece como elemento negativo, a “zoada” que o para vento não protegeu. O vento foi mais forte que a técnica e acabou se impondo. No entanto, a “zoada” do vento no pé de serra que trará chuva para o sertão seguiu fazendo parte da expectativa de registro nesta pesquisa. Ora chegava alguém com sua moto e

¹¹⁴ Gêneros musicais derivados do “farró”.

contava que “ainda não, ainda não zoou o vento”. O sertão lida com sons que não existem mais, que são constantemente lembrados ou quase nunca ouvidos. Alcançar por narrativas, músicas, contos e memória a paisagem sonora de outrora ou de tempos futuros é adentrar no imaginário sonoro. A saudade e a esperança fazem lembrar de sons de vários tempos e momentos. O som, a zoadá, a memória e o vento são nossas personagens invisíveis que guiaram este inventário pelo imaginário do sertão. Algumas vezes elas tocam, esbarram ou encontram buritis, cabelos e folhas e os fazem soar para materializar nossa percepção, para tornar audível, e também visível.

5. Conclusões

QR Code 4¹¹⁵



Fonte: Autorial própria (2019)

*E se estiver na pausa e não no assobio
o significado da mensagem?
Se for no silêncio que os melros se falam?
(Italo Calvino, Palomar)*

O encontro com os sons do sertão se deu a partir de intuições que eram entendidas, avaliadas e reposicionadas a cada passo, a cada som e a cada conexão que íamos fazendo durante pesquisa. Desta maneira, chegamos a um acervo sonoro que permite o aberto, permite novas interpretações e escolhas. Fizemos algumas na tentativa de conduzir o leitor (ou a própria pesquisa) para a imersão sonora, a princípio só possível com a ida ao sertão, mas aqui tentamos uma aproximação escrita aos sons cotidianos que nos envolvem e sem perceber estamos sendo guiados por eles. Aos sons que, no meio deste cotidiano, explodem pela frente, fazendo-nos mudar de caminhos. Aos sons cantados desde nossos antepassados e que as crianças pequenas recitam, em gritos correndo em volta da escola municipal. E aos sons que comunicam com outros mundos, com os espíritos e com o invisível.

O sertão que soa nesta dissertação não é homogêneo, apesar de proximidades e parecenças. Em Bodocó (PE), o amanhecer chamava os pássaros Cardeal-do-Nordeste para comer no umbuzeiro. A voz arranhada de Xaxá, nos fez conhecer todas as cerimônias religiosas celebradas frente aos altares nas redondezas do Bom Lugar. E ao longe, ainda se escutava o toque do buzo, em um reflexo sonoro de outras épocas, mas que seguiu reverberando na memória dos sertanejos e sertanejas pernambucanos. Várzea Nova (BA)

¹¹⁵ Sugerimos a escuta de alguns sons durante a leitura deste capítulo. Para acesso à lista de sons, baixe o aplicativo QR Code Reader disponível para celulares IOS e Android e capte a imagem acima.

apresentou seus sambadores, junto com a preocupação de que muitos estão morrendo, a vontade de gravar, registrar e fazer escutar esse patrimônio imaterial. Misturada ao som da enxada, nossos ouvidos escutaram o Aboio do Batalhão, com um número reduzido de participantes, imaginando como soaria quando era formado por cem, duzentos, trezentos homens na terra capinando e cantando. Seu Joaquim, em Várzea Queimada (BA), contou os sons nos seus contos, em sua voz antiga e forte. No entanto, a roda da casa de farinha mecanizada, a morte de sambadores e dos rezadores, os animais que estão cada vez mais silenciosos, preocupam alguns sertanejos e sertanejas. Dona Cici, do Sítio Bom Lugar, lamenta que os sons acabam se “embaralhando” hoje em dia porque os “bichos estão confusos com tanta mudança na nossa sociedade, mas antigamente era muito mais certo, tanto a reação dos bichos quanto o prestar atenção neles”. Também Dona Bidu, de Várzea Queimada, relatou que, além de sons que evocam a cura, era importante evitar alguns sons para ficar bem, para chegar na sua idade. Hoje as pessoas estão todas “doidas” e por isso “que não vê mais chuva”, porque os tempos estão mudados. Então os cantos de trabalho vão sendo emascarados pelo motor da roda de mandioca, produzindo o mesmo que se produzia antes com somente três pessoas. Seja mecanizada ou manual, a farinha produzida continua alimentando a todos, incluindo os caboclos, orixás, santos, na festa do Cariru. Alimenta-se também a alma, com rezas, cantos e toques. “Quem tem caboclo tem canto e quem tem canto quer dançar”, conclui Dona Lena antes mesmo do Cariru começar.

Durante esta pesquisa duas noções ganharam força por conterem a potência dos sons do sertão: o invisível e o “entre”. Entendemos a invisibilidade do som como a metáfora fundamental no decorrer desta pesquisa. Invisíveis são as questões físicas e etéreas do som. A comunidade sonosférica que é ligada por esses laços invisíveis sonoros. E chegamos também ao invisível transcendental do mundo dos antepassados e encantados. Por fim, podemos até nos atentar para a invisibilidade do som nos estudos de comunicação, quando percebemos a ausência de pesquisas que nos trazem sua potencialidade comunicacional. Neste mesmo sentido, invisibilizados também estavam os conhecimentos e saberes do sertão, em um mundo marcado pela escrita como referência primordial de conhecimento naturalizado. O encontro com os narradores e narradoras que contam e cantam pretende valorizar a sonoridade, o entreouvir e o entrecontar. Os diversos “entre” que nos acompanharam emergem aqui como uma possibilidade de análise e de percepção, trazidas com toda força nos sons do acervo. A dificuldade de categorização no momento de trazer esse acervo à tona reverbera essa força

do “entre”. Os sons costuram diversos mundos (o do sertão e os centros urbanos, o campo e a cidade, o dos vivos e dos mortos, costuram as relações entre as pessoas, o passado e o futuro, o corpo biológico e cultural, entre todas as naturezas possíveis, entre o visível e o invisível, entre o canto e o conto). Gostaríamos de fechar essa dissertação nos abrindo para o que essas noções nos trouxeram e podem ainda trazer.

Esperamos ter conseguido no decorrer desta pesquisa demonstrar, com a argumentação teórica e a experiência trazida da colheita dos sons, que a formação cultural, artística e individual das comunidades envolvidas se ancora na produção e escuta dos sons, tendo estes como sua principal aliança com o mundo presente e também com o mundo virtual e invisível. O imaginário destas comunidades sonosféricas pode ser chamado de Sonário e este pode ser um fio condutor para outras pesquisas neste sentido. Salientamos a experiência de captação e o encontro com os sons realizada neste projeto como um caminho possível para outras pesquisas em som: a imersão em campo e a realização de oficinas de capacitação e troca devem ser apreciadas, pois geraram resultados satisfatórios. Apostar na intuição e na memória são alicerces metodológicos que, se incapazes de serem medidos quantitativamente, são importantes para uma pesquisa que depende da sensibilidade para criar. Como um arpejo ou sentindo o som como um toque, como uma massagem, essa sensibilidade da intuição consegue nos levar para o profundo que é a própria pele e que nos colocou em movimento nos espaços sonoros sertanejos. O encontro etnográfico com esses espaços e sons trouxe, não só um desenvolvimento da formação acadêmica da pesquisa, como também uma profunda transformação pessoal, caracterizada principalmente pela possibilidade de escuta, aprendizado e de vibração em conjunto com os sons do sertão.

Não imaginávamos os desdobramentos possíveis que a pesquisa teria. No decorrer dela, fomos ampliando os objetivos e os interesses iniciais, às vezes descobrindo que, para alcançá-los, era necessário enveredar por outros caminhos e assim criar novas perspectivas. O projeto de formação de acervo e divulgação do patrimônio imaterial propiciou a criação de um banco de dados sonoros, disponível virtualmente e acessível gratuitamente, seja para o uso de pesquisadores acadêmicos, cinematográficos, musicistas, professores e o público em geral. Desde seu lançamento, o *site* já teve mais de três mil acessos e pretendemos partir para a sua versão em espanhol.

A partir do objetivo inicial de formar o acervo de sons do sertão que compusesse uma partitura do imaginário do sertão, nos aventuramos no delicado procedimento de seleção e catalogação, fazendo a metodologia intuitiva ir de encontro com outras técnicas

e metodologias. Ainda que esta pesquisa tenha tocado e apresentado uma catalogação de sons, sentimos falta de um aprofundamento da mesma. A busca por categorias nativas que melhor dialoguem com o objeto do acervo e a maneira de apresentar, compartilhar e descrevê-lo merecem ser aprimoradas em um desenrolar desta pesquisa. Acreditamos que esta tarefa não seja um esforço individual, mas pode ser desenvolvida em grupos de pesquisas multidisciplinares que envolvam pesquisadoras da comunicação, ciência da informação, antropologia, sonologia, artes, música, história e letras.

Esta pesquisa não se encerra neste acervo, mesmo com mais de mil arquivos sonoros. As sonoridades sertanejas ultrapassam esse limite. Realizada em períodos determinados, só conseguimos gravar sons dentro desses períodos. Uma característica marcante no sertão é a diferença de sonoridade no verão e no inverno. Como gravamos durante os meses de seca, ou verão, os sons da época das chuvas não puderam ser registrados. Eles aparecem no trabalho na narrativa da esperança da chuva e dos animais que vem junto com ela e das alegrias que esse som traz. Algumas festas tradicionais, que acontecem em outros períodos do ano, não coincidimos em gravar. Esses foram os casos do São Gonçalo e do São João em Pernambuco; e do Cariru em Várzea Nova. O recorte da pesquisa acabou sendo produzido também pelas questões sazonais e temporais. Outros milhares de recortes são possíveis e a pesquisa do Sonário deve e pode continuar.

Uma proposta de pesquisa de doutorado já começa a ser elaborada. Ela é fruto da potência da junção de memória com o imaginário sonoro. Quando Dona Isabel começa sua fala com a frase: “eu cheguei no mundo em 22 no dia 17 de fevereiro, parece que minha mãe falou que foi a madrugada da sexta-feira, ela tava sozinha”¹¹⁶, refletimos sobre a potência da memória oral e como ela pode nos ajudar a delinear uma paisagem sonora do sertão brasileiro a partir de histórias, causos, contos e cantos. Em contato com os anciãos sertanejos e sertanejas, na população entre 80 e 100 anos de idade, podemos conhecer e desenhar a paisagem sonora do sertão dos anos 1930 até 1950. Atravessaríamos as diferenças que a modernização e as mudanças no sertão refletiram na paisagem sonora daquela época até agora, nos ancorando na tradição oral, em um país cuja memória negra e indígena passam pela oralidade e não pela escrita¹¹⁷, para construir nosso panorama do ponto de audição desse recorte da população. Podemos dizer que esta

¹¹⁶ Dona Isabel em entrevista concedida a Camila Machado no dia 07.10.2017 em Bodocó (PE).

¹¹⁷ Schafer, em *A Afinação do Mundo*, se utiliza da literatura mundial para pontuar a existência de certos sons que com o passar do tempo se perderam.

pesquisa seria inspirada no “Projeto Paisagem Sonora do Mundo”¹¹⁸, de Schafer, que investiga as sonoridades de diferentes épocas, a partir de relatos de moradores de determinadas regiões da Europa e da América do Norte. Essa nossa proposta adentraria em um referencial teórico que não aprofundamos aqui: a “paisagem”, como no conceito ampliado pela geografia, antropologia das sensações e pela acustemologia; e na “memória oral”, voltada para a importância dos sons na sua criação. A pesquisa novamente teria uma forte ligação com a imersão em campo, com o registro das falas e sonoridades recordadas pelos antigos, e se iniciaria com um inventário dos sábios e anciãos de determinadas regiões sertanejas, ainda a se definir. Mesmo identificando as áreas de conhecimento que não aprofundamos no mestrado, devemos seguir com nossas influências da cultura do ouvir, sonosfera e paisagem sonora, aprimorando a crítica e debate dessas noções.

Esta pesquisa não se pretende fechar e terminar, mas podemos dizer que chegamos a algumas conclusões, que foram expostas aqui. Os sons reverberam e vão se perdendo no espaço, e mesmo não sendo mais capazes de escutá-los, ainda estão presentes de alguma maneira, sentidos talvez por algum animal de audição mais aguçada ou pela nossa pele e memória. Não queremos com isso dizer que é uma pesquisa infinita, mas que ela abre possibilidades e que não conseguimos fechar portas, mas abrir janelas. E, quando todos esses sons findarem, virão outros, pois o silêncio existirá como uma escolha, experiência sentimental ou no silêncio que narra, dos Melros de *Palomar*. Portanto, esta página se embranquece, as palavras se esvaem e imaginamos um silêncio depois da escuta proposta nesta dissertação. Um silêncio até que o próximo som nos tire dele, como um canto das sereias, e nos leve para outro caminho, como o uivo do cão à meia noite, empurrando-nos para outra viagem sonora.

¹¹⁸ Projeto realizado nos anos 60 pela equipe de pesquisadores e estudantes de da Simon Fraser University, Canadá, que registrou a paisagem sonora de cidades canadenses e europeias e recolheu relatos sobre a mudança dessa paisagem. Mais informações no *site*: <https://www.sfu.ca/sonic-studio-webdav/WSP/index.html>

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

BARROS, Manoel. **Livro sobre Nada**. São Paulo: Editora Record, 1996.

_____. **Retrato do Artista enquanto Coisa**. São Paulo: Editora Record, 1997.

BERENDT, Joachim E. **Nada Brahma** – a música e o universo da consciência. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.

CAGE, John. **Silence**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1960.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. **Palomar**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CASTRO, Gustavo e FRAVET, Florence. **Comunicação e Poesia** – Itinerários do aberto e da transparência. Brasília: Editora UnB. 2014.

CHION, Michel. **A Audiovisão** – som e imagem no cinema. Lisboa: Editora Texto & Grafia, 2011.

DANTAS, Zé. **Acauã**. Música interpretada por Luiza Gonzaga, 1952.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

EXDELL, Charles. **Violeiro do samba**: Retratos do samba de roda no sertão baiano. Dissertação de Música. UFBA, Bahia, 2017.

FARIAS, Vital. **Saga da Amazônia**. Música interpretada por Vital Farias, Xangai, Elomar e Geraldo Azevedo no disco Cantoria 1, 1984.

FELD, Steven. **Sound and Sentiment**: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression. Durhan & London, Duke University Press, 2012.

GONZAGA, Luiz, RICARDO, Júlio e OLIVEIRA, O. **Ave-Maria Sertaneja**. Música interpretada por Luiz Gonzaga, 1964.

_____. e RAMALHO, Luiz. **Roendo Unha**. Música interpretada por Luiz Gonzaga, 1976.

_____. e DANTAS, Zé. **Samarica Parteira**. Música interpretada por Luiz Gonzaga, 1979.

GAMA, Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama. **A auto-representação fotográfica em favelas: Olhares do Morro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

KITLER, Friedrich A. **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford, California: Stanford University Press: 1999

NOGUEIRA, Erich Soares. **Os Sentidos da Voz: vocalidade em Guimarães Rosa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

PARO, Iana. **Escrever o som: busca pelo espaço sonoro em roteiros audiovisuais**. Dissertação de Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais. ECA-USP, São Paulo, 2016.

REINALDO, Gabriela. **“Uma Cantiga de se Fechar os Olhos...”**: mito e música em Guimarães Rosa. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão** (“Corpo de Baile” - 3ª edição). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.
_____. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

SCHAFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

_____. **A afinação do mundo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **Hacia una educación sonora**. México: Radioeducación, 2006.

SCHINE, Jennifer. **Movement, Memory & The Senes in Soundscapes Studies**. Montreal: site Sensory Studies, 2010. Disponível em: <http://www.sensorystudies.org/>. Acesso em: 18 novembro de 2018.

SILVA, Fredison Aylandro Matos. **O samba de chula dos Filhos da Pitangueira: de manifestação cultural regional a patrimônio imaterial da humanidade**. Dissertação de Mestrado em Cultura e Sociedade. UFBA, Bahia, 2015.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas – Volume I – Bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SPINOLA, Luiza. **Áudio-imagem**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, 2016.

VIBERG, Åke. **The verbs of perception: a typological study**. Artigo in *Linguistics – An Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*, volume 21 (1), 1983.

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, .

FONTES CONSULTADAS

Sertão Sonoro - <https://sertaosonoro.wordpress.com/>

Sons do Grande Sertão - <http://ref.scielo.org/5x6vtg>

SABINO, Pedro. No site <https://ruidagem.wordpress.com/bruitage-lage-du-bruit/>

Vídeo nas Aldeias - <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>

Projeto Vidas Paralelas - <https://www.youtube.com/user/projvidasparalelas>

Pastoral da Juventude Rural - <https://pjrbrasil.org/>

Sertões, sons e imagens – no Facebook: www.facebook.com/sertoessonsimagens/ - seu canal no youtube: www.youtube.com/channel/UC3D3RYqMsLtoMJiAtloiXyg - seu canal no soundcloud: <https://soundcloud.com/sert-es-sons-e-imagens>

Movimento dos Pequenos Agricultores - <https://www.facebook.com/mpacampesinato/>

Sonário do Sertão - <http://sonariodosertao.trotoar.com.br/>

Projeto Sound of Silence - <http://program.pq.cz/en/pq-program/?id=114>

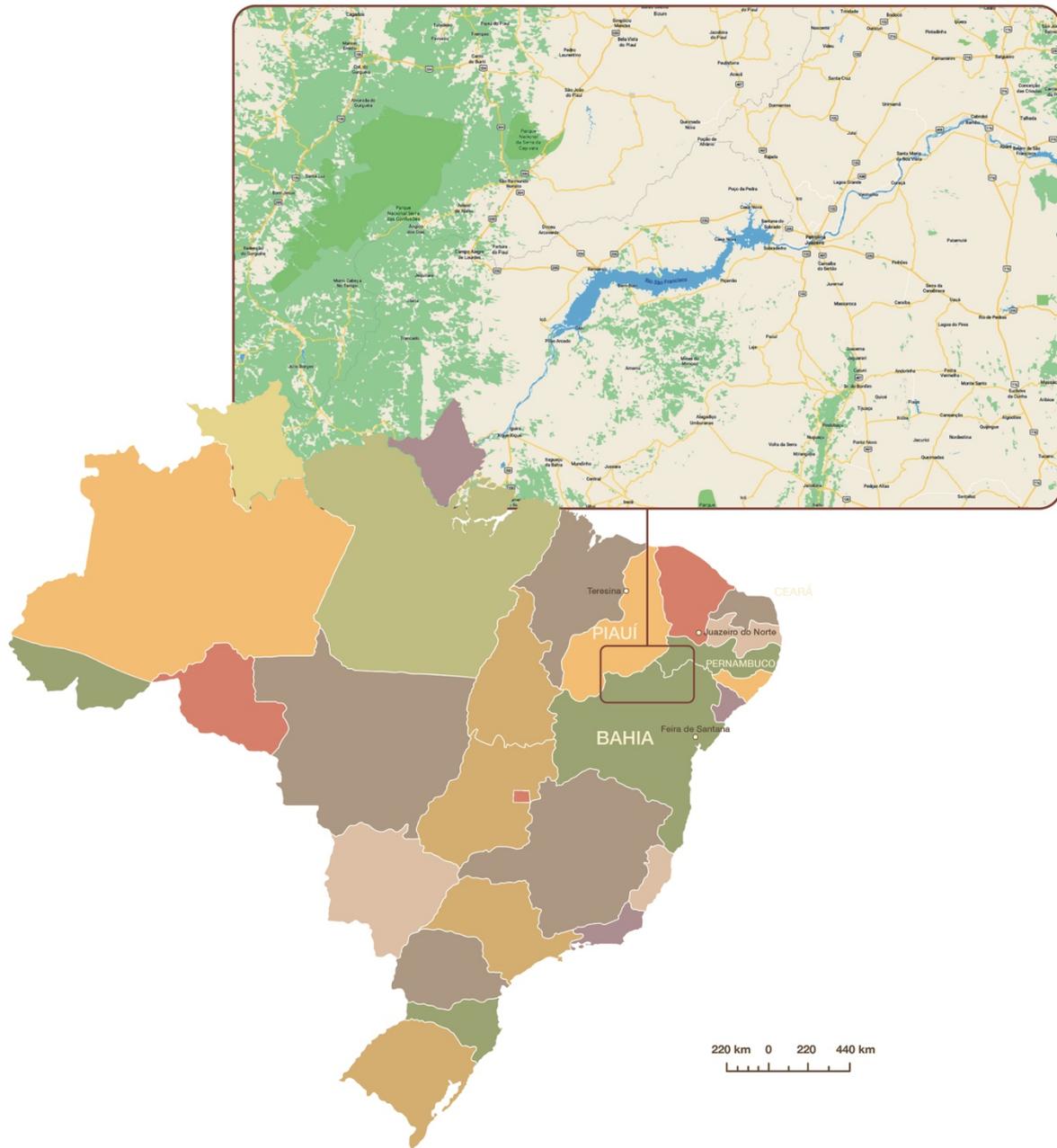
Manual do INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais – disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf

Journal of Sonic Studies - <https://www.researchcatalogue.net/view/558606/558607>

Projeto de Paisagem Sonora Mundial - <https://www.sfu.ca/sonic-studio-webdav/WSP/index.html>

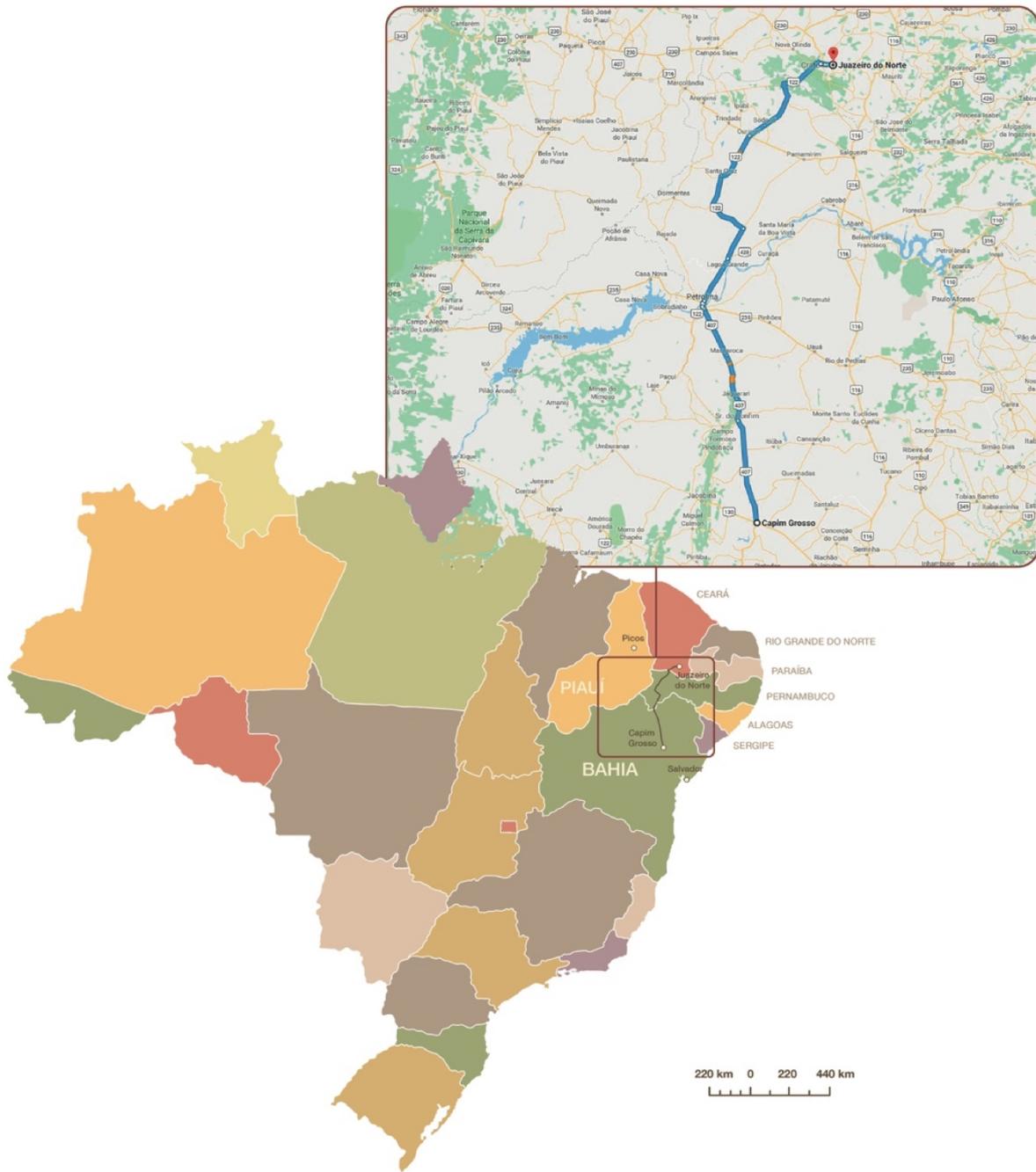
ANEXOS

ANEXO III
MAPA DA BACIA SÃO FRANCISCO – NORDESTE



ANEXO IV

MAPA DO TRAJETO DO SONÁRIO DO SERTÃO



APÊNDICES

Apêndice 1.1- Cotidiano

NOME	DATA	COMUNIDADE	MODO	GRAVADO	MIN	DESCRIÇÃO	Característica sonora
170501_0009S12	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:58	Agricultor apanhando feijão	acusmática seca agudo
170501_0010S12	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:46	Agricultor ralando milho, galo, falas criança	proximidade presença médias freq agudo
170502_0007	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:20	Início peneira – Assobio peneirando	som complexo, início com som contínuo da peneira, agudo. Depois pequenas melodias do assobio, som altura média. Repetitivo reverberado inteiror dia prolongado. Intensidade de média a baixa.
170502_0008	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:19	Assobio peneirando	som complexo, início com som contínuo da peneira, agudo. Depois pequenas melodias do assobio, som altura média. Repetitivo reverberado inteiror dia prolongado. Intensidade de média a baixa.
170502_0009	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:03	Bor Dia - Dona Creuza	intensidade baixa altura média som prolongado em fala INT DIA pouca reverberação
170502_0010	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:26	Batendo e limpando enxada	transiente
170502_0011	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:27	Porco (varios), lavagem , pássaros de fundo	som complexo contínuo repetitivo alterna entre graves (porco) e médias (lavagem) intensidade baixa EXT sem reverberação vários elementos complexos dia
170502_0012	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:13	Chamando o porco	som complexo contínuo repetitivo alterna entre graves (porco) e médias (chamado) intensidade baixa EXT sem reverberação dia
170502_0013	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:16	Ventilador	som motor contínuo prolongado repetitivo interior altura médio grave aproxima seco INT DIA
170502_0014	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:26	Liquidificador fazendo acerola	som motor contínuo prolongado repetitivo interior altura agudo (as vezes) médio grave aproxima seco INT DIA
170502_0015	2-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:29	Forrageira	som motor contínuo prolongado repetitivo interior altura médio grave INT DIA

170502_0017S12	2-5-17	Sipaúba	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:04	Caminhão vendendo abacaxi em Sipaúba, carro passa da esquerda para direita, sons da rua e algumas pessoas falam e caminham.	som complexo contínuo repetitivo alterna entre graves (motor) e médias (falas/músicas) intensidade alterna de alta para baixa EXT sem reverberação dia falas músicas motor
170503_0012S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:20	Lavando louça	som complexo contínuo repetitivo médias intensidade média INT sem reverberação dia
170503_0014S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:29	Colocando água em balde	som complexo contínuo repetitivo médias intensidade média INT sem reverberação dia
170503_0025	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:01	Varrendo terreiro	som complexo contínuo repetitivo alguns transientes medias frequências intensidade baixa alterna proximidade com o mic ST ext. sem reverberação dia
170503_0026	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:25	Moto liga e continua, galo canta, diminui rotação, não desliga	som contínuo repetitivo media-grave intensidade média sem reverberação ext. dia motor
170503_0027	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:54	Agricultor limpando a roça	som contínuo repetitivo média intensidade média sem reverberação ext. dia
170503_0027S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:33	Jogando milho (pouco), varrendo terreiro (fundo), pássaro cabeça vermelha, pintinhos, galinhas e porco	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0028S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:27	Seu Zé dá comida para porco, galinhas, pássaro cabeça vermelha, galo, casaca de couro, bem te vi	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda grave (porco) freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0029S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:00	Seu Zé dá comida para porco mais perto, de fundo: galinhas, pássaro cabeça vermelha, galo	som complexo contínuo e repetitivo. Média e grave freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0030S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:23	Seu Zé dá comida para porco mais perto, de fundo: pássaros. Do meio do arquivo, porco come.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e grave freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0031	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:30	Tirando leite, cachorro, chocalho, falas	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média pra baixa.

170503_0032S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	11:17	Rádio Liberal de manhã, propagandas, forró, sons da casa de longe, médio distância do gravador. 10' liberal informa a hora certa.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave Média e aguda freq. intensidade média e constante (loudness radio). INT DIA. Música radio falas.
170503_0033S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	-	Rádio Liberal de manhã, propagandas, Araripe da Sorte, bom dia locutor, previsões astrais, forró. Mais próximo gravador da radio. 3'50 fala hora 7h. 13' fala hora 7h18. Dia das mães e promoções.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave Média e aguda freq. intensidade média e constante (loudness radio). INT DIA. Música radio falas. Reverberação da própria radio, efeitos.
170503_0020	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:07	Galinhas, chamando galinha, pintinho, fala "agora o povo não tem o que fazer mais não"	som complexo contínuo repetitivo médias intensidade baixa EXT sem reverberação dia
170503_0031S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:05	Interior quarto casa Cici e Zé de Citonho, pessoas amanhecendo, pássaros, galinhas e guiné de fundo	som complexo contínuo e repetitivo. Média e grave freq. intensidade baixa. INT DIA.
Maquin_0010S12	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:38	Máquina de costura	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média para baixa. INT DIA
Nature_0014S12	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:39	Tirando leite da vaca, algumas falas de fundo	Som complexo contínuo e repetitivo.
CANJIC_0001S12	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:45	Dona Cici terminando de fazer canjica, fervendo milho e depois colocando no pote. Toda ação completa.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave e Média freq. intensidade baixa e com picos média. INT DIA. Rever
CASTE1_0001S12	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:55	Dona Cici mexendo a canjica no fogão, galo canta ao fundo.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave e Média freq. intensidade baixa e com picos média. INT DIA. Rever
CASTE1_0003S12	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:08	Dona Cici mexendo a canjica no fogão, galo canta ao fundo. Acelera o movimento, começa a ferver. Sussurra que tá quase pronto.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave e Média freq. intensidade baixa e com picos média. INT DIA. Rever

MANHA1_0004	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:05	Rádio gravado da porta da casa, fala das pessoa e dos sítios, galo canta e fala do cafezinho, 99,5 FM, intervalo comercial	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade baixa e constante (loudness radio). INT DIA.
MANHA1_0005	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	36:10	Rádio gravado pertinho, Liberal FM, intervalo comercial, música antes dos comerciais, 7 da manhã; falas da família de Vani	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média e constante (loudness radio). INT DIA.
RADIO6_0001S12	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:10	Rádio Liberal FM, apresenta a hora da Anunciação da Ave Maria	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média e constante (loudness radio). INT NOITE.
RADIO6_0002S12	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:48	Hora da Anunciação da Ave Maria, apresentação da rádio	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média e constante (loudness radio). INT NOITE.
RADIO7_0001S12	6-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	14:48	Rádio voluntários da pátria: programa Agricultura Familiar em debate (ONG caatinga). Manifestação contra governador Paulo Câmara; direitos dos trabalhadores (1o de maio) e votação da reforma da previdência; Músicas	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média e constante (loudness radio). INT DIA.
RADIO7_0002S12	6-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:46	Rádio voluntários da pátria: programa Agricultura Familiar em debate (ONG caatinga). Sobre Comunicação e povos do semiárido: reforma agrária da comunicação. Amanheceu (Rubinho do Vale)	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade baixa e constante (loudness radio). INT DIA.
REDEoo_0009S12	6-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:12	Rede balançando	som complexo contínuo e repetitivo. Grave e Média freq. intensidade baixa e com picos média. INT DIA. Rever
BASEPA_0086	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:28	Martin conversa, radio de fundo	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média para baixa intensidade
BASEPA_0090	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:38	Martin falando, chega Bernardo	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média para baixa intensidade

VNDIA1_0002	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:57	Casa de Carlito e Albeir, ovelhas, conversas	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade.
VNDIA1_0003	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:51	Chocalho ovelha, falas	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade.
VNDIA1_0005	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:02	Galinhas indo dormir, ovelhas de fundo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
VNDIA1_0006	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:30	Conversas, risos, pintinhos, criança conversa	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade.
VNDIA1_0010	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:49	Licuri com conversas, jegue	som transiente repetitivo alta e média freq. alta intensidade.
ASSEMB_0001	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:17	Água enchendo a caixa d'água do assentamento Terra Nossa, algumas falas no final	Som contínuo com média intensidade para baixa, grave e média frequência
ASSEMB_0002	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:32	Conversas sobre a água ser saloba, continua enchendo e conversas de fundo sobre chuva	Som contínuo com média intensidade para baixa, grave e média frequência
ASSEMB_0003	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:07	Enchendo caixa d'água, outra perspectiva, falas de Martin, cachorro de fundo	Som contínuo com média intensidade para baixa, grave e média frequência
ASSEMB_0005	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:24	Vacas passando, falas, cachorro de fundo, liga motor no final	Som contínuo com baixa intensidade, grave e média frequência
ASSEMB_0006	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:36	Água enchendo com a caixa mais cheia, desliga a mangueira e falas, bolhas, liga o motor	Som contínuo com baixa intensidade, grave e média frequência
ASSEMB_0007	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:15	Água enchendo bem de perto uma caixa um pouco menor, conversas sobre outras caixas, até o fim	Som contínuo com média intensidade para baixa, grave e média frequência
ASSEMB_0009	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:05	Enchendo mais caixas dentro do galpão do acampamento, perspectiva geral, falas, criança brinca: que alegria água.	Som contínuo com média intensidade para baixa, grave e média frequência
ASSEMB_0016	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:55	Galpão do Assentamento Terra Nossa	Som contínuo com média intensidade para baixa, grave e média frequência

170605_0005S12	5-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	6:14	Reunião Associação: motos indo embora, falas ainda sobre a situação do contorno	som complexo contínuo e repetitivo grave e média freq. média para alta intensidade.
170605_0009S12	5-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	03:33	Reunião Associação: motos indo embora	som complexo contínuo e repetitivo grave e média freq. média para alta intensidade.
170605_0014	5-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:02	Jogo do Bahia contra Atlético Goianiense na rádio, falha e Dinei comenta que sempre no melhor falha, ruídos da cozinha	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média intensidade e contínuo.
170605_0015	5-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	13:06	Jogo do Bahia contra Atlético Goianiense na rádio, conversas, ruídos da cozinha	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média para baixa intensidade e contínuo.
170606_0020	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:25	Ambiente amanhecendo, pessoas acordando, pássaros	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0023S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	02:50	Conversando com loro, assobios	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média para alta intensidade.
170607_0024S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	03:04	Pintinhos, galinha, loro, dando de comer pras galinhas	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para baixa intensidade.
170607_0026	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:49	Amanhecer em Várzea Nova, Lindalva fala com Nor, som mecânico de uma casa, Icaty grita, pássaros	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0026S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:08	falas na casa, passarinho	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para baixa intensidade.
170607_0027	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:44	Amanhecer em Várzea Nova, Nor chama burra, som mecânico de uma casa, Icaty grita, pássaros casaca de couro	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0028	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:06	Jegue, cachorros pequenos	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0028S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	02:01	Cachorrinhos latindo, jegue, crianças gritam	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.

170607_0029	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:15	Carlito chamando as ovelhas, passam pelo microfone, relinçam e chocalham, cachorro late	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0029S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	05:54	Carlito chamando as ovelhas, passam pelo microfone, relinçam e chocalham, cachorro late	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0030S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	10:48	Carlito chamando as ovelhas, passam pelo microfone, relinçam e chocalham, cachorro late. Mais distante. Se aproxima. Jegua relincha (ruído na hora), dá comida para galinhas, pintinhos (bem perto).	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0031	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:54	Carlito chamando as ovelhas, relinçam e chocalham, cachorro late	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0031S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	05:29	cachorro late, passos, assobio de Carlito chamando jegue, balança sementes. Mais distante. Chocalho de perto, galinhas	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0032	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:58	ID, Carlito chamando as ovelhas, relinçam e chocalham, cachorro late. Mais distante.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0032S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	02:21	inicia com jegue e cachorro, assobio Carlito, passos	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0033	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	4:50	Ovelhas passam perto do mic, chocalho, assobio Carlito, Jegua relincha	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0033S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	03:56	ovelha berra, movimentação, chocalho, moto	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.

170607_0035	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	9:21	Cachorro, movimentação, chocalho, assobio, pássaro, dá comida pras galinhas	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0035S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	5:26	Carlito chamando as ovelhas, passam pelo microfone, relinçam e chocalham, cachorro late	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0035S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	05:22	chocalho e passos das ovelhas, assobio, galinha, bichos comendo	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0036	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	7:46	Carlito chamando animais, ovelha, jegue, cachorro de fundo, chocalho, bichos comendo, moto	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0036S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:54	Mais distante.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0036S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	06:17	chocalho, Carlito pegando comida, de longe Carlito dando comida	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0037	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	6:16	Carlito pegando comida, passos, de longe Carlito dando comida, chocalho, ovelha	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0037S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	7:59	Se aproxima ovelhas. Jegua relincha, dá comida para galinhas, pintinhos (bem perto).	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0038S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:23	ovelhas, galinhas, Carlito fala	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0038S3	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	03:24	jegue de longe, cachorro	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0039	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	5:57	Carlito pegando comida, galinhas, moto,	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0041S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:01	galinhas, Carlito fala, pintinhos	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
170607_0042S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:07	Carlito fala de longe, cachorro late	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.

170607_0044S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:01	Cavalo andando na carroça	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade.
AEUsU_0001S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	00:58	Ralando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0004S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:05	radio de fundo, passarinho	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0005S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	00:41	radio de fundo, passarinho	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0006S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	00:40	pássaro na gaiola	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0008S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:10	pássaro na gaiola cantando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0009S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	03:16	pássaro na gaiola cantando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0010S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:07	pássaro na gaiola voando, moto de fundo	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
AEUsU_0011S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	03:27	galinha, pintinho, dando milho. comendo bicando muito. cacarejo bom.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade.
AEUsU_0013S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	03:46	rádio forró, loro fala nas pausas	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
OFICI1_0002	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:27	Ralando na cozinha	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade.
OFICI1_0003	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:34	Celular tocando, vozes na cozinha	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. contínua intensidade compressor rádio.
OFICI1_0004	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	-	quebra de licuri, radio no fundo, vozes	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta intensidade
OFICI1_0005	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:14	quebra de licuri, radio no fundo, vozes	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta intensidade
rEUnIA_0008S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	6:04	Motor da água enchendo tanque	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
rEUnIA_0010S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	4:03	dominó, tocam música Despacito no meio, conversas sobre o jogo	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade

VNDIA1_0004	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:24	Dando ração pras ovelhas	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para alta intensidade.
AELsON_0028S12	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	-	sopro em instrumento que parece o berrante ou buzo	som simples e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
AVEMA2_0001	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:30	Rádio na cozinha de Dona Lindalva, falas e panela de pressão	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
AVEMA2_0002	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:20	Rádio na cozinha de Dona Lindalva, falas. Rádio à esquerda, fogão à direita, Lindalva cozinhando	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
AVEMA2_0003	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:55	Rádio na cozinha de Dona Lindalva, fim de um forró e início da Hora do Anjo, Ave Maria Sertaneja inteira. Final entram filhos de Lindalva.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
AVEMA2_0004	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:04	Trator pro Junco, chamam as pessoas, esperam as pessoas	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média para alta intensidade
BABA=4_0012	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	05:07	Baba em várzea nova, perto do bar, gritos de criança, passa caminhão	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para baixa intensidade
BABA=4_0013	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	7:47	Baba em várzea nova, perto do bar, gritos de criança, passa caminhão	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para baixa intensidade
BABA=4_0014	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:19	Baba em várzea nova, perto do bar	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para baixa intensidade
BABA=4_0015	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	03:40	Baba em várzea nova, perto do bar, perto dos jogadores, som das garrafas	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para baixa intensidade
BABA=4_0016	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	02:41	som das garrafas na borda do campo	som complexo contínuo e repetitivo média e alta freq. média para alta intensidade

CELEBR_0001	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficineira	11:27	Dona Lindalva conta história sobre missa e fazer boa ação. Conta sobre igreja e lutas sociais. Começa a viagem de trator para o Junco.	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média para alta intensidade
CELEBR_0002	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficineira	4:41	Conversas no trator a caminho do Junco	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
CELEBR_0003	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficineira	02:18	Mais próximo do motor do trator	som complexo contínuo e repetitivo alta média e baixa freq. média a alta intensidade
CELEBR_0005	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficineira	4:20	Risos durante caminho do motor, conversas, param e depois continuam	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média a baixa intensidade
CELEBR_0010	8-6-17	Junco - BA	MONO - DR44	Oficineira	1:04	Voltando de trator, saindo da cidade, falas sobre vergonha de estar com trator	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média a alta intensidade
CELEBR_0011	8-6-17	Junco - BA	MONO - DR44	Oficineira	3:10	Voltando de trator, saindo da cidade, nós vamos pro sertão, falas com povo da rua	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
CELEBR_0012	8-6-17	Junco - BA	MONO - DR44	Oficineira	1:36	Voltando de trator, saindo da cidade, Érica fala da praça	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
CELEBR_0013	8-6-17	Junco - BA	MONO - DR44	Oficineira	10:38	Voltando de trator, estrada, falas sobre orgulho de estar com trator	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média para alta intensidade nos trancos
mISaoO_0027S12	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	6:00	Batendo enxada	som simples e complexo freq. grave média e aguda alta para baixa intensidade
ABELHA_0001	9-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - DR44	Oficinandos	38:00	Apiário: arquivo longo com todo o cuidado com as abelhas (fumaça nas casas), algumas explicações e conversas, sons detalhes, sons gerais.	som complexo contínuo e repetitivo alta, média e baixa freq. média intensidade
ENSAIO_0009S12	9-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	-	água enchendo balde	som simples contínuo e repetitivo alta média freq. alta intensidade
AELSON_0034S12	12-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:18	Batendo enxada	som simples e complexo freq. grave média e aguda alta para baixa intensidade

AELSON_0035S12	12-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:52	Capinando a terra, moto, falas de fundo	Som complexo freq. grave média e aguda baixa intensidade
AELSON_0037S12	12-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:32	Dona Lindalva varrendo e falando	Som complexo freq. grave média e aguda baixa intensidade
170612_0006	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	11:47	passos, rádio com músicas, galo, falas, jegue, moto, torneira, cachorros latindo, música de fundo, falas da rádio e sons de pássaros na gaiola, tevê	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0007S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:19	galinheiro, galinhas e pintinhos, moto	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
170612_0008S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:23	galinheiro, jegue de fundo, galo, motos	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0009S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	5:11	moto chegando, acelera e vai embora. passos e imitação de cavalo, música no final com moto passando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170613_0018	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:00	varrendo	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
170613_0019	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:17	quebra de licuri	som simples repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
170613_0023S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:16	coando café	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170613_0024	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:02	porcos pintinhos galinha	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
170613_0024S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:10	amolando facão	som complexo contínuo e repetitivo média alta freq. média intensidade

170613_0025S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:14	cortando pau de facão	som simples transiente e repetitivo média freq. alta intensidade
170613_0026S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:11	amolando enxada	som simples transiente e repetitivo média freq. alta intensidade
170613_0027S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:27	capinando com enxada	som simples transiente e repetitivo média freq. alta intensidade
170613_0028S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:54	cortando com a foice, ambiente de fundo Guiné e moto	som simples transiente e repetitivo média freq. alta intensidade
170613_0042S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:50	falas, pássaros, quebra de licuri	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
170613_0043S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:59	galinhas batendo asas, pintinhos, batidas de enxada	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
170613_0051S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:31	Amassando alho	som simples transiente e repetitivo média freq. alta intensidade
170613_0052S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:22	crianças em sala de aula	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
170613_0053S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:26	panela de pressão até quase sair a pressão	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170613_0014S3 / 170613_0014S4	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L – DR44 / R - DR44	Oficineira	2:50	Perto do galinheiro, motos, amanhecendo. Passa carroça e fala bom dia.	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
170614_0022S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:26	ônibus escolar saindo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
170614_0023S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:41	cortando com machado em interior	som simples transiente e repetitivo média freq. alta intensidade
170614_0025S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:13	ônibus chega na escola, crianças falam e gritam, brincam	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
170614_0026	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:04	ói o pão	som complexo média freq. média intensidade
170614_0029	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:38	crianças brincando, gritando	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade

170614_0030	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:30	pilando alho	som simples transiente e repetitivo média freq. baixa intensidade
170614_0054S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:57	rádio programa Espaço Livre, fala a data e apresenta entrevistados	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade com compressor
palMaS_0002S3	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	0:19	cavalo passa pelo gravador	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa e média intensidade
PAO 1_0002S3	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44	Oficineira	4:00	chega moto do pão, buzina, embala pão, conversam. moto vai embora, jegue no final	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa e média intensidade
PAO 1_0002S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	R - DR44	Oficineira	4:00	chega moto do pão, buzina, embala pão, conversam. moto vai embora, jegue no final	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa e média intensidade
gerAl_0008S3 / gerAl_0008S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	3:41	Perto da janela de Dona Luiza, muitas galinhas, ela abre a janela e dá comida	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa e média intensidade
gerAl_0010S3 / gerAl_0010S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	1:48	Manhã espera da moto do pão, galinhas e pintinhos mais distante, comida aos bichos	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
gerAl_0006S3 / gerAl_0006S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	1:13	Galos cantam, moto passa	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
DOM_BODOCT10	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	1:02	Terreiro da casa, assobio para peru cantar, asas de galinhas	som transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
DOM_BODOCT11	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	0:08	Barulho para Peru cantar e canto - um só	som transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
DOM_BODOCT6	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	2:40	Terreiro da casa, pessoal cozinhando, guiné, pássaros, galinha, assobio para peru cantar	som transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
DOM_BODOCT7	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	1:11	Terreiro da casa, assobio para peru cantar, asas de galinhas	som transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
DOM_BODOCT9	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	0:58	Perus soltos, cantam, pintinhos	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
ABOIO2_0001S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	1:49	Pastorando ovelhas, sininho do pescoço, passos	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade

ABOIO2_0002S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	1:31	Ovelhas caminham e tocam sininho, galo de fundo, máquina trabalhando	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
ABOIO2_0003S12	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:36	Ovelhas caminham e tocam sininho mais próximas, comem, inseto passa	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
ABOIO2_0003S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	3:36	Ovelhas caminham e tocam sininho mais próximas, comem, inseto passa	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
ABOIO2_0004S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	2:29	Vacas no campo, chocalho e passos, batendo na cerca e falas de fundo. Passa moto	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
ABOIO2_0005S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	3:03	Mais próximo das Vacas e trabalhadores de costas pro mic. Chocalho, passos e mastigar. No final passa um carro e golpes na madeira.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
ABOIO2_0006S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	2:14	Golpes de madeira, concerto da cerca. Primeiros mais fortes, depois mais distante	som transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta intensidade
ABOIO2_0007S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	0:42	Golpes de madeira, moto de fundo, falas	som transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta intensidade
ABOIO2_0008S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	5:10	Carro de boi de cima, falas de Mitô com bois. Variação de direção de mic, ora nas rodas ora na fala	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
ABOIO2_0009S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	1:29	Carro de boi, falas de Mitô com bois. Se afastando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
ABOIO2_0010S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	1:12	Carro de boi, falas de Mitô com bois. Se aproximando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
ABOIO2_0014S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	0:53	Perus soltos, rádio de fundo, guinés, falas Gabriel	som complexo contínuo média e grave freq. alta intensidade
ABOIO2_0015S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	2:33	Perus soltos, assobio	som complexo contínuo média e grave freq. alta intensidade
ABOIO2_0016S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	4:01	Galinhas indo dormir, falas do Gabriel. No início tranquilas mas vão ficando desesperadas, cacarejos, asas	som complexo contínuo média freq. alta e média intensidade

ROCA_1_0001S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	1:36	Homens trabalham na roça, enxada e conversam sobre trabalho	som complexo contínuo transientes e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
ROCA_1_0004S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:09	Caneco no camburão	som semi transiente alta e média e baixa freq. média intensidade
ROCA_1_0006S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:08	Caneco no camburão, batendo enxada de fundo	som semi transiente alta e média e baixa freq. média intensidade
ANDU_1_0001S3	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:30	Descascando Andu	som transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
ANDU_1_0003S3	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	1:38	Descascando Andu, ação completa	som transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SeMenT_0007S3	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:27	semente caindo no depósito - cilo	som monótono contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
SeMenT_0008S3	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:10	semente caindo no depósito - cilo	som monótono contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
NOITE_BODT13	20-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	2:32	Conversa seu Zé sobre vacas, casaca de couro	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
T7	20-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	0:35	Seu Zé dando comida pras galinhas, guiné canta, manhã cedo	som complexo transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOITE_BODT12	20-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	2:14	Amanhecendo, pintinhos, seu zé conversando à esquerda, galo canta ao fundo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
Setapa_0060S12	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	6:56	construção casa	som complexo contínuo, transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0060S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	6:56	construção casa	som complexo contínuo, transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0062S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:56	construção, batidas	som complexo e também transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0063S12	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	12:10	trabalho construção moradia camponesa	som complexo e também transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0063S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	12:10	construção casa moradia popular	som complexo e também transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

Setapa_0064S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:00	falas sobre agricultura, capina	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
Setapa_0068S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	18:45	poesia dentro da casa em construção, conversa sobre gravação, volta a trabalhar, assovia e canta.	som complexo e transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0069S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:56	Assobio, capinando, rádio de fundo (MP3 no bolso): versão "pisadinha" para "Kkilling me softly" e "Eu quero você como eu quero"	som complexo e transiente contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média e baixa intensidade
Setapa_0073S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	7:22	Carroça começa a andar com jegue, roda de pneu e passos do jegue, sino/chocalho. Carroça para	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0074S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	7:49	Comunicação com jegue, recomeça a andar, mais fluida e menos passos do animal, para e desce. Abre uma porta de madeira, tira mandioca da carroça.	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0076S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:07	Coloca a mandioca em outro espaço	som transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Setapa_0077S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	9:38	Subida na carroça, início de caminho, som comunicação com jegue. Pausa para abrir cerca, sons com jegue, passa moto. Jegue rincha no final. Para	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
Machad_0001S12	26-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:32	afiando machado, som de galinha abafado	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média intensidade
Machad_0001S3	26-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	3:32	afiando machado	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
Machad_0003S3	26-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:27	capinando	som transiente contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
Machad_0004S3	26-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	4:55	capinando	som transiente contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
Machad_0006S3	26-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:01	golpes de machado	som transiente contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade

CASAFARINT2	27-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira/Oficinandos	11:19	Máquina de cevar liga, Casa de farinha, motor funciona, som de cevando mandioca, corta antes de desligar	som complexo transiente circular contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CASAFARINT3	27-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira/Oficinandos	2:03	Motor da máquina de cevar na casa de farinha	som complexo transiente circular contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CASAFARINT4	27-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira/Oficinandos	2:13	Motor da máquina de cevar na casa de farinha até desligar	som complexo transiente circular contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
APITOO_0031S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:46	Casa de farinha, motor começa a funcionar até quase desligar, corta antes de desligar	som complexo transiente circular contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
APITOO_0032S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:24	Casa de farinha, motor funciona	som complexo transiente circular contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
APITOO_0033S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	16:31	Casa de farinha, motor funciona, som de cevando mandioca até desligar motor	som complexo transiente circular contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
APITOO_0035S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:55	conversas na casa de farinha	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
APITOO_0037S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:47	conversas na casa de farinha, trabalhando na mandioca, coando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
APITOO_0037S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	3:47	conversas na casa de farinha, trabalhando na mandioca, coando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
APITOO_0038S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:17	conversas na casa de farinha, trabalhando na mandioca, coando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
APITOO_0038S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	3:17	conversas na casa de farinha, trabalhando na mandioca, coando	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
COZINH_0015S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	15:29	Cozinha, conversas, crianças, madeira queimando, mexendo em panela e plástico. Batendo alho, ralando legume.	som complexo contínuo transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
COZINH_0016S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	9:19	Cozinha, criança, panelas, madeira queimando, pilando, cozinhando,. Lavando a louça no início	som complexo contínuo transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

COZINH_0017S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	8:08	Cozinha, criança, panelas, madeira queimando, pilando, cozinhando, cortando, falas.	som complexo contínuo transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
COZINH_0018S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	11:31	caminhando até casa, construção. Carlito chega e começa a conversar. Sai da casa e entra na carroça.	som complexo contínuo circular e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
COZINH_0019S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:43	carroça de cima	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
COZINH_0019S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:43	carroça de cima	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
COZINH_0020S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	9:33	carroça de cima, sons para jegue, ruído roda, para, abre a porteira, segue.	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
COZINH_0020S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	9:33	carroça de cima, sons para jegue, ruído roda, para, abre a porteira, segue.	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
COZINH_0021S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	7:23	coloca mandioca encima da carroça.	som complexo contínuo repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
COZINH_0021S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	7:23	coloca mandioca encima da carroça.	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
COZINH_0024S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	5:15	raspando mandioca, conversas aleatórias	Transiente som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
COZINH_0024S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:15	raspando mandioca, conversas aleatórias	som complexo transiente contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
COZINH_0025S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	8:06	conversa e raspa de mandioca na casa de farinha	Transiente som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
COZINH_0025S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	8:06	conversa e raspa de mandioca na casa de farinha	som complexo contínuo e repetitivo alguns transientes alta e média freq. baixa e média intensidade
COZINH_0027S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	5:00	raspando mandioca na casa de farinha, conversas e comentários sobre a mandioca	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
COZINH_0027S3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:00	raspando mandioca na casa de farinha, conversas e comentários sobre a mandioca	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
FARINH_0001S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	8:26	Máquina que ceva a mandioca eletricamente. desliga	Som monótono contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade

FARINH_0003S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:54	lavando mandioca	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
FARINH_0004S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:45	raspando mandioca, conversas	som complexo mais transiente e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
FARINH_0006S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:37	motor de separar a mandioca	som complexo contínuo circular e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
FARINH_0007S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:31	máquina que aperta massa, som de água e vozes	som complexo contínuo circular e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
FARINH_0009S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:26	máquina que aperta massa, som de água e vozes	som complexo contínuo circular e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
FARINH_0011S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:12	Crianças brincam	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T1	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	6:11	Casa de farinha mecanizada. Colocando mandiocas no rolo de girar. Conversas. Liga o rolo para lavar mandioca	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T10	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	0:56	Casa de farinha mecanizada. Colocando no forno	som complexo contínuo circular média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T2	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	3:43	Casa de farinha mecanizada. mandioca mexendo dentro da máquina, até desligar. Mais perto	som complexo contínuo circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T3	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	4:15	Casa de farinha mecanizada. mandioca dentro das caixas	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T4	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	4:31	Casa de farinha mecanizada. Coloca mandioca para cevar.	som complexo contínuo monótono circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T5	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	2:05	Casa de farinha mecanizada. Cevando, mais de longe MIC	som complexo contínuo monótono circular e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T6	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	3:01	Casa de farinha mecanizada. Cevando, close entrada da mandioca	som complexo contínuo repetitivo circular e transientes média e baixa freq. alta e média intensidade

FARINHA2T7	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	3:25	Casa de farinha mecanizada. Cevando até desligar a máquina	som complexo contínuo repetitivo circular e transientes média e baixa freq. alta e média intensidade
FARINHA2T8	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	2:30	Casa de farinha mecanizada. Tirando mandioca da prensa e colocando pra cevar	som complexo contínuo circular média e baixa freq. média intensidade
FARINHA2T9	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	4:32	Casa de farinha mecanizada. Torra da mandioca. Conversa sobre a prensa, a tapioca, a massa	som complexo contínuo circular média e baixa freq. média intensidade
pesqui_0004S12	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	3:18	casa de farinha, motor de fundo, fala sobre tapioca	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
MUTIRAOT12	1-10-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	3:15	Gritos com a vizinha sobre cachorro	som complexo contínuo gritado média e baixa freq. média intensidade
MUTIRAOT13	1-10-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	2:34	Passarinho na gaiola embaixo da árvores, falas	som complexo contínuo média e baixa freq. baixa intensidade
BOMRETIROT1	6-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	5:00	Terreiro de Dona Alaíde, ovelhas berram, pessoas conversam	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
ALAIDET4	7-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	0:43	Indo com Dona Alaíde na horta, fala dos porcos	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
ALAIDET5	7-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	8:55	Dona Alaíde apresenta as plantas que tem na sua horta de cima e de baixo. Guinés começam a cantar alto, fecha trinco e fala de chuva.	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
ALAIDET6	7-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	1:09	Guinés indo dormir, conversa com Dona Alaíde sobre Guinés.	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
POLPAT2	7-10-17	Sítio Serra Nova - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	6:05	Interior da fábrica de polpa: associação	som complexo contínuo repetitivo motor média e baixa freq. média intensidade
MANHACT7	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	14:09	Pegando o porco que fugiu. sequência longa, perus cantam. Três pessoas tentando pegar. Vozes. Refazendo cercado.	som complexo contínuo transiente média e baixa freq. baixa intensidade

MERCADOT1	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	5:07	Feira em Bodocó: falas conversa e promoções, Vani compra com a mãe para Renovação. Gritos. Sacolas e moto. Piadas no final	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
MERCADOT2	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	2:53	Feira em Bodocó: falas conversa e promoções, rapaz com megafone, falam de ser gravados	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
MERCADOT4	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	2:49	Feira em Bodocó: falas conversa e promoções, converso também	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
MERCADOT5	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	5:15	Feira em Bodocó: falas conversa e promoções, homem do megafone e piadas. no final fala sobre globo	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
MERCADOT6	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	2:30	Feira em Bodocó: falas conversa e promoções, sobre sair na televisão.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
MERCADOT7	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	1:37	Feira em Bodocó: ralando especiarias, falo	som complexo contínuo motor alta média e baixa freq. alta e média intensidade
MERCADOT9	9-10-17	Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	1:52	Feira em Bodocó: interior parte de carnes gravando e caminhando	som complexo contínuo motor reverberação alta média e baixa freq. média intensidade

Apêndice 1.2 – Festas e Tradição

NOME	DATA	COMUNIDADE	MODO	GRAVADO	MIN	DESCRIÇÃO	Característica sonora
NOVENA_0001S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:32	Burburinho e passagem de som na Novena de Nossa Senhora (toca Ave Maria) em Salviano	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0002S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	04:02	Ainda passagem de som, fogos, senhores conversando. Bem de frente à caixa. Passando som.	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra e fogos. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0003S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	13:18	"Alo som Jesus", fala programação, data e participantes. Palmas. Cantam e tocam. Explica a celebração. Música. Ave maria sem microfonação só violão. Burburinho.	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra, palmas e fogos. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0004S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:00	Oração, burburinho, leitura dos apóstolos, moto no final. em Salviano	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra, palmas e fogos. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0005S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	03:58	Canção para Maria, Celebração. Crianças brincam no fundo. Palmas. Mês de Maio de Maria, pergunta pro público. Passam motos. em Salviano	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra, palmas. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0006S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	05:39	Pessoas respondem . Mandamento de Jesus. Crianças falam perto do mic, riem. Burburinho de fundo.	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra, palmas. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0007S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	03:23	Comungar espiritualmente, música, burburinho em Salviano	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos alta da guitarra, palmas. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0008S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	00:36	Pai Nosso, oração da Paz em Salviano	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos microfone. EXT NOITE. amplificador
NOVENA_0009S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:17	Paz de Cristo, Música em Salviano	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos microfone. EXT NOITE. amplificador

NOVENA_0010S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	03:56	Burburinho mais de longe, Música.	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade média e com picos microfone. EXT NOITE. Amplificador
NOVENA_0011S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	04:39	Celebração ao fundo, próximo da lagoa (sapos), crianças brincando, moto passa, agradecimentos da celebração	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e média no microfone. EXT NOITE. Amplificador
NOVENA_0012S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:12	Celebração ao fundo, próximo pessoas falando, crianças gritam, moto passa, parabenizam	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e média no microfone. EXT NOITE. Amplificador
NOVENA_0013S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	08:16	Viva Nossa Senhora de Fátima, palmas, fogos vários. Fim da celebração, últimas músicas, burburinho final	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e alta no fogo. EXT NOITE. Amplificador
NOVENA_0015S12	5-5-17	Salviano - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:04	Burburinho depois da novena, conversam sobre forrobodó	som complexo variado e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e alta no fogo. EXT NOITE. Amplificador
STOANT_0001	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:04	Falas na festa de Santo Antônio sobre as comidas	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para alta intensidade. Microfone som da festa
STOANT_0002	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:41	Falas na festa de Santo Antônio sobre o bingo	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para alta intensidade. Microfone som da festa
STOANT_0003	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:46	Passando o som do forró na Festa de Santo Antônio, falas sobre contratar banda, falas de pessoas na festa, início do forró	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para alta intensidade. Microfone som da festa
STOANT_0004	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	11:34	Para música e pessoas comentam, continua forró, problemas técnicos. Termina música e locutor fala das comidas.	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para alta intensidade. Microfone som da festa
STOANT_0005	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:38	Mais perto das pessoas dançando e falando, forró de fundo, palmas, gritos e risos	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação da banda abafado
STOANT_0006	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:07	Forró tocando com vocalista, locutor fala sobre não derrubar as palhas: comissão organizadora da igreja	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação da banda mais presente
STOANT_0007	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:42	Forró de Santo Antônio mais de longe	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação da banda mais abafada de longe

STOANT_0008	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:01	Duelo de paredão nos carros da praça do Junco	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação nos carros
STOANT_0009	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:24	Festa de Paredão no Junco	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação no paredão abafada
STOANT_0010	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	5:15	Festa de Paredão no Junco	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação no paredão início claro e depois abafada (varia)
STOANT_0011	3-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	6:05	Festa de Paredão no Junco	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média para baixa intensidade. Microfonação no paredão início claro e depois abafada (varia)
CELEBR_0007	8-6-17	Junco - BA	MONO - DR44	Oficineira	4:41	Final da Celebração	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média a alta intensidade rachados de gravação e pops de microfone
CELEBR_0008	8-6-17	Junco - BA	MONO - DR44	Oficineira	6:16	Burburinho na porta da igreja, perto das barraquinhas de comida, pedindo comida	som complexo contínuo e repetitivo média grave freq. média a alta intensidade um ou outro rito
fUTibO_0023S12	8-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:59	Celebração Dona Mira	som complexo contínuo e repetitivo média e grave freq. média a alta intensidade rachados de gravação e pops de microfone
mISaoO_0024S12	8-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:36	Celebração Viva santo Antônio e Vivas as comunidades	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média a alta intensidade rachados de gravação e pops de microfone
mISaoO_0025S12	8-6-17	Junco - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:27	Burburinho na porta da igreja	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
170612_0011S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:10	Foguete próximo à Santo Antônio	som único média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0013S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	14:58	Reza do espírito santo, falas de fundo, tosse, fogos no meio. Reza do pai nosso, ave maria. Conversas sobre rezas.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0014S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	-	posicionando gravador. burburinho	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
170612_0015S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:57	Discutem sobre ladainhas que rezar.	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade

170612_0016S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	6:26	Reza Salve Rainha, Maria concebida sem pecado. Conversas no final. Cortou no início de glorioso.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0017S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:39	Reza Glorioso Santo Antônio. Fogos.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0018S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:28	Continua Reza Glorioso Santo Antônio. Fogos. conversas no final	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0019S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:25	Reza Santo Antônio (2), criança conversa,	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170612_0020S12	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:34	Criançada de fora da reza, brincando	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
Gravações de áudio20170612204043	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO	Oficineira	1:31	Reza senhor Deus tenha misericórdia	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
Gravações de áudio20170612202630	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO	Oficineira	0:24	crianças falam verso da lua	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
Gravações de áudio20170612202702	12-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO	Oficineira	3:37	crianças cantam verso SEREIA	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
170613_0009	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	13:05	Aboio de Manuelito que fala da Várzea Queimada e história do trabalho na roça	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
170613_0012	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	10:07	Aboio de Manuelito que fala que "as coisas boas do mundo acabou"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
170613_0012S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	12:16	Aboio de Manuelito que fala da Várzea Queimada e história do trabalho na roça	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
170613_0013S3	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	10:12	Aboio de Manuelito que fala que as coisas boas do mundo acabou	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
170613_0019S3	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	12:42	Aboio de Manuelito que fala da Várzea Queimada e história do trabalho na roça	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
170613_0021S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	10:17	Aboio de Manuelito que fala que as coisas boas do mundo acabou	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
gerAl_0002S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:16	Banda de pífanos toca uma música, Presidente da Cidade. Claque de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
gerAl_0002S3 / gerAl_0002S4	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	2:16	Banda de pífanos toca uma música, Presidente da Cidade. Claque de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

gerAl_0003S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:42	Banda de pifanos toca uma música, para no meio por conta da moto e retomam, Cosme e Damião. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
gerAl_0003S3 / gerAl_0003S4	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	2:42	Banda de pifanos toca uma música, para no meio por conta da moto e retomam, Cosme e Damião. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
gerAl_0004S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	13:07	Banda de pifanos toca 6 músicas, no meio se ajeitam, param por conta do carro e depois por moto,	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
gerAl_0004S3 / gerAl_0004S4	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	13:07	Banda de pifanos toca 6 músicas, no meio se ajeitam, param por conta do carro e depois por moto,	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
PECUSA_0001S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:19	Banda de pifanos toca uma música, Presidente da Cidade. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
PECUSA_0001S34	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:19	Banda de pifanos toca uma música, Presidente da Cidade. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
PECUSA_0002S12	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	16:05	Banda de pifanos toca 7 músicas sem cortar do arquivo anterior, no meio se ajeitam, param por conta do carro e depois por moto,	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
PECUSA_0002S34	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	16:05	Banda de pifanos toca 7 músicas sem cortar do arquivo anterior, no meio se ajeitam, param por conta do carro e depois por moto,	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
pifaNO_0001S3	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:47	Banda de pifanos toca uma música, Presidente da Cidade. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
pifaNO_0001S4	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:47	Banda de pifanos toca uma música, Presidente da Cidade. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
pifaNO_0002S3	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:50	Banda de pifanos toca uma música, para no meio por conta da moto e retomam, Cosme e Damião. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
pifaNO_0002S4	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:50	Banda de pifanos toca uma música, para no meio por conta da moto e retomam, Cosme e Damião. Claquete de início.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

pifaNO_0003S3	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	13:11	Banda de pifanos toca 6 músicas, no meio se ajeitam, param por conta do carro e depois por moto	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
pifaNO_0003S4	14-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	13:11	Banda de pifanos toca 6 músicas, no meio se ajeitam, param por conta do carro e depois por moto	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
LICURI_0048S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	25:10	Niel da pisadinha	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
LICURI_0049S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	18:09	Niel da pisadinha	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
LICURI_0050S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	12:35	Sambadoras tocam várias músicas	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAA_0005	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	19:20	Sambadoras começam a tocar	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
sambAO_0001S3	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	19:01	Sambadoras começam a tocar	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
sambAO_0001S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	MONO - DR44	Oficinandos	19:01	Sambadoras começam a tocar	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
PedraC_0006S12	21-7-17	Pedra do Claranã - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:08	Tocam música	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
PedraC_0008S12	21-7-17	Pedra do Claranã - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:33	Tocam música	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
RENOVACAOT2	21-7-17	Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	50:14	Celebração da Renovação com seu Xaxá. Fala sobre gravação que tem no goiás. Canta/reza. Pergunta se Neta quer mais até terminar com o Pai nosso e Ave maria. Termina com Senhora Santa Luzia, mais próximo.	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
RENOVACAOT4	21-7-17	Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	0:39	Dona Neta chama as pessoas para tomar café	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
RENOVACAOT6	21-7-17	Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	3:55	Pessoas lanchando, falas de criança, passos	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
SAMBA!_0005S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	1:11	Ô de casa ô de fora. Entram na casa. Burburinho.	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

SAMBA!_0005S3 / SAMBA!_0005S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	1:11	Ô de casa ô de fora. Entram na casa. Burburinho.	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0006S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	20:15	sambas	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0006S3 / SAMBA!_0006S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	20:15	sambas	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0007S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	2:45	Piegas, gritos	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0007S3 / SAMBA!_0007S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	2:45	Piegas, gritos	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0008S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	25:36	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0008S3 / SAMBA!_0008S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	25:36	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0009S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	26:56	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0009S3 / SAMBA!_0009S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	26:56	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0010S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	20:21	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0010S3 / SAMBA!_0010S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	20:21	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0011S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	8:32	Batuque e piegas	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0012S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	12:56	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

SAMBA!_0012S3 / SAMBA!_0012S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	12:56	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0013S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	23:34	Chula. Piegas	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0013S3 / SAMBA!_0013S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	23:34	Chula. Piegas	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0015S12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	12:13	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBA!_0015S3 / SAMBA!_0015S4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MULT - DR44	Oficineira/Oficinandos	12:13	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT1	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	20:40	Início do Samba, afinando instrumentos. Raul pede menos zoada. Entram na casa. Burburinho final	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT10	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	4:41	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT12	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	2:08	fim do samba de manhã. chegando perto, amanhecendo casa de couro , burburinho	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
SAMBAT14	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	12:28	despedindo e cantando as últimas chulas	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
SAMBAT15	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	12:20	terminam de tocar. conversa, mostra a cachaça pra nós.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
SAMBAT16	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	5:50	terminam de cantar	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
SAMBAT2	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	12:15	burburinho. Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

SAMBAT3	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	-	entre partes da música	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT4	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	7:03	Batuque e piegas	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT5	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	25:41	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT6	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	1:06	reclamações sobre o samba	som complexo contínuo murmurado e repetitivo média freq. baixa intensidade
SAMBAT7	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	23:30	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
SAMBAT8	28-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	DUAL - 744T	Oficineira/Oficinandos	11:31	Chula	som complexo transiente e ritmado contínuo variado e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
LENAT4	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	22:06	Buscando plantas com Dona Lena e fazendo uma reza para vento caído e mal olhado	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média intensidade
LENAT5	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	6:18	Fala de mais plantas e que nunca foi com os filhos pro hospital, sobre fé	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRUT1	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficinando	11:15	Fogos no início. Preparação de Cariru. Falas sobre como armar a mesa. Crianças conversam. Chama o pessoal pra dentro.	som complexo contínuo transiente média e baixa freq. alta e baixa intensidade
CARIRUT2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficinando	21:09	Preparação de Cariru: burburinho. Busca de crianças que sejam batizadas. Busca de pandeiro e combinação de canto.	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
CARIRUT3	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficinando	36:24	Início do Cariru: Viva Cosme Damião! Cantam várias músicas. Entre uma música e outra burburinho. Crianças gritam.	som complexo contínuo cíclico transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU_0002S1 / CARIRU_0002S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	4:15	Preparando Cariru: burburinho fora da casa e depois dona da casa chama para entrar e entro junto	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CARIRU_0004S1 / CARIRU_0004S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	2:14	Preparando Cariru: burburinho perto da mesa. Crianças comentam que vão comer no chão.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade

CARIRU_0005S1 / CARIRU_0005S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	3:25	Preparando Cariru: burburinho, preparando mesa, colocando copos etc.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CARIRU_0007S1 / CARIRU_0007S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	0:42	"Todo mundo vai comer" . Crianças falam e tosse.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CARIRU_0008S1 / CARIRU_0008S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	3:54	Preparando Cariru: perto das crianças brincando e perto da cozinha. Quem bateu em quem.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CARIRU_0010S1 / CARIRU_0010S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	3:02	Preparando Cariru: burburinho, crianças chorando porque não podem participar, discussão sobre batismo	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
CARIRU_0011S1 / CARIRU_0011S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	3:58	Preparando Cariru: se vestindo e conversa sobre menino batizado	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
CARIRU_0014S1 / CARIRU_0014S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	5:40	Preparando Cariru: se tiver água benta, busca por água benta. Busca por criança batizada, comentários. Colocam as crianças na mesa.	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
CARIRU_0015S1 / CARIRU_0015S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	3:53	Preparando Cariru: Busca por criança batizada, comentários. Colocam as crianças na mesa. Tira o chinelo. Busca de pandeiro e combinação de canto.	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
CARIRU_0017S1 / CARIRU_0017S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	36:27	Início do Cariru: Viva Cosme Damião! Cantam várias músicas. Entre uma música e outra burburinho. Crianças gritam.	som complexo contínuo cíclico transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU_0018S1 / CARIRU_0018S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	9:28	burburinho fora de casa depois do Cariru. crianças falam perto do mic.	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU_0019S1 / CARIRU_0019S2	29-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficineira	5:00	Fila de comida do Cariru	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRO_0001S1 / CARIRO_0001S2	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficinandos	55:02	Cariru: novena de Cosme e Damião	som complexo contínuo repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRO_0002S1 / CARIRO_0002S2	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficinandos	0:08	fogos	som transiente simples repetitivo média freq. alta intensidade
CARIRO_0003S1 / CARIRO_0003S2	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DR-44	Oficinandos	7:25	burburinho fora da novena	som complexo contínuo transiente média e baixa freq. alta e média intensidade

CARIRU2T11	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	7:28	Preparação do Cariru: lavando o frango e conversas. no final todas bebem catuaba	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T14	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	2:17	Preparação do Cariru: servindo bebidas, limpando frango e cortando. conversas sobre dar ou não dar Cariru.	som complexo contínuo e transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T15	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira + Oficinando	3:33	Preparação do Cariru: cortando frango mais de longe. conversas	som complexo contínuo e transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T16	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	1:42	Preparação do Cariru: cortando frango. conversas	som complexo contínuo e transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T17	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	2:59	Preparação do Cariru: preparação da matança dentro da capela	som complexo contínuo e transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T18	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	1:26	Preparação do Cariru: testando tambor	som complexo contínuo e transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T19	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	21:57	Preparação do Cariru: preparação da matança dentro da capela. início do toque. rodou direto até o final.	som complexo contínuo e transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T21	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	6:09	Cariru: se ajeitando na mesa, conversas	som complexo contínuo media e baixa freq. media intensidade
CARIRU2T22	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	0:10	Cariru: 5 batidas no tambor	som único transiente alta e media e baixa freq. alta e media intensidade
CARIRU2T23	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	35:51	Cariru: começam rezando pai nosso, reza para Cosme e Damião. começam a tocar. crianças gritam, várias músicas de Cosme e Damião	som complexo contínuo com toques transientes alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T24	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	0:02	Cariru: toque segue sem os cantos.	som complexo contínuo transiente média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T26	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficinandos	1:02	Cariru: novena de Cosme e Damião	som complexo contínuo repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T27	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	17:14	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T28	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	19:41	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

CARIRU2T3	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	12:51	Preparação do Cariru: matando 10 frangos para o jantar, faca cega, frango grita. Comentários sobre frango vivo. Crianças brincam. Grita sobre água fervendo.	som complexo contínuo alterna transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T30	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	0:54	Cariru: aquecendo instrumentos, preparando, início de canto	som transiente contínuo e repetitivo alta e média freq. alta e média intensidade
CARIRU2T31	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	9:15	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T32	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	0:44	Cariru: fim toque burburinho	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T33	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	5:09	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T34	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	5:38	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T35	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	7:15	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T36	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	10:19	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T37	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	1:45	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T38	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	15:01	Cariru: atabaque e cantos de Cariru. samba	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
CARIRU2T6	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	14:30	Crianças cantam versinhos	som complexo contínuo média freq. alta e média intensidade
CARIRU2T7	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	7:35	Crianças cantam versinhos	som complexo transiente contínuo média freq. alta e média intensidade
CARIRU2T8	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira/outra pessoa	1:09	Crianças cantam versinhos	som complexo transiente contínuo média freq. alta e média intensidade
CARIRU2T9	30-9-17	Várzea Queimada - Caém - BA	DUAL - 744T	Oficineira	11:20	Preparação do Cariru: depenando frango, conversas	som complexo contínuo alterna transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
DIJITORIOT10	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:30	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade

DIJITORIOT11	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	25:18	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
DIJITORIOT12	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:48	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
DIJITORIOT4	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	11:58	sobre globo, buscar cachaça, começam a aboiar enquanto roçam 4':	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. média intensidade motor presente
DIJITORIOT5	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	14:21	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
DIJITORIOT6	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	23:38	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
DIJITORIOT7	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	7:29	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
DIJITORIOT8	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	11:25	Conversas sobre toda quinta feira estar em Quixabeira, falam de Temer. História de paquera. Trava línguas: "Quixabeira desinixabeira bom desinixabeirador será."	7min Aboio recitado (não cantado) - Boi de Quixabeira - autoria: Genivaldo "Val"
DIJITORIOT9	2-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	DUAL - 744T	Oficineira	2:34	Aboio no digitório de Raul	som complexo contínuo transiente alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOVENA2T1	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	5:00	Novena de Nossa Senhora Aparecida, burburinho antes de começar, motos. Som do violão já começa a funcionar.	som complexo contínuo média e baixa freq. baixa intensidade
NOVENA2T10	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:49	Novena microfonada, cantos e palmas. Um pai nosso no meio	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOVENA2T12	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	1:09	Novena terminando e pessoal pegando o lanche	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
NOVENA2T13	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:22	Do lado da mesa do lanche da Novena	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
NOVENA2T15	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	1:00	Povo indo embora, motos e despedidas	som complexo contínuo motor média e baixa freq. alta e média intensidade
NOVENA2T2	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:16	De fora perto das crianças e novena cantando dentro da casa. Fogos	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
NOVENA2T5	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:08	Burburinho tosse reza de fundo Pai Nosso	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade

NOVENA2T7	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	5:11	Novena segue e do lado de fora burburinho com grilos	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOVENA2T8	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:59	Porta da Novena burburinho de fora.	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOVENA2T9	6-10-17	Sítio Alho - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	2:46	Sobre Arnaldo e a fé Novena Rezador, Pai Nosso	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
VISITAT2	8-10-17	Sítio Meleiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	32:43	Visita. Xaxá reza e começa a cantar e reza. Choro da viúva. Água no manjericão	som complexo contínuo rasgado média e baixa freq. média e baixa intensidade
VISITAT3	8-10-17	Sítio Meleiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	22:20	Visita. Xaxá reza e começa a cantar e reza. Choro da viúva. Água no manjericão	som complexo contínuo rasgado média e baixa freq. média e baixa intensidade
VISITAT5	8-10-17	Sítio Meleiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	06:57	Visita. Xaxá reza e começa a cantar e reza. Choro da viúva. Água no manjericão	som complexo contínuo rasgado média e baixa freq. média e baixa intensidade
VISITAT6	8-10-17	Sítio Meleiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	01:20	Visita. Xaxá reza e começa a cantar e reza. Choro da viúva. Água no manjericão	som complexo contínuo rasgado média e baixa freq. média e baixa intensidade
VISITAT7	8-10-17	Sítio Meleiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	03:37	Visita. Xaxá reza e começa a cantar e reza. Choro da viúva. Água no manjericão	som complexo contínuo rasgado média e baixa freq. média e baixa intensidade
VISITAT8	8-10-17	Sítio Meleiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	01:18	Visita. Xaxá reza e começa a cantar e reza. Choro da viúva. Água no manjericão	som complexo contínuo rasgado média e baixa freq. média e baixa intensidade

Apêndice 1.3 – Memória e Narrativas

NOME	DATA	COMUNIDADE	MODO	GRAVADO	MIN	DESCRIÇÃO	Característica sonora
170502_0018S12	2-5-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:39	Seu Ernesto fala dos ingredientes da cachaça medicinal que é a piada com o chifre da cabra mocha e raiz de poste.	som complexo falas alterna sons repetitivos prolongados transientes e únicos altura média INT NOITE
170502_0020S12	2-5-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	24:56	Conversa com Dona Firmina e Zé Ernesto, usa termos muito pernambucanos	som complexo contínuo variado frequências médias (falas) intensidade média INT reverberação NOITE falas
170502_0021S12	2-5-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	6:22	Conversa com Dona Firmina e Zé Ernesto sobre estudo formal e informal (conhecimento popular, termos locais e conhecimento da terra)	som complexo contínuo variado frequências médias (falas) intensidade média INT reverberação NOITE falas
CONVE2_0002S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	20:11	Dona Alaíde começa a contar do tempo passado. Dona Cici canta canções. Fala do BUZO. Cortejo, música de velório, vaquejada	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
CONVE2_0003S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	22:09	Lapinha, Dona Cici descreve, canta música, descreve capelinhas. Seu Zé canta para anjinhos.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
CONVE2_0007S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	8:55	Histórias de tranco de seu Zé de Citonho: acorda e aleijadinho. Mais perto de burburinho, risos.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
CONVER_0001S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	11:44	Conversa com Tia Creuza sobre a casa e as reformas. Sobre diferença de São João de cidade grande e da roça.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave Média e aguda freq. intensidade média. INT DIA. Falas ambiente de fora.
CONVER_0002S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	05:37	Conversa de todos no pomar sobre as frutas. Som da galha e umbu caindo.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave Média e aguda freq. intensidade média, uns transientes agudo e intensidade alta. EXT DIA. Falas
CONVER_0004S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	32:05	Conversa na porta de casa de Ticarro (Carlos) e Tia Alaíde, sobre seca e feijão no Bom Lugar. Ela fala e debilha, Vani conversa também.	som complexo, contínuo e transiente de debilha.

CONVER_0007S3	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	4:53	Seu Ernesto fala da sanfona e do São Gonçalo, diferenças de São Gonçalo. Cici fala uns Benditos. Chegam pessoas no final, Dona Cici falando e ruído de cadeiras.	som complexo variado dinâmica média e alta frequência aguda à média
CONVER_0010S3	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	31:42	Dona Alaíde começa a contar do tempo passado. Dona Cici canta canções. Fala do BUZO. Cortejo, música de velório, vaquejada	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
CONVER_0011S3	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	5:39	Reisado, falam dos que cantavam e não estão mais. Cantam. Descrevem as formas de dança. Aboio de Vovô.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
CONVER_0016S3	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	4:23	Histórias de tranco de seu Zé de Citonho: acorda. Mais perto de seu Zé de Citonho, risos.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
CONVER_0017S3	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	4:27	Histórias de tranco de seu Zé de Citonho: Aleijadinho. Mais perto de seu Zé de Citonho.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta. EXT NOITE. Falas.
BRINC1_0014	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	2 CANAIS - DR44	Oficinandas	3:13	Dona Cici conta sobre época da escola, sobre bolo (palmatória), agrupamento, bisca (bicheiro). Sobre brincadeira de passa anel, galho de amor.	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média para alta. INT DIA. Falas.
Cicio2_0009S3	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	3:35	Entrevista com Dona Cici sobre Renovação, fala ligeiro, brincadeira de criança no caminho, sobre escola antigamente	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média para alta. INT DIA. Falas.
HIST01_0011	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	2 CANAIS - DR44	Oficinandas	0:49	História sobre a mãe da mata	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média para baixa. INT DIA. Falas. reverberação
HIST01_0012	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	2 CANAIS - DR44	Oficinandas	1:34	História sobre Pesadelo	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média para baixa. INT DIA. Falas. reverberação
HIST01_0013	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	2 CANAIS - DR44	Oficinandas	2:14	História sobre Pesadelo Dona Cici e conversa com outros	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade média para baixa. INT DIA. Falas. reverberação
BUSO01_0002	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	0:13	Buzo - 1 toque, próximo, interior de casa	som contínuo médio intensidade alta. INT DIA.

BUSO01_0004	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	0:10	Buzo - tentativa média	som contínuo médio intensidade alta. INT DIA.
BUSO01_0005	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	0:10	Buzo - 1 toque, próximo, interior de casa	som contínuo médio intensidade alta. INT DIA.
BUSO01_0006	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	0:29	Buzo - várias tentativas, algumas falhas	som contínuo médio intensidade alta. INT DIA.
BUSO01_0008	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	2 CANAIS - DR44	Oficinandas	0:30	Buzo - vários toques, distância média, exterior	som contínuo médio intensidade alta. INT DIA.
BUSO01_0009	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	0:20	Reza de fogueira entre Dona Cici e Jucilene	
BUSO01_0010	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandas	0:40	Reza de fogueira entre Dona Cici e Jucilene	
MANHA1_0006	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:02	Dona Cici fala uma história de brincadeira com as palavras: topei dando	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e com picos média. INT DIA. Rever
FARINH_0001S3	6-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	15:16	Seu Zé conta das casas de farinha	som complexo contínuo e repetitivo. Grave e Média freq. intensidade média e com picos alto. EXT DIA.
FARINH_0003S3	6-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	18:56	Seu Zé continua sobre mandioca. Descreve o processo da feitura da goma.	som complexo contínuo e repetitivo. Grave e Média freq. intensidade média e com picos alto. EXT DIA.
VNDIA1_0012	3-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:47	Conversa sobre sambadores	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
ASSEMB_0017	4-6-17	Ponto Novo - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:09	Conversa com Dona Ester do Assentamento com Erica	
170605_0011	5-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:00	Conversa sobre o Várzea Nova FC entre Nor, Lindalva, Tio Carlos, Dione e Dinei	som contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade média para alta em alguns picos. INT Noite.
170606_0007S12	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	10:57	Conversa com Dona Mira sobre as apresentações	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média e alta intensidade. Fala
170606_0007S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	10:57	Conversa com Dona Mira sobre as apresentações	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média e alta intensidade. Fala
170606_0011S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	12:26	Seu Zeca fala conheceu o Samba Brasileiro, Erica faz perguntas. Quais instrumentos ele tocou.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média para alta intensidade.

170606_0012S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	8:23	Dona Mira (Camila) fala como aprendeu a tocar samba.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média para alta intensidade.
170606_0013S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	6:51	Dona Nair conta como aprendeu, fala da cultura. Dona Mira comenta. Passa moto. Fala de caboclo.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa para média intensidade.
170606_0014S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:41	Dona Nair começa a tocar Janaina e depois dá um recado para os jovens. Fala sobre rouça roubada.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0015S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	15:19	Seu Zeca canta e conta a história de um samba roubado. Dona Mira canta uma chula improvisada na hora. Dona Nair canta o samba	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0016S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	1:54	Batuque da gameleira	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0017S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	0:15	mexida em instrumentos, bora cantar Mira (seu Zeca)	
170606_0018S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:50	Seu Zeca canta chula sobre a Morte	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0019S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	2:50	Cantam samba "Entra mulher no samba", conversas depois do canto	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0020S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	4:07	Cantam samba "mulher, tu vem morar mais eu", "ô mãe eu também sou mãe"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0021S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:08	Cantam samba "varanda" / "vaqueiro"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0022S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	5:07	Cantam samba "piranha", conversando sobre samba e rádio, Canta "lambeu o rabo do gato", Mira canta duas rápidas seguidas e Nair assente, cantam "vaqueiro malvado"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
170606_0023S3	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	4:32	Cantam "O Lindalva vem ver"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Samba1_0001S3 / Samba1_0001S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	9:36	Seu Zeca canta e conta a história de um samba roubado. Dona Mira canta uma chula improvisada na hora. Dona Nair canta o samba	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média para alta intensidade.

Samba1_0003S3 / Samba1_0003S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	17:03	Seu Zeca canta e conta a história de um samba roubado. Dona Mira canta uma chula improvisada na hora. Dona Nair canta o samba de Martelo e batuque do Inácio. Dona Mira explica o batuque. Batuque da Ema.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Samba1_0004S3 / Samba1_0004S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	6:44	Seu Zeca canta chula da Morte, Cantam samba "Entra mulher no samba", conversas depois do canto. "ô mãe eu também sou mãe"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Samba1_0006S3 / Samba1_0006S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	4:26	Cantam samba "mulher, tu vem morar mais eu", "ô mãe eu também sou mãe"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Samba1_0007S3 / Samba1_0007S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	1:58	Cantam samba "varanda"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Samba1_0008S3 / Samba1_0008S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	7:57	Cantam samba "vaqueiro" / "piranha" / conversando sobre samba e rádio, Mira e Nair, cantam "vaqueiro malvado"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Samba1_0009S3 / Samba1_0009S4	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficinandos	4:50	Cantam "O Lindalva vem ver"	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. média para alta intensidade.
Gravações de áudio20170613170333	13-6-2017	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO	Oficineira	0:41	Seu Joaquim canta Linha que Deus deu	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
170613_0015S12	13-6-2017	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	18:49	Seu Joaquim conta história da sua mãe. canta os benditos que rezava para chuva	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. alta e média intensidade
170613_0044S12	13-6-2017	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	4:43	Seu Joaquim canta Chora Neném quem sentiu a dor fui eu / O lia tecendo seus colar	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
170613_0050S12	13-6-2017	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:36	Seu Joaquim canta Que que tem, bem?	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média e baixa intensidade
Gravações de áudio20170614180845	14-6-2017	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO	Oficineira	10:02	Seu Joaquim canta toalha de renda	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
DOM_BODOCT3	16-7-2017	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	2:45	Riga e Cláudio conversando sobre pássaros, imitação. Fala sobre forró e futebol	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade
DOM_BODOCT4	16-7-2017	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	7:36	Conversa com seu Luís sobre velhice, cabelo branco e careca. Bigode e sem dente, beijo murcho.	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade

ROCA_1_0008S3	18-7-2017	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:27	buzo de longe, pássaros	som monótono contínuo alta e média freq. baixa intensidade
ANDU_1_0004S3	19-7-2017	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficinandos	0:57	Buzo, pássaros	som monótono contínuo alta e média freq. baixa intensidade
RENOVACAOT1	21-7-2017	Sítio ? - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	16:38	Conversa com seu Xaxá sobre a reza lá de Lagoa Preta. Conta sobre como começou. Burburinho de fundo. Chamam ele para rezar.	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
LENE_DADOT1	26-7-2017	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira/Oficinandos	8:33	Conversa com seu Dado e Dona Lene sobre futebol do VNFC, sobre como era Várzea Nova e mata e depois sobre lobisomem	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
LENE_DADOT2	26-7-2017	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira/Oficinandos	24:29	Conversa com Lene sobre histórias de lobisomem, vaca.	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
LENE_DADOT3	26-7-2017	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira/Oficinandos	5:43	Conversa com Lene e Dado. Como vieram morar	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
LENE_DADOT6	26-7-2017	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - 744T	Oficineira	5:55	Seu Dado mostra fotos de futebol, no final conta do fogo na casa	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
Machad_0007S12	26-7-2017	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	36:36	Seu Dado conta do time de futebol, sobre quando chegaram, Dona Lene conta história de lobisomem	som complexo contínuo e repetitivo média freq. média intensidade
S_JOAQUIMT2	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	58:40	Seu Joaquim sobre pífano, novena reisado, canta músicas	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade
S_JOAQUIMT3	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	6:49	Seu Joaquim fala sobre o que mudou	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade
S_JOAQUIMT4	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	1:06	Seu Joaquim sobre padre que dizia coisa e a chuva caía	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade
FARINH_0010S12	1-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	57:26	Seu Joaquim sobre pífano, novena reisado, canta músicas	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade
LENAT2	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	13:55	Conversa com Dona Lena,. Explica Cosme e Damião.	som complexo contínuo média freq. média intensidade
LENAT3	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	1:04	Conversa com Dona Lena, conta para quem acende vela.	som complexo contínuo média freq. média intensidade
LENAT6	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	3:56	Conta um caso de sumiço	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade

PIFANOT1	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	22:28	Nel conta da banda de pífano	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
RAIZES_0001S12	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	26:19	Entrevista com Dona Bidu (raizeira) sobre ser mulher e cuidados com remédio do mato	som complexo contínuo média freq. média intensidade
RAIZES_0001S3	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficinandos	26:19	Entrevista com raizeira sobre ser mulher e cuidados com remédio do mato	som complexo contínuo média freq. alta e média intensidade
RAIZES_0002S12	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	37:10	Entrevista com raizeira Dona Ester sobre ser mulher e cuidados com remédio do mato	som complexo contínuo média freq. alta e média intensidade
RAIZES_0002S3	4-8-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficinandos	37:10	Entrevista com raizeira Dona Ester sobre ser mulher e cuidados com remédio do mato	som complexo contínuo média freq. alta e média intensidade
CARIRUT4	29-09-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficinando	6:17	Seu Joaquim conta história sobre despacho, matança. Dona Luiza comenta: misericórdia	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média e baixo intensidade
MARIAT1	1-10-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	3:33	Dona maria conta do Cariru	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
MARIAT2	1-10-17	Várzea Queimada - Caém - BA	MONO - 744T	Oficineira	36:53	Seu Tonho conta do reis que ele cantava, Dona maria conta mais sobre luta do Cariru, terço do Santo Antônio	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
BETINHOT1	2-10-17	Junco - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	38:44	Raul conversa com Padrinho Betinho, conta como chegou em junco/várzea nova. Canta Batalhão	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
BETINHOT2	2-10-17	Junco - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	8:16	Professora conta como era a infância dela. Betinho conta história de que ensina aboio	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
BETINHOT3	2-10-17	Junco - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	7:07	Explicam o que é o boi roubado: imita sons do fogo e ordem das músicas, boi de quadra, bandeiro e roça	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
BETINHOT4	2-10-17	Junco - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	7:54	Fala mais da brincadeira de ABOIO	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
LINDA_NORT3	3-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	9:36	Nor continua contando como foi o processo. Lindalva conta de reisado e relação com política. Religião e trabalho de base.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
SAT1	3-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	8:22	Encontro de sambadores. Batalhão comida e dança. começa a tocar e pessoal completa	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade

SAT2	3-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	21:11	Zeca conta história de João Batista depois canta chula.	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. média intensidade
AT10	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	12:45	Dona Mira canta a música que ela cantou na rádio. Canta outras músicas.	som complexo contínuo média freq. média intensidade
AT9	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	22:54	Dona Mira conta como cria os sambas.	som complexo contínuo média freq. média intensidade
RAULT1	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina -PE	MONO - 744T	Oficineira	21:37	Raul explica o que é Digitório, mutirão etc.	som complexo contínuo média freq. alta e média intensidade
BOMRETIROT2	6-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	8:15	Ovelhas mais próximas e conversa com marido de Alaide, fala das ovelhas e depois da seca	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
ALAIDET1	7-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	10:01	Conversa com Dona Alaide sobre desde que ela se mudou para o Sítio Bom Retiro.	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
ALAIDET2	7-10-17	Sítio Bom Retiro - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	10:59	Conversa com Dona Alaide sobre crianças de antes e de hoje. Sobre roça e se sustentar na feira, festas e danças de antigamente.	som complexo contínuo média e baixa freq. alta e média intensidade
HERMEST1	7-10-17	Sítio Serra Nova - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	40:12	Seu Hermes conta sobre histórico de luta da comunidade. Guinés cantando	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
HERMEST2	7-10-17	Sítio Serra Nova - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	6:09	Seu Hermes continua sobre luta em recife. Motor de liquidificador	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
ISABELT1	7-10-17		MONO - 744T	Oficineira	46:44	Dona Isabel conta sua história e de Bodocó. Guinés cantam de fundo e familiares as vezes conversam e mexem em coisas.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CICIT1	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	4:01	Conversa com Dona Cici sobre história da região, roça	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CICIT2	7-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	5:15	Conversa com Dona Cici sobre pai que contava história, rádio e bíblia. Trabalho na roça em grupo e estudo.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CICIT4	7-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	4:24	Conversa com Cici sobre Novena, Renovação, Visita. Feira para se preparar para festa	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade
CICIT5	7-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	4:13	Conversa com Cici sobre sonhos e jogo do bicho. Relação com animais na roça e mãe.	som complexo contínuo média e baixa freq. média intensidade

SAOGONCALT1	7-10-17	Sítio Caiçara - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	28:19	Dona Joaquina conta sua história de romance e canta alguns são Gonçalo, lapinha e conta da história de Bodocó.	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
SAOGONCALT2	7-10-17	Sítio Caiçara - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	17:02	Dona Joaquina canta e recita lapinha. No interior perto da mesa.	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
SAOGONCALT3	7-10-17	Sítio Caiçara - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	1:31	Dona Socorro canta música da lapinha	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade
SAOGONCALT4	7-10-17	Sítio Caiçara - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	12:19	Dona Socorro canta lapinha várias / canções populares da época da mãe dela	som complexo contínuo média e baixa freq. média e baixa intensidade

Apêndice 1.4 – Paisagem

NOME	DATA	COMUNIDADE	MODO	GRAVADO	MIN	DESCRIÇÃO	Característica sonora
COLHE3_0055	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:44	Cigarra em primeiro plano, pássaros ao fundo e batida de música de fundo, guiné no início	ritmado presença primeiro plano e fundo
COLHE3_0056	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:00	Pássaros, galo fundo	distante
COLHE3_0057	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:53	Abelhas	som mais neutro contínuo repetitivo intensidade bem baixa frequência aguda para média sem reverberação ext. dia
COLHE3_0058	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:42	Pássaros (Xeques e outros), avô do Mangangá, moto	som mais neutro contínuo repetitivo intensidade bem baixa frequência aguda para média sem reverberação ext. dia
COLHE3_0054	1-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:53	Guiné	ritmado presença primeiro plano e fundo
170503_0023	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:35	Abelhas, chocalho de fundo	som mais neutro contínuo repetitivo intensidade bem baixa frequência aguda para média sem reverberação ext. dia
170503_0023S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:23	Amanhecendo no Bom Lugar, galos cantam (alto no início depois longe), pintinhos, cabeça vermelha no fundo, galinhas	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0024S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:21	Amanhecendo no Bom Lugar, embaixo de árvore, galinhas batem asas, porco, cabeça vermelha médio presente, cachorro vem perto	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0025S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:40	Amanhecendo no Bom Lugar, pássaro cabeça vermelha mais presente, galo de longe, pintinhos	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0026S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:10	Amanhecendo no Bom Lugar, pássaro cabeça vermelha várias distancias, galo de longe, pintinhos	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade alta pra média. EXT DIA.
170503_0028	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:30	Galinha azoada	???
170503_0029	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:33	Pássaro, cigarra	som contínuo repetitivo alta intensidade sem reverberação ext. dia
170503_0030	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:54	Galinha, chocalho bode, moto, mosca, riso, berro do bode	

170503_0036S12	3-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	0:41	Abelhas, passarinhos pontuais	som complexo contínuo repetitivo média intensidade média reverberação INT DIA
Nature_0011S12	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:04	Ambiente pássaros, carro de fundo, cachorro late ao longe, casaca de couro	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade baixa e constante. EXT DIA.
Nature_0012S12	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	2:10	Ambiente pássaros, carro de fundo, passa cachorro, guiné cantam no fundo, cachorro late, casaca de couro	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade baixa e constante. EXT DIA.
Nature_0013S12	4-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficinandas	1:30	Ambiente pássaros, motor de fundo, passa cachorro, respira. cantos mais marcados	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade baixa e constante. EXT DIA.
BRINC1_0017	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	01:53	Guiné de manhã, outros pássaros de fundo. Dois tipos de canto de guiné. Chocalho no fundo.	som complexo contínuo e repetitivo. Média e aguda freq. intensidade baixa . EXT DIA.
MANHA1_0001	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	04:44	Amanhecendo, pássaros e galos de longe, Guiné de manhã começam devagar e depois cacarejando alto	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e com picos média. EXT DIA.
MANHA1_0002	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:47	Guiné cacarejando alto bem de perto, param, pássaros de fundo, recomeçam	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e com picos média. EXT DIA.
MANHA1_0003	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	02:30	Guiné cacarejando alto mais afastado, param, pássaros de fundo (bem te vi), recomeçam	som complexo contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e com picos média. EXT DIA.
Feijao_0015S12	5-5-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	00:51	Ambiente interno, passarinho	som contínuo e repetitivo. Média freq. intensidade baixa e constante . INT DIA. Reverberação.
170606_0016	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:34	Ambiente amanhecendo, poucos pássaros, galos ao fundo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170606_0017	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:30	Ambiente amanhecendo, poucos pássaros, galos ao fundo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170606_0018	6-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:50	Ambiente amanhecendo, pássaros casaca de couro início do arquivo, outros pássaros e galo no final	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0001	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	0:27	Amanhecer em Várzea Nova, alguns galos	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0002	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:11	Amanhecer em Várzea Nova, alguns galos	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade reverberação nas falas distantes
170607_0003	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:00	Amanhecer em Várzea Nova, alguns galos mais próximos, outros de longe, pássaro e jumento de longe (jegue), moto	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade reverberação nas falas distantes

170607_0005	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:00	Amanhecer em Várzea Nova, alguns galos mais próximos, outros de longe, pássaro, guiné de longe	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade reverberação nas falas distantes
170607_0006	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:01	Amanhecer em Várzea Nova, galos de longe, pássaro, guiné, jegue e coruja (?) de longe	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade reverberação nas falas distantes
170607_0007	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	6:30	Amanhecer em Várzea Nova atrás da biblioteca (5h20), galos de longe (um galo rouco), pássaros de longe	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade reverberação nas falas distantes
170607_0008	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:24	Amanhecer em Várzea Nova, galos de longe (um galo rouco), pássaros aumentam de longe, mula, asas de pássaros, guiné	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade reverberação nas falas distantes
170607_0009	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	4:34	Amanhecer em Várzea Nova atrás da casa de Lindalva, galos de longe, pássaros aumentam de longe (casaca de couro), galinhas	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0010	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficineira	2:14	Amanhecer em Várzea Nova atrás da casa de Lindalva, galos de longe, pássaros aumentam de longe, galinhas	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0016S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	00:18	ambiente amanhecendo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0018S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	00:55	Ambiente amanhecendo, pássaro, galo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0019S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	00:27	Ambiente amanhecendo, pássaro, galo. jegue de fundo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0020S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:16	Ambiente amanhecendo, pássaro, galo, cachorro, chocalho	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0021S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:32	Ambiente amanhecendo, pássaros, galo, galinha	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170607_0024	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	2:34	Amanhecer em Várzea Nova, pássaros, som mecânico de uma casa, alguém arrumando cozinha, burra no final	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0025	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:11	Amanhecer em Várzea Nova, pássaros (casaca de couro), som mecânico de uma casa	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade.
170607_0028S12.1	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	10:06	Amanhecer, cachorro, pássaros	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade.

170607_0029S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	7:26	Amanhecer, pássaros mais variados, cachorros e bois de fundo, passos, motor, jegues no final	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade.
170607_0030S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	9:12	Amanhecer, pássaros mais variados, cachorros, música, no final casaca de couro, moto no início	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade.
170607_0032S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:17	jegue	som contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade.
170607_0033S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:25	jegue	som contínuo e repetitivo média e baixa freq. média intensidade.
AEUuU_0012S12	7-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	01:29	chocalho de longe, vento	som complexo contínuo e repetitivo alta média e baixa freq. baixa intensidade.
CELEBR_0015	8-6-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	MONO - DR44	Oficinandos	0:32	Grilo	som simples contínuo e repetitivo alta frequência e baixa intensidade
170613_0012S3 / 170613_0012S4	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	1:46	Ninho do pardal na escola, carros e motos começam a passar. Falas lá fora	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média e baixa intensidade
170613_0013S3 / 170613_0013S4	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	2:05	Na frente da escola no meio das casas, amanhecendo, passa moto	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. média e baixa intensidade
170613_0023	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:20	pássaros	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170613_0025	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	0:42	passarinhos na escola	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
170613_0045S12	13-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	7:01	pássaros fim de tarde na frente da escola, conversas, passa moto	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
gerAl_0005S3 / gerAl_0005S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	0:43	Amanhecendo em várzea queimada, galo, galinhas, pássaros	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
gerAl_0011S3 / gerAl_0011S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	1:32	Pássaros pardal de manhã, jegue ao longe	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade
gerAl_0013S3 / gerAl_0013S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	1:30	Manhã, moto passa, galinhas e pintinhos mais distante, som de pratos dentro da casa	som complexo contínuo e repetitivo alta e média freq. baixa intensidade
PAO1_0001S3 / PAO1_0001S4	17-6-17	Várzea Queimada - Caem - BA	L - DR44 / R - DR44	Oficineira	1:11	amanhecendo, galinhas, pássaros	som complexo contínuo e repetitivo média freq. baixa intensidade

DOM_BODOCT1	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	0:42	Casaca de couro cantando algumas vezes final, pessoal conversando de longe	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
DOM_BODOCT14	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	3:04	Vento de noite	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
DOM_BODOCT16	16-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	6:01	Grilo, vento, cachorros latem de noite, galinhas indo dormir	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
ABOIO2_0011S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	0:22	galinha d'angola de longe, guiné, grilo	som complexo contínuo média freq. baixa intensidade
ABOIO2_0012S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	1:30	Embaixo de árvore, abelha e galinha d'angola/guiné ao fundo	som complexo contínuo média freq. baixa intensidade
ABOIO2_0013S3	18-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - DR44	Oficineira	2:15	Galinha d'angola/guiné ao fundo, pássaros. início grilo. tudo de longe. Vaca	som complexo contínuo média freq. baixa intensidade
NOITE_BODT1	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	1:24	Noite, grilo	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOITE_BODT2	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	0:16	Noite, grilo mais próximo	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOITE_BODT3	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	1:13	Noite, grilo mais próximo	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOITE_BODT4	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	2:34	Noite, grilo mais distante, cachorros ao fundo, vento	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOITE_BODT5	19-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	1:08	Noite, grilo forte à direita, cachorros mais alto, vento	som complexo e transiente contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
NOITE_BODT10	20-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	2:07	Amanhecendo, manhã cedo, vento. Galinha bota	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOITE_BODT11	20-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	1:13	Amanhecendo, manhã cedo, casaca de couro, pintinhos	som complexo contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade
NOITE_BODT9	20-7-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	ESTEREO - 744T	Oficineira	1:33	Amanhecendo, manhã cedo, guinés, galinhas e perus cantam. Pessoas da casa acordam, tosse	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
PedraC_0010S12	21-7-17	Pedra do Claranã - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:05	Caverna, árvore dos desejos, vento nas folhas, pássaros ao fundo, inseto de fundo	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
PedraC_0004S12	21-7-17	Pedra do Claranã - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	1:38	Encima da Pedra, gavião e passarinhos, gritos fundo de criança	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
PedraC_0012S12	21-7-17	Pedra do Claranã - Bodocó - PE	ESTEREO - DR44	Oficineira	3:01	saída da pedra embaixo de árvores, vento e passarinho	som complexo contínuo e repetitivo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
Setapa_0056S3	25-7-17	Várzea Nova - Jacobina - BA	ESTEREO - DR44	Oficinandos	1:26	vento conversas de fundo	som contínuo e repetitivo média e baixa freq. baixa intensidade

AT1	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina - PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:20	Amanhecendo em Várzea Nova, pássaros, galo. Pássaro estranho, casaca de couro.	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
AT3	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina - PE	DUAL - 744T	Oficineira	1:24	Amanhecendo em Várzea Nova, pássaros, galo. Começa com jumento/jegue	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
AT5	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina - PE	DUAL - 744T	Oficineira	7:00	Amanhecendo em Várzea Nova, pássaros, galo. galinhas	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
AT6	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina - PE	DUAL - 744T	Oficineira	5:00	Amanhecendo em Várzea Nova, pássaros, galo. galinhas. Casaca de couro bem de perto	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
AT8	4-10-17	Várzea Nova - Jacobina - PE	DUAL - 744T	Oficineira	6:08	Amanhecendo em Várzea Nova, pássaros, galo. galinhas. Casaca de couro bem de perto, apontado pra biblioteca	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOITEBT1	6-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:09	Noite em Bodocó com vento, passa carro distante	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOITEBT2	6-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:27	Noite em Bodocó com vento, perto do galinheiro, grilos e guinés ao fundo.	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOITEBT3	6-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:10	Vento nas folhas do coqueiro e grilo, cachorros latem	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOITEBT4	6-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:03	Noite Bodocó apontando para a horta, todos sons menos presentes, chocalho no fundo, caburé canta	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. alta e média intensidade
GUINENOITT1	7-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	MONO - 744T	Oficineira	5:18	Noite 21h30 guinés de longe e cachorro, chega seu Zé	som complexo contínuo alta média e baixa freq. baixa intensidade
MANHACT1	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:02	Amanhecer pássaros galo vento nas folhas	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
MANHACT2	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:06	Amanhecer próximo ao porco peru e galo	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
MANHACT3	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:49	Amanhecer mais próxima de galinhas e perus	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
MANHACT4	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	7:20	Amanhecer perus	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
MANHACT5	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	3:30	Amanhecer árvore na frente e pintinhos à direita. Perus de fundo, vento, galo	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
MANHACT6	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:45	Amanhecer embaixo de árvores, vento. galinhas, pintinhos, galo	som complexo contínuo alta e média e baixa freq. baixa intensidade
NOITECT2	8-10-17	Sítio Bom Lugar - Bodocó - PE	DUAL - 744T	Oficineira	4:01	Guinés início de noite cantando para dormir ou vir chuva, passa moto	som complexo contínuo transiente média e baixa freq. média intensidade